



**ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL – PPGECH**



KOXAWIRI TAPIRAPÉ

**ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS APYÃWA E LETRAMENTO EM
LÍNGUA MATERNA**

**BARRA DO BUGRES-MT
Setembro - 2022**

KOXAWIRI TAPIRAPÉ

**ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS APYÃWA E LETRAMENTO EM
LÍNGUA MATERNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de Concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Profa. Dra. Eunice Dias de Paula.

BARRA DO BUGRES-MT
Setembro – 2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Tapirapé, Koxawiri.

Alfabetização das crianças Apyãwa e Letramento em língua materna.

Dissertação

Universidade do Estado de Mato Grosso, Programa de Pós Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, 2022.

121 p.

1. Povo Apyãwa 2. Alfabetização 3. Letramento 4. Língua.

KOXAWIRI TAPIRAPÉ

**ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS APYÃWA E LETRAMENTO EM
LÍNGUA MATERNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour”, Barra do Bugres, MT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovada em 15 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Eunice Dias de Paula (PPGECEI/UNEMAT)

Orientador(a)

Prof.^a. Dr.^a. Lucimar Luísa Ferreira (PPGECEI/UNEMAT)

Examinadora Interna

Prof^a. Dr^a. Maria Gorete Neto (FIEI - UFMG)

Examinadora Externa

DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação de mestrado à minha orientadora querida, que me instigou a ser a melhor versão de mim do início ao fim desse processo. Dedico essa dissertação de mestrado ao meu esposo, meu grande companheiro, que está sempre comigo me incentivando a ser alguém melhor. Também, à minha mãe (*in memoriam*) e ao meu pai, meu exemplo de homem e de ser humano, que sempre me apoiou para que eu chegasse até aqui. Dedico essa dissertação ao meu povo Apyãwa - Tapirapé, especialmente, aos estudantes que queiram continuar os seus estudos, para manter viva sua memória e tradição.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a *Xerexamoja* e *Myraty*, grandes nossos protetores, por sempre me auxiliarem nos momentos de dificuldade, pela vida e perseverança na certeza por dias melhores. Colocando as pessoas maravilhosas em meu caminho, as quais me fazem acreditar em um mundo melhor e me encorajam a prosseguir. Obrigado por me guiarem em todos os momentos na minha vida.

Aos meus pais, meus sinceros agradecimentos que sempre estiveram ao meu lado, são meu suporte e alicerce nas vitórias, e motivo pelo qual a cada dia tento buscar e ser melhor. À minha mãe Pawygoo (*in memoriam*), que sempre foi minha parceira, pelas orientações e pelas contribuições nos direcionamentos em buscar compreender coisas que antes passavam despercebidas. Que falta você me faz!

Ao meu esposo Taroko Edimundo Tapirapé, pelo apoio em todos os momentos, inclusive na realização desta pesquisa. Agradeço, de modo especial, à minha filha Emokaxa'i Laryssa Tapirapé, por ter caminhado ao meu lado, pela paciência e compreensão nos momentos de construção da minha dissertação.

A minha orientadora Dra. Eunice Dias de Paula meus sinceros agradecimentos por tudo que fez por mim. No que tange ao profissional, pelas orientações, direcionamento de ler, buscar e tentar compreender coisas que antes passavam despercebidas. Agradeço pela oportunidade por estar pronta a nos ajudar e pela convivência ao longo deste ano (ainda que em breves momentos), mas suficientes para perceber e aprender com sua humildade e humanidade. Obrigada por me mostrar esse mundo novo, do olhar linguístico e pedagógico, de me colocar no lugar do outro e pelo seu exemplo de luta e coragem diante dos problemas!

Ao Programa de Pós Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, pela oportunidade da realização do Mestrado. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão de vagas para que pudéssemos desenvolver um trabalho em relação à Educação Escolar Indígena.

Aos integrantes componentes da banca de avaliação deste trabalho pelas sugestões e contribuições nas minhas reflexões, especialmente às professoras Dra. Maria Gorete Neto e Dra. Lucimar Luísa Ferreira.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural UNEMAT, em especial ao Professor Adailton Alves da Silva, Mônica Cidele, Waldineia, João Severino, Wiliam, Ana Paula, Lisanil, Neodir, Cidinha, Judite Albuquerque por todo conhecimento transmitido durante o curso de Mestrado, além de incentivo, disponibilidade e apoio que sempre demonstraram.

Ao meu cunhado Waraxowoo'i Maurício Tapirapé, pela muitas fotografias cedidas e, pela contribuição no estudo *online*.

Não posso deixar de agradecer ao meu povo Apyãwa, pois nesse meio que aprendi os valores no âmbito da minha comunidade, além do estudo de mestrado, aqui aprendi a refletir que nunca quero aceitar a realidade que já vem pronta. Nesse meio aprendi a ver o mundo de modo diferente. Agradeço especialmente a Wario (José Pio Xywaeri Tapirapé), Ware'i (Kamoriwa'i Elber Tapirapé), Irimakwao (Júlio César Tawy'i Tapirapé), Ieremy'i (Josimar Xawapare'ymi Tapirapé) e à Moray'i (Lisete Mareaparygi Tapirapé)¹, que me cederam as entrevistas e os conhecimentos, especialmente, sobre o ensino das crianças Apyãwa. Agradeço a todos aqueles que contribuíram, de algum modo ou tornaram possível a realização da observação do ensino das crianças de alfabetização na sala de aula e na aula de campo da presente dissertação. Obrigada!

¹ É costume de nosso povo Apyãwa mudar os nomes conforme a pessoa muda de faixa etária. Assim, o nome de uso social não coincide com o nome que está no Registro de Nascimento. Nesta Dissertação, eu coloco primeiro o nome de uso social das pessoas e entre parênteses, eu coloco o nome que está na Certidão de Nascimento.

MARAGETÃ MATOREJXEÃWA

Ã te'omara a'era mo xexema'eawa parepy, a'e pe ekwe axe'eg Apyãwa reka ropi pityga ma'eawa re, ywyraxe kwaxiaãwa re xema'eawi pe Apyãwa xe'egimo. Ã te'omara pe kwee a'e ramo akwaxiaty wexemiexaka, marygato mi xane xima'e pityga ikaãwyma re xerexeka ixope kwaãwakamatata. Kwewiwe a'era mo xiroty irekawo pityga ima'eteewo axawi konomi, kotatai ixara mo, eta agy ramo, awyri pe, te'yjpe iexagakata ixope ma'e apaãwa, a'ere xowe ia'yga iapaãkata ixope, a'e pe xowe xane ixara mo, eta agy ramo iexaga emiapa ixope. Axekwe a'era mo mi pityga axara pawypawyri ma'e apawo ikwaãwi ma'e apaãwa akawo rano, a'eete ramo axemaryj'ygawa ropi we pityga ikwaãwi akawo ma'e axemaryj'ygirõ agy rewiri. Emanyn xepe a'era mo ikwaãwi aawo akawo a'ega ma'e apaãwa, aranowa, xemaxerekakatoawa rano. Emanyn a'era xane awã ramo xanexama'eawa. Te'omara ywypyete a'era mo pityga ma'eawa xema'eajpe ywyraxe kwaxiaãwa re xerexe'egimo, ikwaãwakata ixope ma'e ramo ywaripe aoxekatoete xanewe xema'eawa. A'epe ekwe akoma'e, koxy axema'epywo we imaxerekakato wemikwaãwa iapyretaroga wemipoenowa rano. Ã te'omara apawo kwee axe'egenop awaxewete, aixak kwee maãpyt marama'eara te'omara, marygato mi ima'e wemima'e agy irakwapa. Xe'aranowa a'era mo imaxerekakatowo inoga pitywera ma'eawa mo xerexaope marama'eara gy ramo. Emanyn a'era xe'aranowa, ipyrowo gy, marama'eara gy, ma'era aoxekatoete xanewe xema'eawa awa'yawera, koxamokowera ma'eawa ramo.

Xe'egete awyma: Apyãwa. Pityga ma'eãwa. Xema'eajpe ywyraxe kwaxiaãwa re.

TAPIRAPÉ, Koxawiri. **Alfabetização das crianças Apyãwa e Letramento em língua materna.** 121 f. Texto de Defesa (Mestrado em Ensino em Contexto Indígena e Intercultural) - Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado. Orientadora: Dra. Eunice Dias de Paula. Barra do Bugres, 2022.

RESUMO

Este texto apresenta os resultados da minha pesquisa de Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, concretizada a partir da experiência e convivência junto com o meu povo Apyãwa, da Terra Indígena Urubu Branco, situada na região Nordeste do estado de Mato Grosso no Médio Araguaia, com o objetivo de construir uma reflexão sobre um novo paradigma de alfabetização das crianças Apyãwa, para fortalecer o contexto escolar da nossa sociedade. As reflexões surgiram a partir do tema Alfabetização das Crianças Apyãwa e Letramento em Língua Materna e, neste sentido, a metodologia de alfabetização na língua materna da criança Apyãwa se adequa ao processo educativo sociocultural da nossa comunidade. O método utilizado foi a análise dos dados coletados, através dos quais poderemos desenvolver e construir uma proposta voltada a nossa realidade para atender a demanda da nossa comunidade, possibilitando a superação das dificuldades encontradas no processo de ensino e de aprendizagem em língua materna. Para esta pesquisa, foram realizadas observações das salas de aulas, das aulas de campo com os professores e foram realizadas entrevistas com sábios Apyãwa na aldeia Tapi'itãwa. Espero que os resultados dessa pesquisa possam possibilitar as reflexões feitas em contexto para formação dos professores Apyãwa em ensino contextualizado no âmbito escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Apyãwa, Alfabetização, Letramento, Língua Materna.

TAPIRAPÉ, Koxawiri. **Alfabetização das crianças Apyãwa e Letramento em língua materna.** 121 f. Texto de Defesa (Mestrado em Ensino em Contexto Indígena e Intercultural) - Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado. Orientadora: Dra. Eunice Dias de Paula. Barra do Bugres, 2022.

ABSTRACT

This text presents the results of my Master's research in Teaching in an Intercultural Indigenous Context, based on the experience and coexistence with my Apyãwa people, from the Urubu Branco Indigenous Land, located in the Northeast region of the state of Mato Grosso in the Middle Araguaia, with the objective of building a reflection on a new literacy paradigm for Apyãwa children, to strengthen the school context of our society. The reflections emerged from the theme Apyãwa Children's Literacy and Mother Tongue Literacy and, in this sense, the literacy methodology in the Apyãwa child's mother tongue fits the sociocultural educational process of our community. The method used was the analysis of the collected data, through which we will be able to develop and build a proposal aimed at our reality to meet the demand of our community, making it possible to overcome the difficulties encountered in the teaching and learning process in the mother tongue. For this research, observations were made in classrooms, field classes with teachers and interviews were carried out with Apyãwa sages in the Tapi'itãwa village. I hope that the results of this research can make possible the reflections made in context for the training of Apyãwa teachers in contextualized teaching in the school environment.

Key words: Apyãwa people, Literacy, Mother tongue.

TAPIRAPÉ, Koxawiri. **Apyãwa children's literacy and mother tongue literacy**. 121 f. Defense Text (Master's in Teaching in Indigenous and Intercultural Context) - State University of Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado. Advisor: Dr. Eunice Dias de Paula. Barra do Bugres, 2022.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANTAPAMA: Associação dos povos Tupi do Pará, Mato Grosso e Maranhão

CIMI: Conselho Indigenista Missionário

CNE: Conselho Nacional de Educação

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC: Ministério da Educação

PPP: Projeto Político Pedagógico

SPI: Serviço de Proteção ao Índio

TI: Terra Indígena

UFG: Universidade Federal de Goiás

UNEMAT: Universidade do Estado de Mato Grosso

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Ritual de Iraxao realizado na aldeia Tapi'itãwa.....	p. 19
Figura 02: Menina enfeitada para o ritual do desmame.....	p. 48
Figura 03: Menina Apyãwa dando de comer ao seu papagaio.....	p. 50
Figura 04: Meninos Apyãwa cuidando do filhote de gavião.....	p. 51
Figura 05: Koxamare'i trabalhando os conhecimentos culturais com os alunos.	p. 54
Figura 06: Os primeiros docentes Apyãwa no curso Projeto Inajá.....	p. 58
Figura 07: Texto de aluno relatando a matança de gado da Fazenda.....	p. 61
Figura 08: Capa do Jornal Maranowa.....	p. 62
Figura 09: Página de uma apostila utilizada pelo professor.....	p. 64
Figura 10: Peneirando a massa de mandioca para fazer farinha.....	p. 71
Figura 11: Estudantes observando o modo de preparar a <i>mimakeka</i>	p. 71
Figura 12: Colheita de abóboras durante a aula de campo.....	p. 72
Figura 13: Atividades das crianças formando os nomes dos desenhos.....	p. 75
Figura 14: Avô ensinando os netos a trançarem um cesto de palha.....	p. 89
Figura 15: Produção de desenho e texto de uma criança em fase inicial de aquisição da escrita.....	p. 90
Figura 16: Produção de desenho e texto de uma criança em fase inicial de aquisição da escrita.....	p. 91
Figura 17: Produção de desenho e texto de uma criança no 2º. ano de escolarização.....	p. 91
Figura 18: Produção de desenho e texto de Arywi.....	p. 96
Figura 19: Produção de desenho e texto de Xakowe.....	p. 97
Figura 20: Produção de desenho e texto de Tomã.....	p. 98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 14
CAPÍTULO I: O POVO APYÃWA (TAPIRAPÉ).....	p. 19
1.1 Autobiografia comentada.....	p. 27
1.1.1 Conselhos do meu avô paterno.....	p. 27
1.1.2 Minha história de infância.....	p. 29
1.1.3 Mudança de fase de vida.....	p. 33
1.1.4 Minha alfabetização.....	p. 35
1.1.5 Cursando o Ensino Médio.....	p. 38
1.1.6 Meu estudo no Magistério Intercultural.....	p. 39
1.1.7 Minha vida acadêmica.....	p. 40
1.1.8 Experiência da Prática Pedagógica.....	p. 41
CAPÍTULO II: EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO APYÃWA.....	p. 43
2.1 Os cuidados com os bebês.....	p. 43
2.2 O desmame da criança Apyãwa.....	p. 46
2.3 O aprendizado da criança.....	p. 49
CAPÍTULO III: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.....	p. 52
3.1 – A educação escolar entre os Apyãwa.....	p. 54
CAPÍTULO IV: A PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS SALAS DE ALFABETIZAÇÃO.....	p. 63
4.1 – A primeira observação.....	p. 63
4.2 – A segunda observação.....	p. 67
4.3 – A terceira observação.....	p. 74
4.4 – Depoimentos dos professores Apyãwa.....	p. 77
4.4.1 – Depoimento do professor Irimakwao (Júlio César Tawy'i Tapirapé)	p. 78
4.4.2 – Depoimento do professor Jeremy'i (Josimar Xawapare'ymi Tapirapé) ...	p. 79
4.4.3 – Depoimento do professor Ware'i (Kamoriwa'i Elber Tapirapé)	p. 81
CAPÍTULO V: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO.....	p. 85
5.1 – A criança na cosmovisão Apyãwa.....	p. 87
5.2 – Como os primeiros professores trabalhavam.....	p. 89
5.3 - A proposta de letramento em língua Apyãwa.....	p. 95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 101
REFERÊNCIAS.....	p. 103
ANEXO: PRODUTO PEDAGÓGICO.....	p. 105

INTRODUÇÃO

O tema da minha pesquisa focaliza o processo de alfabetização das crianças Apyãwa. Eu escolhi esse tema porque observo que, o ensino da língua materna durante o período de alfabetização de crianças Apyãwa, está focado mais no contexto escolar da sociedade envolvente, repetindo práticas de ensino baseada em exercícios repetitivos que não consideram a criança como um sujeito ativo do seu próprio processo de aquisição da escrita.

A pesquisa está fundamentada em autores que pesquisaram sobre a aquisição da escrita (CAGLIARI (1996), ABAURRE (1997) BRAGGIO (1999), PAULA (1997, 2001), e construíram um novo paradigma que tem como princípio o fato de a criança ser sujeito do seu próprio processo de alfabetização, constituindo, na verdade, um letramento social. Neste sentido, a metodologia de alfabetização na língua materna da criança Apyãwa se adequa ao processo educativo sociocultural da nossa comunidade, constituindo, assim, um letramento (SOARES e BATISTA, 2005).

Nesse aspecto, o modelo da metodologia da sociedade envolvente está influenciando na alfabetização da língua materna da criança Apyãwa. Considerando que o processo educativo de escolarização precisa partir do contexto sociocultural da nossa comunidade (LDBEN, 1996), constato que, dessa forma, relega-se a segundo plano a especificidade do povo Apyãwa, além de promover um trabalho fragmentado na escola.

Por este motivo, ressaltamos o interesse em realizar a pesquisa com a finalidade de analisar o processo de ensino e de aprendizagem durante a alfabetização e, a partir dos dados coletados e analisados, sugerir e/ou desenvolver possibilidades teórico-metodológicas que contemplem a nossa realidade, em língua materna Apyãwa, para atender com mais facilidade a aprendizagem, superando as dificuldades que se encontra na alfabetização.

A importância dessa pesquisa é investigar as metodologias abordadas pelos professores da fase de alfabetização, para produzir uma alternativa na língua materna que atenda à demanda da nossa comunidade em relação ao letramento. Em minhas observações, constato que os docentes dos anos iniciais da vida escolar dos Apyãwa, utilizam uma metodologia baseada em fragmentação silábica, semelhante à adotada nas escolas não indígenas.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Indígena Estadual “Tapi’itãwa”, localizada na Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa, MT. As salas de aula que observei foram a 1ª e a 2ª fase do 1º. Ciclo, turmas nas quais as crianças estão no processo de aquisição da escrita. Essas turmas correspondem ao primeiro e segundo ano do ensino fundamental.

Os problemas de pesquisa que elencamos são os seguintes:

- A metodologia de alfabetização de criança Apyãwa para o ensino da língua materna está sendo trabalhada no contexto escolar do povo indígena?
- Porque a alfabetização do povo Apyãwa (Tapirapé) é focada mais no modelo da alfabetização da sociedade envolvente?
- Porque a metodologia de alfabetização do povo Apyãwa (Tapirapé) está sendo menos praticada na língua materna para o desenvolvimento dos alunos na sala de aula?
- Quais são as metodologias de alfabetização próprias do povo Apyãwa que podem ser usadas com os alunos em busca de facilitar a alfabetização na sala de aula?

Diante destes problemas, levantamos algumas hipóteses:

- A metodologia no modelo da sociedade envolvente influencia na alfabetização do povo Apyãwa.
- A metodologia de alfabetização do povo Apyãwa está menos abordada por falta de material específico da comunidade.
- É fundamental os professores Apyãwa criarem o seu próprio material pedagógico conforme o perfil dos seus alunos para atender com mais facilidade a aprendizagem ou as dificuldades que se encontram no processo de alfabetização.

Diante da situação relatada, elaboramos como Objetivo Geral de nossa pesquisa: “Analisar o modo de ensino das crianças Apyãwa para identificar e produzir metodologias que atendam com mais facilidade a compreensão da criança na alfabetização”. E como detalhamento deste Objetivo Geral, elencamos os seguintes Objetivos Específicos:

- Fortalecer a metodologia de alfabetização da criança Apyãwa na sala de aula em língua materna.
- Produzir o material didático na língua materna especificamente para alfabetização e letramento.
- Observar a metodologia desenvolvida pelos professores Apyãwa de alfabetização.
- Utilizar uma estratégia desenvolvendo metodologia como um ensino satisfatório para os professores lecionarem na sala de aula com seus educandos da alfabetização.

A justificativa para realizar este projeto de pesquisa é que o enfoque sobre a metodologia de alfabetização da criança Apyãwa se torna relevante, porque a maioria dos professores, não somente os de alfabetização, realiza o seu planejamento das aulas somente na língua portuguesa. Nesse sentido, está acontecendo a desvalorização da língua materna pelos próprios conhecedores dos saberes Apyãwa. Neste ponto, percebe-se que, através dessa prática, o ensino e aprendizagem de nossas crianças está fragilizado e pode resultar em fracasso diante da perspectiva de vitalização de nossa língua originária.

Por esse motivo, interessei-me em realizar a pesquisa com a finalidade de verificar as principais necessidades e fragilidades no ensino e na aprendizagem da criança Apyãwa e, ao mesmo tempo, desenvolver metodologias de ensino na língua materna. Simultaneamente ao desenvolvimento da pesquisa, percebo que é possível mostrar como trabalhar com as crianças Apyãwa na alfabetização, desenvolvendo um verdadeiro processo de letramento em língua materna

Essa criatividade da experiência construída durante a pesquisa ficará disponível como uma proposta para os professores se orientarem, ou seja, como guia na preparação de metodologia desenvolvida em língua materna no ensino de alfabetização. O trabalho produzido ficará à disposição para qualquer pessoa interessada que quiser aprofundar o seu conhecimento na elaboração de metodologias na língua materna.

O Referencial Teórico que utilizamos para refletir sobre o processo de alfabetização em língua materna é composto pelas obras dos autores e autoras que estudaram sobre o processo de aquisição da escrita, como Silvia Lúcia Bigonjal Braggio (1992, 1999), que realizou pesquisas com crianças indígenas do povo Xerente e também com crianças não indígenas. Bernadete Abaurre (1997) e Luiz Carlos Cagliari (1996) que realizaram pesquisas com crianças não indígenas e Paula (1997, 2001) que estudou o processo de aquisição da escrita entre as crianças do povo Apyãwa e um Trabalho de Conclusão de Curso de Magistério Intercultural – Projeto Aranowa’yao, que focaliza a aquisição da língua materna pela criança Apyãwa (TAPIRAPÉ, K., 2012).

Também consultei autores que se dedicaram às reflexões sobre educação, como Paulo Freire (1989, p. 9), pois este autor elaborou um conceito que, no meu entender, está de acordo com a educação do povo Apyãwa: “primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”. Dessa forma, observo que as crianças do povo Apyãwa fazem uma leitura do mundo em que elas vivem antes mesmo de entrarem

para a escola. No ambiente escolar, as palavras do mundo vivenciado pelas crianças deveriam ser as principais palavras da alfabetização e do processo de letramento.

Esses conceitos de alfabetização e letramento foram estudados por Soares e Batista (2005). Para estes autores, a alfabetização é

o “ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras”. Assim, uma pessoa alfabetizada é entendida como aquela que domina as “primeiras letras”, que domina as habilidades básicas ou iniciais do ler e do escrever. Ao longo do século XX, porém, esse conceito de alfabetização foi sendo progressivamente ampliado, em razão de necessidades sociais e políticas, a ponto de já não se considerar alfabetizado aquele que apenas domina o sistema de escrita e as capacidades básicas de leitura e escrita, mas aquele que sabe usar a linguagem escrita para exercer uma prática social em que essa modalidade da língua é necessária. (SOARES E BATISTA, 2005, p. 47)

Essa ampliação do conceito de alfabetização que não trata somente do domínio das primeiras letras, mas aborda o uso da escrita como uma prática social, ficou conhecida como letramento,

o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita. Assim, para corresponder adequadamente às características e demandas da sociedade atual, é necessário que as pessoas sejam alfabetizadas e letradas; no entanto, há alfabetizados não letrados e também é possível haver analfabetos com um certo nível de letramento. (SOARES e BATISTA, 2005, p. 50)

Apresento, também, o conceito de letramento cultural elaborado pela pesquisadora Manaxero (Katypyxowa Graciela Tapirapé): “estou usando o conceito de letramento cultural para significar a maneira como as crianças adquirem os conhecimentos próprios de nossa cultura e como elas usam dentro da nossa sociedade estes conhecimentos”. (TAPIRAPÉ, K. G., 2022, p. 21)

Dessa forma, estes autores e autoras constituem o referencial teórico que irá orientar o desenvolvimento desta pesquisa.

Esta pesquisa foi de natureza qualitativa. Conforme Bogdan e Bikle (apud LUDKE e ANDRÉ, 1986) são características da pesquisa qualitativa: a) a fonte de dados é o ambiente natural e o pesquisador é o principal instrumento da pesquisa. Ou seja, os fatos são estudados no ambiente em que eles ocorrem naturalmente, sem interferências intencionais do pesquisador; b) há uma predominância dos dados descritivos na coleta de dados. Os dados da realidade são todos considerados importantes; c) há maior

preocupação com o processo do que com o produto; d) o pesquisador focaliza, de modo especial, o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida.

Como faço parte do corpo da escola, considero que esta pesquisa também foi uma pesquisa participante:

A pesquisa participante representa o rompimento com a neutralidade científica e se constitui num desafio científico, cultural e social, uma vez que há, por parte do/a pesquisador/a, a vivência junto ao fenômeno que se está pesquisando. Na pesquisa participante, você participa de todas as ações e etapas da pesquisa, está envolvido/a com o lócus da investigação, e/ou faz parte do grupo investigado. Há um envolvimento encarnado politicamente e, muitas vezes, se pretende intervir no sentido cultural-econômico-social dentro da realidade pesquisada. (FERREIRA, 2020, p. 20)

Para desenvolver esta pesquisa, trabalhei com os seguintes procedimentos metodológicos:

- Entrevista com os professores Apyãwa que atuam na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa alfabetizando turmas de 1º Ciclo, 1ª e 2ª Fases;
- Levantamento de metodologias de alfabetização para detectar procedimentos que possam auxiliar no avanço da melhoria de ensino da criança Apyãwa;
- Acompanhamento das aulas de professores ou professoras Apyãwa dos anos iniciais para observar a forma de conduzir a metodologia preparada para essas turmas;
- Produção de material pedagógico para uso de metodologia preparada a partir do contexto sociocultural destinada às crianças Apyãwa em fase de alfabetização e letramento;
- Oficina com os docentes das séries iniciais da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa para discutir sobre um paradigma de alfabetização e letramento a partir do contexto sociocultural Apyãwa.

No primeiro Capítulo apresento informações sobre o meu povo Apyãwa, trazendo dados históricos, linguísticos e populacionais e a organização social de nossa comunidade. Acrescento, também, a minha autobiografia neste Capítulo. No segundo Capítulo, relato como é a educação tradicional que os Apyãwa vivenciam, desde os cuidados com os bebês, o desmame da criança e os aprendizados que elas desenvolvem junto à sua família. No terceiro Capítulo, abordo a educação escolar desde que ela foi

implantada em nossa comunidade a pedido de nossos pais e mães, quando estavam lutando pela demarcação da Terra Indígena Tapirapé-Karajá. No quarto Capítulo, relato e analiso as minhas observações em sala de aula. No quinto Capítulo, apresento uma proposta pedagógica de trabalho para os docentes da fase inicial de aquisição da escrita pelas crianças Apyãwa. Por fim, faço as Considerações Finais.

CAPÍTULO I – O POVO APYÃWA (TAPIRAPÉ)

Figura 01: Ritual de Iraxao realizado na Aldeia Tapi'itãwa



Fonte: Waraxowoo'i Mauricio Tapirapé, 2021.

O povo Apyãwa vive no nordeste do estado de Mato Grosso, na Terra Indígena Urubu Branco que abrange três municípios: Confresa, Porto Alegre do Norte e Santa Terezinha, com extensão de área de 157.533 hectares.

Além dessa Terra Indígena Urubu Branco, o nosso povo Apyãwa tem outra Terra demarcada, homologada e registrada, conhecida como Terra Indígena Tapirapé/Karajá que abrange dois municípios: Santa Terezinha e Luciara no estado de Mato Grosso, com sua extensão de 66.000 hectares, onde algumas famílias do povo Apyãwa Tapirapé moram. Também nessa Terra habita o povo Iny Karajá em duas aldeias, Ixala e Hawalora.

A população estimada do povo Apyãwa nessas duas áreas chega, aproximadamente, a mais de 1000 pessoas, divididas entre oito aldeias: Tapi'itãwa, Myryxitãwa, Akara'ytãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa, Wiriaotãwa, Inataotãwa e Majtyritãwa.

A nossa língua materna pertence à família Tupi-Guarani, do tronco linguístico Tupi (RODRIGUES, 1986), a qual utilizamos para a comunicação entre nós, no contexto social do nosso povo Apyãwa. Além da nossa língua materna, sabemos utilizar a língua portuguesa para ter contato com a sociedade envolvente e com outros povos. Nós, Apyãwa, entendemos que a segunda língua é muito importante nos dias atuais, porque fora da aldeia, nas cidades a gente utiliza essa língua no comércio, no hospital, no banco, na universidade, na viagem e assim por diante.

A nossa organização social segue a decisão da nossa comunidade conforme o costume tradicional, no qual a terra demarcada é de toda comunidade. Também dentro da organização social do povo Apyãwa existem dois grupos fundamentais, Wyraxiga e Araxã. Estes grupos de Wyrã constituem as metades cerimoniais e dividem os trabalhos comunitários, principalmente na construção da Takãra (casa cerimonial ou casa dos homens). Nesta casa são tratadas as programações das festas tradicionais, o planejamento das atividades agrícolas, entre outros assuntos. As metades cerimoniais atuam também na caçada, no ritual Tawã (cara grande) e desta forma segue a organização em todas as festas tradicionais (WAGLEY, 1988).

Segundo os sábios atuais Apyãwa, como o sr. Korako (Francisco Kaorewygi Tapirapé, 84 anos), sr. Wario (José Pio Xywaeri Tapirapé, 74 anos) e sr. Orope'i (Luís Myryxywyga Tapirapé, 70 anos), afirmam que ainda mantêm essa organização para todos os rituais, assim cada uma das metades tem a sua regra para praticar. Por essa razão, há procedimentos que são indispensáveis, conforme a sua regra, no intuito de fortalecer e deixar bem viva a participação das metades cerimoniais.

Com relação à organização das atividades produtivas da roça, na cultura do povo Apyãwa, é realizada pelos familiares da família extensa ou em comunidade, porque cada família tem pessoas capazes de buscar alimentos, fazer o seu próprio sustento. Desta forma, na roça comunitária, a participação de cada um é fundamental para todos terem direito e acesso à produção e ao consumo. A distribuição em família existe de várias formas, uma delas é contemplar com produto as pessoas que trabalham ou trabalharam, assim a nossa cultura ainda continua viva e forte.

Então, o nosso povo Apyãwa se sustenta com atividades de agricultura, caça e pesca, produtos da roça e coleta de fruta que consumimos. A maioria dos vegetais que conhecemos também são utilizados para produzir os artesanatos e remédios.

Na história dos Apyãwa, sabemos que o nosso povo vivia primeiro no território Yrywo'ywãwa, Urubu Branco. Nessa época, conforme Baldus (1970), viviam isolados da sociedade nacional, praticando somente suas festas tradicionais, com sua floresta inteira e nativa sem nenhum desmatamento, enfim. Nessa época, o território Urubu Branco não era limitado, como hoje se encontra homologado, demarcado e registrado no cartório. Por isso, na época dos nossos antepassados, uma família Kayapó tinha uma aldeia temporária para perseguir o povo Apyãwa. Em 1947, aconteceu um grande ataque, no qual foram assassinadas três mulheres, Eirowa, Tamanaxowa, Karaxamori e foram raptados o menino Wakore e duas mulheres Iparewao'i e Pawygoo. Meu pai, José Pio Xywaeri Tapirapé conta que os Kayapó costumavam atacar nossa comunidade, quando havia poucas pessoas na aldeia para facilitar o ataque e raptar, de preferência, mocinhas. Pelo entendimento do meu pai isso era feito para elas criarem família na comunidade Kayapó. Desta forma, aconteceu com a jovem Iparewao'i.

A aldeia maior do povo Apyãwa era Ipirakwaritãwa (aldeia do buraco dos peixes), atualmente, conhecida como Tapi'itãwa (Urubu Branco). Essa aldeia sofreu ataque dos Kayapó. Nesse ataque, Taropã, especialista como arqueiro, matou uma quantidade boa de guerreiros Kayapó, defendendo sua esposa Iparewao'i, que foi raptada.

Por causa do ataque dos Kayapó, o povo Apyãwa abandonou a aldeia Tapi'itãwa, terra tradicional. Com essa ocorrência, a comunidade Apyãwa migrou para outra localidade, deixando o lugar de origem, aldeias, cemitérios, seus produtos da roça, enfim.

Deixando este território, os fazendeiros começaram a entrar desmatando a mata nativa para formar pastagem, com o objetivo de criarem rebanhos de gado.

Nossos avós afirmam que os Apyãwa se reuniram e acamparam na margem do rio Awiowy, conhecido como rio Tapirapé. Então, o SPI – Serviço de Proteção ao Índio, os levaram para o Posto Indígena Heloísa Alberto Torres, na barra do rio Tapirapé (COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1998). Neste lugar, o povo Apyãwa conheceu o povo Karajá, onde o SPI já estava atuando e fazendo o seu trabalho com essa comunidade.

Segundo nossos historiadores contam que, ao fazer o percurso até chegar ao posto indígena, morreram muitas pessoas, fazendo o número da quantidade das pessoas reduzir para 48 pessoas entre adultos e crianças. Essa redução se originou por causa de surgimento de várias doenças, principalmente sarampo, catapora, malária, gripe. Por ter transferir de um lugar para outro uma pessoa perdeu a sua vida afogada.

O senhor meu pai, José Pio Xywaeri Tapirapé, afirma que o fato de afogamento se originou quando a família Apyãwa estava sendo levada de barco pequeno, à noite, de São Pedro para o Posto Indígena Heloísa Alberto Torres, do SPI, situado na foz do Rio Tapirapé. Disse que, nesta viagem, o barco virou por ter batido em algo, mais ou menos perto de meia noite. O povo Apyãwa conhece esse lugar pelo nome Awaxaxynoo ma'e, e os pajés Apyãwa conhecem como o lugar de *orokoko*, cobra grande que fica na água. Por ter acontecido esse fato, meu pai pensa que jacaré ou a cobra grande da água comeu duas pessoas adultas, conhecidas pelos nomes Kaxowari'i e Xawapikato. Um menino conhecido como Tyweri também morreu afogado, porém, o corpo dele foi encontrado na beira do rio. Já o corpo dessas duas pessoas adultas não foi encontrado. Outras pessoas que estavam junto com eles conseguiram se salvar pelos colegas que sabiam nadar até chegar na margem do rio e sair da água. Com a sua certeza, ele conta que essas pessoas salvas conseguiram tirar o barco e o motor da água, deixando tudo pronto para continuar a viagem até chega ao destino, posto da SPI. Então, ele contou para os demais presentes que o barco bateu em algo e virou, originando perda de três vidas.

Naquela época, já tinha alguma entidade de apoio, principalmente não governamentais, Prelazia de Conceição do Araguaia e os freis dominicanos, que se apresentaram para cuidar do nosso povo. Nessa jornada de trabalho, o povo Apyãwa conheceu o padre Francisco Jentel (francês), uma pessoa que lutou pela causa indígena. O bispo de Conceição do Araguaia, D. Luís Palha, convidou as Irmãzinhas de Jesus para prestar serviço na área de saúde, com o objetivo de controlar a mortalidade da população Apyãwa que estava indo para a direção da extinção.

Em 1952, a Irmãzinha de Jesus, Genoveva Helena Boye chegou na Aldeia Apyãwa, vindo da França com sua equipe para morar junto com povo Apyãwa. A atuação das Irmãzinhas na Aldeia Apyãwa freou a mortalidade das pessoas com atendimento

correto pelo medicamento farmacêutico. A partir disso, a população do povo Apyãwa começou a crescer novamente.

Nessa época, a Área Tapirapé/Karajá estava em processo de reconhecimento como terra indígena. Por essa razão, o povo Apyãwa tinha que marcar sua presença no território Tapirapé/Karajá lutando pela terra indígena para ser reconhecida legalmente pelas autoridades competentes como área indígena, com posse permanente do nosso povo Apyãwa e do povo Karajá que se encontrava ali.

No momento que a Terra Indígena Tapirapé/Karajá foi demarcada, homologada e registrada em 1983, o povo Apyãwa começou a reivindicar a retomada do território tradicional Yrywo'ywãwa (Urubu Branco), o qual nunca deixou de esquecer e deixou de ocupar. Segundo a minha avó materna Warara'i (*in memorian*), os líderes idosos do povo sempre lembravam diariamente da vivência naquele lugar. Assim, os jovens Apyãwa eram desafiados, através de reuniões noturnas no pátio da Takãra, a lutarem pela retomada de nosso território ancestral. Meu pai me contou que, a partir desse desafio, ele se encorajou como Cacique da aldeia e da comunidade, mobilizando outras pessoas para se reunirem e traçarem a retomada do território Yrywo'ywawa, conhecido como Urubu Branco. Disse que, desta forma, a reunião aconteceu, na aldeia Orokotãwa.

Tomando coragem novamente de lutar pela terra tradicional do seu povo, os Apyãwa se reuniram para discutir sobre a reocupação do território tradicional Yrywo'ywawa, onde se encontravam cemitérios dos entes queridos, vestígios, lugares sagrados do nosso povo. Por este motivo, acontecia a visita do território tradicional, a cada ano, até mesmo para buscar taquari para confeccionar as flechas. Além disso, iam para limpar o cemitério dos parentes e também limpar os caminhos dos lugares sagrados, principalmente, o caminho da serra, da cachoeira Xani'aona, 'bagre preto', Yrywo'ywãwa, 'bebedouro de urubu rei', dois lugares que são considerados como espaços sagrados pelos Apyãwa. Através dessa consideração e pela informação de pajés Apyãwa, sabemos que Xani'aona é a casa dos espíritos das crianças e Yrywo'ywawa é conhecido como a casa de espírito Wareperi. Então, somente os pajés que conseguem ver e dialogar com esses espíritos. A Serra de Towajaãwa, conhecida como serra São João, também é muito importante, dizem que nela tem espíritos, bichos ferozes, como um deles

Axygeapokaja ‘espírito que grita’ e Kwaxio ‘dragão’. Segundo informe dos pajés, nesta serra também existem espíritos bons que protegem os Apyãwa das coisas ruins, como os donos de plantas medicinais, enfim.

Essa riqueza que são os espaços sagrados, ajudou a ganhar força para a conquista da homologação e da demarcação da Terra Indígena Tapi’itãwa. Nesse sentido, a equipe da FUNAI – Fundação Nacional do Índio, tomou a decisão da criação de um grupo de trabalho, para colher informação concreta, se realmente o povo Apyãwa habitava há muitos anos neste lugar. O grupo de trabalho foi chefiado pelo antropólogo André Amaral de Toral, de São Paulo. Este trabalho foi fundamental para definir os limites da terra para demarcar. Nessa tarefa, os estudantes do povo Apyãwa foram envolvidos. Assim, eles e elas iam visitar o território tradicional juntamente com os sábios e, com as informações deles, foi produzido o livro Xanetawa Parageta, que relata as histórias de todas as aldeias que havia na região do Urubu Branco (COMUNIDADE TAPIRAPÉ, 1998).

No ano de 1993, o território tradicional reivindicado foi reconhecido como terra indígena do Povo Apyãwa. Então, por iniciativa de uma família, a família de Korirã Tapirapé foi ocupar o retiro de uma fazenda, onde se instalou numa casa. Segundo informação da família, nessa luta a família encontrou muita dificuldade pela falta de assistência na parte de saúde, transporte e por falta de alimentação produzida na roça. Nessa época, o meio de comunicação foi por meio de rádio amador disponibilizado pela FUNAI, no intuito de passar as notícias da luta enfrentada naquele lugar.

Lembrando que nessa época tivemos uma pessoa da comunidade Apyãwa na Câmara Municipal de Santa Terezinha como vereador. Essa pessoa ficou apoiando para transportar a mudança da família ao território tradicional. Desta forma, pouco a pouco, foram outras famílias se mudando para Terra Indígena Urubu Branco, formando a aldeia Tapi’itãwa, onde a população Apyãwa escolheu uma pessoa para assumir como cacique organizando a comunidade da aldeia Tapi’itãwa.

Destacamos também que, na Terra Indígena Urubu Branco, existiam fazendas maiores como a Fazenda Lucrean, Córrego da Onça, Santa Laura, Sapeva e Codebra que haviam invadido nosso território ancestral.

Em 1994, o presidente da FUNAI aprovou o relatório produzido pelo Grupo de Trabalho. Isso aconteceu graças à pressão das lideranças juntamente com a FUNAI, e os aliados dos Apyãwa como o CIMI e a Prelazia de São Félix do Araguaia. O ministro da Justiça, Nelson Jobim, assinou a portaria nº 599 no mês de outubro de 1996, declarando a Terra indígena Urubu Branco como posse permanente do povo Apyãwa, a qual foi homologada no mesmo ano. Quando essa terra foi homologada, o povo Apyãwa ocupou as fazendas, pouco a pouco, expulsando os fazendeiros, que retiraram os seus gados imediatamente, porque não tinham mais o direito de permanecer nesta terra. Essa decisão foi tomada através da reunião da comunidade Apyãwa, por motivo que a retirada dos fazendeiros estava demorando. Por isso, foi feito esse encaminhamento por nossa conta própria, de acordo com a nossa cultura. A partir disso, as lideranças Apyãwa levantaram a proposta para abrir as aldeias em cada fazenda ocupada para segurar e garantir a conquista dessa terra. Assim, a luta do povo Apyãwa se potencializou, na qual até hoje nós estamos.

Em 2000, quase todas as famílias da aldeia Majtyritãwa já haviam se mudado para a Terra Indígena Urubu Branco, devido à luta da sua terra tradicional. A maioria das famílias veio na aldeia Tapi'itãwa, a primeira aldeia fundada, por isso, essa aldeia é a maior aldeia dos Apyãwa. A partir disso, outras famílias Apyãwa estavam com intenção de abrir outra nova aldeia, e foram criadas as aldeias Akara'ytãwa, onde era fazenda Santa Laura; Wiriaotãwa, onde era fazenda Codebra, recentemente, foi criada a segunda aldeia Wiriaotãwa. Também temos Aldeia Xapi'ikeatãwa, onde era fazenda Sapeva e a Aldeia Inataotãwa foi criada na beira do rio Tapirapé, no local conhecido também na língua portuguesa como Santa Luzia. Assim, o povo Apyãwa conseguiu criar as suas Aldeias dentro da Terra Indígena Tradicional Urubu Branco.

Atualmente, na aldeia Majtyritãwa moram famílias Apyãwa e algumas famílias do povo Iny – Karajá, somando aproximadamente 120 pessoas. Foi assim que o nosso povo Apyãwa conseguiu demarcar sua terra tradicional Urubu Branco, mas, mesmo assim, ainda enfrentamos problemas fundiários referente a invasões de madeireiros, fazendeiros e posseiros no norte do nosso território. Por isso, a luta continua no objetivo de resolver essa questão para que o nosso povo Apyãwa possa viver feliz, de uma forma harmoniosa,

tendo direitos e acessos à sabedoria milenar para contribuir no fortalecimento da nossa história e da nossa língua materna. Então, com relação ao meu povo Apyãwa, eu trago essa informação para os demais conhecerem um pouco a comunidade Apyãwa - Tapirapé.

1.1 Autobiografia comentada

1.1.1 Conselhos do meu avô paterno

Antes do meu nascimento, o meu pai recebia conselhos do meu avô Arapaxigi referente ao papel de liderança tradicional, ele dizia para o meu pai da seguinte forma: _Meu filho, você foi preparado desde pequeno para ser uma futura liderança. Por isso, é importante você e os seus irmãos saberem e aprenderem comigo o papel de liderança tradicional do nosso povo Apyãwa enquanto eu estou vivo e praticando esse conhecimento como chefe de cerimônias. Porque, futuramente, alguns de vocês vão querer ser liderança representando a nossa comunidade. Então, eu tenho que repassar o meu conhecimento para vocês sobre regras que são exigidas para fazer esse papel, informando vocês para ficarem cientes sobre quem pode e quem não pode assumir essa função. Então, para mim, particularmente, não quero ver um de vocês assumirem a função do chefe, representando a nossa comunidade, isso eu coloco para vocês porque, futuramente, a organização desse conhecimento não vai ser realizado da forma que estamos praticando. Então, a pessoa que vai assumir a função do chefe vai ficar sobrecarregado e ter muita responsabilidade na organização de várias modalidades culturais realizadas pela nossa comunidade. Mesmo que nós nos dividimos para fazer o nosso papel de organizar diferentes eventos culturais da nossa comunidade, encontramos muita dificuldade, imagina vocês que vão conviver em dois mundos. Com isso, eu me preocupo muito por vocês, dizia meu avô para o meu pai.

A preparação de uma futura liderança tradicional Apyãwa sempre parte da iniciativa da família, assim como a preparação do meu pai se realizou através da conversa do meu tio Paxeapara com a minha avó Mytygoo. Na nossa cultura Apyãwa, as pessoas da família são responsáveis pela maior parte da preparação de uma futura liderança, tanto

na parte do gênero masculino como no gênero feminino. Segundo meu pai afirma, esse processo de preparação a família inicia quando o seu filho ou sua filha estão pequenos ainda, dessa forma eu fui preparado pela minha família para ser liderança, disse o meu pai.

Então, a partir da conversa com seu primo Paxeapara, a minha avó concordou com a preparação do meu pai como futura liderança Apyãwa da nossa comunidade. No momento que o meu avô Paxeapara realizou a distribuição de *kawio*, cauim de milho fermentado, que era levado para o meu pai e para as pessoas que já estavam se preparando como futuros chefes. Pois, como o meu pai era pequeno ainda, não podia tomar esse cauim, então era colocado só a mão dele no cauim que era pego com a cuia, já a pessoa adulta que está no processo de preparação, tem direito de colocar cauim na boca e, em seguida, jogar fora. As pessoas que tomam de verdade cauim fermentado junto com as pessoas que estão se preparando para ser liderança, têm direito de ser pago pelos pais, ou seja, pelas famílias, porque faz mal para a pessoa. O pagamento naquele tempo era feito com arara, pilão, panela de *xaj'oma* 'argila' e outros artefatos.

Na realização de preparação desse processo, os meninos e as meninas têm todo direito de receber os cuidados da família para serem enfeitados no dia a dia e, principalmente, nas festas tradicionais. O menino que é preparado para ser uma futura liderança Apyãwa, usa *myxo'y* no tornozelo como a menina usa, e esse *myxo'y* é utilizado somente pelos meninos que estão no processo de preparo. O ritual *kawio* era realizado somente à meia noite pelo homem que sabia o canto e o ritmo do canto. Também esse homem era acompanhado pela própria esposa ou, então, por outra mulher.

A regra exigida para os pais, naquele tempo, era não se separar da esposa, ou seja, não se separar do esposo, ambos têm direito de viver juntos o resto da sua vida. Quando acontece desentendimento do casal, enquanto o seu filho ainda está no processo de preparo, a família decide se é para continuar ou encerrar a sua preparação. Segundo meu pai afirma, dessa forma aconteceu desentendimento da minha avó Mytygoo com meu avô Arapaxigi. Por isso, ele não queria que o meu pai continuasse o seu processo de preparo, porém, o tio Paxeapara e a tia dele não concordavam, porque eles se responsabilizaram

para o meu pai prosseguir o seu processo de preparo. Então, foi dessa forma que o meu pai continuou o seu processo de preparo de futura liderança.

Mesmo assim, o meu avô Arapaxigi não queria que um dos seus filhos assumissem essa função, por motivo da separação da minha avó. Porque, quando um casal se separa não faz um bom papel e nem um bom exemplo para suas famílias, por isso, a nossa cultura não permite para essas pessoas se responsabilizarem com a comunidade e com qualquer demanda que é para resolver em coletividade, principalmente, sobre as festas tradicionais, dizia meu avô para o meu pai.

Então, depois do falecimento do meu avô, a comunidade tomou a decisão para o meu pai assumir a função de liderança tradicional. Porém, logo o meu pai e os seus irmãos se lembraram do conselho do meu avô, e isso deixou o meu pai confuso, se iria assumir ou não. E o irmão dele, Xakareo'i, também não queria que o meu pai assumisse como liderança tradicional, por causa de muitos conselhos recebidos do meu avô a respeito desse papel. Mesmo assim, o tio dele, Xako'iapari, insistiu e conversou com ele particularmente para aceitar a decisão da comunidade, porque dizem que ele, como liderança cerimonial, nunca queria viajar, até mesmo porque não sabia viajar. Por isso, o meu pai, que sabia pelo menos viajar e sabia falar um pouco em português, teria como acompanhar o trabalho com os não indígenas a respeito da demarcação de nossa terra e em outras demandas da comunidade. Com todo respeito, o meu pai aceitou essa decisão para ser liderança tradicional da nossa comunidade Apyãwa. Então, dessa forma o meu pai assumiu a função do chefe.

1.1.2 Minha história de infância

Eu nasci no dia 02 de maio de 1983, na aldeia Orokotãwa, Terra Indígena Tapirapé/Karajá, localizada no município de Santa Teresinha, Mato Grosso. No momento em que eu nasci, recebi o meu primeiro nome Mytaona, da parte materna. Na nossa cultura Apyãwa existe recebimento de nome das duas partes da família, da mãe e do pai. Esse nome que eu recebi, foi da minha avó Warara'i, tia da minha mãe, foi com ela que eu convivi desde que a minha mãe me desmamou. Eu convivi com a minha avó até os

nove anos de idade, depois que ela faleceu de mim, me aproximei mais da minha mãe. Durante a convivência com a minha avó, recebia muitos conselhos dela e, muitas vezes, ela se deitava comigo para contar histórias e, até mesmo, me incentivando sobre os conhecimentos que, nós mulheres Apyãwa, podemos aprender para continuar fortalecendo nossa cultura.

No meu nascimento, os meus pais fizeram o seu papel de me cuidar bem para que eu crescesse com uma boa saúde. Então, iniciando o seu papel depois do meu nascimento eles ficaram no resguardo sem consumir os alimentos que são preparados ou feitos com carne de caça, peixes, aves. Tudo isso não é permitido para os pais e mães do recém-nascido. A comida que é liberada, é somente *kawi*, bebida tradicional feita com água e arroz, ou seja, arroz cozido ou com outro produto que serve para fazer *kawi*. Além disso, não se pode fazer qualquer atividade, evitando a não machucar ou colocar o espírito do bebê numa coisa que se faz, por exemplo, neste período, o pai não pode cortar lenha. Então, culturalmente essa prática é realizada e respeitada pelo nosso povo Apyãwa (Tapirapé). Com isso, depois de terminar o resguardo são liberados o consumo de carne de caça, peixes com outro tipo de alimentos e a realização de atividades. Dessa forma, meus dois genitores continuaram a não consumir os alimentos diferentes dos outros até eu parar de mamar, para que a consequência dos alimentos consumidos não me afetasse. Quando o meu pai ia banhar no rio, ou ia para a roça, ou pescar tinha que colocar as folhas atravessando a estrada, fazendo uma barreira impedindo a passagem do meu espírito. Nessa fase, o espírito da criança não pode acompanhar o movimento do seu pai para que não dificulte o seu crescimento. Isso se realiza quando ainda é recente a saída do resguardo.

No meu desmame, os meus pais consumiam os alimentos diferentes dos outros, porém, nesse processo eu e eles ainda continuamos a não consumir os alimentos que não são liberados para consumir nessa fase. Conforme o nosso costume, o consumo desse tipo de alimento é liberado só depois de três meses para a consequência dos alimentos consumidos não afetarem as crianças.

Também, durante essa fase, a mãe e o pai da criança preparam todos os materiais que as meninas e os meninos usam no ritual do seu desmame. Os materiais que a mãe

prepara são: *paãpy*, *ywawara*, *myxo 'y*, *tamakoramapipoko*, *awai*, *xywaypyaramoro*, colar com dentinho de capivara e colar de miçanga e urucum, esses são os materiais para as meninas. Os meninos também usam esses materiais, só não o colar com dentinho de capivara e *myxo 'y*. Porque o menino também tem o seu colar próprio, que o nosso povo Apyãwa conhece como *ma 'yranemaja*. O papel do pai é preparar *yyka*, a resina de certa madeira que é a cola tradicional do nosso povo Apyãwa. Caça mergulhão para tirar penugem, mutum e arara vermelha. Esses materiais são utilizados pelas crianças do gênero masculino e gênero feminino.

Realizando o ritual do meu desmame, a minha mãe colocou *myxo 'y* no meu tornozelo, *ywawara* embaixo do meu joelho, *paãpy* no meu braço. Passou *yyka*, resina na batata da minha perna e no meu braço, logo em seguida passou a penugem de mergulhão no local, antes de secar para colar bem. Daí em diante, *tamakoramapipoko* é colocado atrás do *paãpy* junto com *awai* e *xywaypyaramoro* no meu braço. Passou urucum no meu cabelo e colocou colar com dente de capivara e colar de miçanga no meu pescoço. Nesse primeiro ritual, ficamos mais três meses sem consumir os alimentos que não são permitidos consumir neste momento.

A penugem de mergulhão e a penugem de gavião tesoura é de uso especial para enfeitar as crianças Apyãwa, porque a criança pode banhar e a penugem de mergulhão não estraga fácil. Até porque o mergulhão habita em dois ambientes. A penugem de gavião tesoura também não estraga fácil quando a criança banha, ela seca rápido. Também a penugem de gavião tesoura é bem branquinha e a penugem de mergulhão é um pouco cinza.

Depois desse processo, os meus pais continuaram fazendo o seu papel de me cuidar bem e me incentivando a ter muito cuidado para que não acontecesse algumas coisas ruins na minha pessoa. Através desse processo, os meus pais já vieram me preparando para a nossa realidade que a nossa cultura delibera, para que futuramente eu continuasse realizando todos os processos praticados em todos os rituais de passagem que a nossa cultura exige.

Através do incentivo dos meus pais, eu fui conhecendo e aprendendo ouvindo, brincando, observando, presenciando e praticando algumas atividades femininas

realizadas com a minha família em casa, no pátio da casa, na roça, na pescaria com timbó, na colheita de frutas, na confecção de arte, na participação da festa tradicional, ritual e a dos animais de estimação silvestres. Esses são os principais assuntos de ensino e aprendizagem da nossa cultura em relação aos nossos costumes.

O principal ensino cultural que a criança Apyãwa pratica, na sua infância, é a criação de alguns animais silvestres, como as aves aquáticas, as aves do cerrado e as aves da mata fechada. Com essa prática de ensino, os pais educam os seus filhos como se pode cuidar dos animais de estimação. Nessa prática de conhecimento, a menina é ensinada pela mãe e o menino é ensinado pelo pai sobre os cuidados que podem ter com os seus animaizinhos de estimação como, os tipos de alimentos que certos animais consomem, na preparação dos diversos alimentos para cada tipo de animais de estimação, e sobre a utilização de cesto que certos animaizinhos de estimação podem ser guardados nele. Esses são os conhecimentos que as crianças Apyãwa realizam nas suas infâncias, se preparando para vida na qual, futuramente, pode construir a sua família, na qual eles podem praticar os conhecimentos adquiridos na criação de animais de estimação, fazendo o seu papel de liderança na sua família.

Assim, eu pratiquei esse conhecimento quando o meu pai trouxe um porcãozinho (porco queixada) para eu criar. Realizando essa prática, a minha mãe com a minha avó me aconselhavam para cuidar bem do meu porcãozinho, esse conhecimento é o início do nosso treinamento na infância, se preparando e adquirindo experiência para, futuramente, cuidar dos nossos filhos. Por isso, para sua família, em nenhum momento, a criança Apyãwa pode maltratar o seu animalzinho de estimação. Se a criança fica maltratando o seu animalzinho de estimação, estará mostrando para sua família que, futuramente, essa criança não cuidará bem de sua família.

Através da prática de experiências, eu aprendi fazer *kawi* (mingau) de arroz e aprendi ensalivar o mingau para dar de mamar para o meu porcãozinho de estimação. Naquela época, o *kawi* (mingau) de arroz era o alimento principal para os animais de estimação do nosso povo Apyãwa, substituindo o leite da mãe quando os animais ainda mamam. Atualmente, a menina Apyãwa não faz mais *kawi* (mingau) de arroz para o seu

animalzinho de estimação e não sabem ensalivar. Por isso, o *kawi* (mingau) de arroz é substituído pelo leite comprado do mercado quando a criança cria um porcãozinho.

Na criação de animais, o povo Apyãwa vem praticando os nomes que são adotados para cada tipo de animais de estimação, fortalecendo a nossa cultura referente a esse conhecimento. No momento em que o povo Apyãwa domestica os animais, estes são considerados como sua família, por isso, os nomes são adotados para cada tipo de animais de estimação, igualmente nós Apyãwa recebemos nome da família.

Tabela 01 - Nomeação de animais e aves de estimação na língua Apyãwa

ANIMAIS	AVES
Xawaxi ‘jabuti’ – Xa’aja	Xakami ‘jacubim’ – Xyre’i’i
Kwaxi ‘quati’ – Xamera	Ypewoo ‘pato’ – Mytyreo
Ka’i ‘macaco’ – Itakwararo	To’ixigi ‘periquito’ – Waoxi
Xiwa’ã ‘caietu’ – Mykyra	
Taxaoa’yra ‘filhote de porcão’ – Kaxi	
Miara ‘veado’ – Mytyga	

1.1.3 Mudança de fase de vida

Também existe regra dos nomes, de acordo com a nossa fase de vida vamos trocando o nosso nome, como por exemplo: quando a menina faz a sua primeira menstruação se tornando moça. A partir daí, ela deixa de ser chamada pelo seu primeiro nome, porque ela vai receber outro nome. O nome que a moça recebe é sempre anunciado a partir de seis horas da tarde no pátio da Takãra – casa cerimonial, para o público ouvir. Então, a partir desse ritual, ela pode ser chamada somente pelo nome novo.

O segundo nome que a mulher recebe, ele pode ser trocado somente quando a sua primeira filha se torna moça, ou seja, quando sua filha faz o seu primeiro rito de passagem.

Assim como também o homem, pois ele troca o seu primeiro, segundo e terceiro nome. A mudança da fase de vida da mulher e do homem Apyãwa são diferentes um do outro, no processo de conhecimentos praticados no resguardo. Esse processo de conhecimento, eu vim adquirindo e aprendendo através da prática como sempre nós, Apyãwa, vimos fortalecendo o desenvolvimento desse ensino desde a nossa convivência na família.

Então, antes de receber o meu segundo nome, eu fiquei no resguardo até terminar a minha menstruação e também aguardando a tinta do jenipapo sair do meu corpo. No período do primeiro dia de menstruação, a mãe da moça passa a tinta do jenipapo no corpo inteiro dela para o corpo ficar pretinho. Por isso, a moça leva uma semana ou duas semanas no resguardo, somente depois de terminar a menstruação, a mãe tem direito de fazer *myxo'y* (tornozeleira) e *ywawara* (adorno usado abaixo do joelho) na perna da sua filha.

Depois da conclusão da confecção dessa arte, a mãe pinta a sua filha pela pintura que é utilizada especificamente para moça. Essa pintura nós, Apyãwa, chamamos de *orowi xemoonawa* ‘pintura do peixe pintado’, que é utilizada para a moça sair do resguardo de sua primeira menstruação. No dia seguinte, bem cedinho, a mãe manda banhar a sua filha, para ir se preparando na continuidade do procedimento desse conhecimento. Depois do banho, o urucum é passado no cabelo da moça e as penugens são coladas nos braços e nas batatas da perna com *yyka* ‘resina de madeira’. Nessa parte, existem duas formas de uso de urucum para passar no cabelo da moça, uma é somente passar no cabelo e, na outra forma, é colocada a massa de urucum no cabelo dela. Aquela em que o urucum só é passado no cabelo, depois de colocar todos os materiais que são utilizados neste momento, a moça já está pronta para sair e também está liberada para o consumo dos alimentos que são permitidos consumir neste período. Agora, quando a massa de urucum é colocada no cabelo, a moça tem direito de ficar deitada ainda até doze horas, neste período, o urucum é tirado do cabelo da moça. A partir daí, ela é liberada para sair e consumir os alimentos que são permitidos para o seu consumo.

Na segunda realização do resguardo, a tinta do jenipapo não é passada mais no corpo da moça, mas continua fazendo a mesma dieta que ela fez na sua primeira menstruação. Neste período, a moça tem direito de fazer o seu treinamento de trabalhar

um pouco se preparando para que, futuramente, ela possa ajudar a sua mãe nas atividades de casa. Então, neste momento a mulher prepara algodão para sua filha tirar a semente dele ou, então, ela manda pilar a semente de milho no pilão. Isso é um preparo da mãe para sua filha se tornar uma mulher trabalhadeira, se preparando para futuramente continuar praticando esse processo de conhecimento. Daí em diante, quando a moça sai do resguardo é permitido usar outra pintura que chamamos de *kwaxiara*. Essas duas pinturas são utilizadas na sequência pela moça Apyãwa ao sair do resguardo.

Durante o resguardo, a moça pode comer arroz cozido sem óleo de soja, e é colocado um pouquinho de sal nele; não toma água quando sente a sede, ela pode tomar somente o mingau de arroz, não consome carne, peixe e a banana maçã. Neste período, a moça não pode fazer nadinha, não pode morder a sua unha e nem pode coçar a sua cabeça diretamente com a mão, porque existe uma regra para isso. Então, quando a moça quer coçar a sua cabeça, ela tem direito de comunicar com sua mãe, dizer que está sentindo vontade de coçar a sua cabeça. A partir daí, a sua mãe providencia o talo da palha que é especificamente para a moça coçar a sua cabeça durante esse período.

Também a moça não pode banhar no rio, ela tem direito de ser banhada somente em casa e pela mãe, para ela mostrar como é importante fazer o nosso papel de mãe no processo de ensino e aprendizagem para nossas filhas. Esse processo de conhecimento que a moça pratica no resguardo é para que não aconteça algo ruim com a pessoa dela, porque existe uma história contada pelo nosso povo Apyãwa a respeito da moça que ficou no resguardo desrespeitando a regra e se transformou como um bicho feroz, que na língua Apyãwa é chamado de *xakwa'aka*.

A partir da conclusão dos dois processos do resguardo, a moça Apyãwa tem direito de ficar ainda três meses sem comer carne de porcão, caititu, peixe sabão, tucunaré, bagre e, principalmente, carne de aves. A carne de aves, ela poderá comer só quando completar 15 ou 16 anos de idade. Pois, essa carne ainda não é consumida de qualquer jeito, quando a moça quer comer carne de aves ela tem que comer na sequência, por exemplo: ela tem que comer primeiro carne de nambuzinha, depois nambu, mutum e, por último, é permitido de comer carne frango. Então, dessa forma, esse processo de aprendizagem eu vivenciei na minha mudança de fase de menina para moça.

1.1.4 Minha alfabetização

Eu, Koxawiri Tapirapé, iniciei a frequentar as aulas em 1990 com sete anos de idade, onde eu fui alfabetizada em duas línguas como: na primeira língua materna da minha comunidade Apyãwa (Tapirapé), desde séries iniciais à quarta série, na Aldeia Orokotãwa, Terra Indígena Tapirapé/Karaja, Município de Santa Terezinha, MT, na Escola Estadual Indígena Tapirapé. Da quarta série em diante, eu fui adquirindo também a língua portuguesa na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, na Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Município de Confresa, MT.

Deixando claro a linha do tempo da história do meu estudo que eu realizei do Pré até a terceira série somente na língua materna, para conhecer bem as letras, palavras e aprender escrever melhor, continuando reforçando e mantendo na escrita e na oralidade o nosso idioma. Nessa fase, eu tinha experiência de aprendizagem no letramento e em numeramento com o professor Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, que sempre nos ensinava dessa forma. Na terceira série, o finado professor Ronaldo Komaoro'i Tapirapé nos ensinava na aula de campo realizando *xemamara'aãwa* que é o piquenique, onde nós aprendíamos diversos conhecimentos junto com ele no decorrer dessas jornadas. Esse ensino foi marcante para mim, e eu sempre lembro da aprendizagem adquirida junto com ele quando leciono com as crianças. Atualmente, o ensino dessa forma eu conheço como um ensino transdisciplinar que fortalece os conhecimentos e a aprendizagem. O objetivo escolar naquele tempo, foi pensado no sentido de alfabetizar as crianças e os jovens Apyãwa para aprender a escrever a própria língua materna, a língua portuguesa e até mesmo falar bem em português. Ter conhecimento sobre as leis que amparam os nossos direitos para que, futuramente, nós soubéssemos agir e reagir para resolver o nosso problema da forma que as leis determinam os nossos direitos.

O método conduzido pelo professor era sempre sobre os nossos conhecimentos tradicionais desenvolvido através da entrevista, em forma de teatro, produção de livrinhos, produção de jogos através de ilustrações, produção de numeramento em diversas operações de matemática.

Os exercícios e procedimentos mais utilizados pelo professor eram atividades através de formação de palavra, das sílabas, em forma de frase, textos, ilustração em figurinha pelas características dos animais, das aves, dos peixes, das frutas, enfim.

Naquela época, os materiais eram guaches, lápis de cor, lápis de cera, cartaz, cartolina etc. Os materiais didáticos também eram produzidos pelos alunos juntamente com os professores. Naquele período, também havia somente uma cartilha chamada Xeparama'eawa.

O professor fazia avaliação de aprendizagem dos seus educandos através de domínio da leitura individual e da leitura coletiva, de exercícios de escrita individual ou em grupo, da habilidade em resolver o problema em diversas operações de matemática.

O estudo da escola, na época, era muito diferente do padrão da escola atual, por isso não era suficiente para atender aos educandos. Faltavam muitos materiais permanentes na sala como: armários, mesas, carteiras, enfim.

Através da realização desta pesquisa, também percebi que, apesar de que a escola tinha menos materiais permanentes, a formação dos professores era boa, pois eles tinham a compreensão do processo de letramento, sem usar o conceito e, atualmente, ainda não existe essa compreensão pelos professores que não se atualizam, buscando como melhorar mais ainda as suas práticas de sala de aula. Os professores que não estão se preocupando em se atualizar estão enfraquecendo muito a aprendizagem das nossas crianças. É dessa forma que observo a fragilidade de ensino das crianças Apyãwa em relação ao letramento.

Na época anterior à escola, eu tinha experiências de aprender ouvindo, observando, presenciando e até mesmo praticando algumas modalidades na nossa cultura. Não tinha nenhuma experiência com a escrita, até mesmo porque eu não frequentava ainda a escola e não tive a oportunidade de frequentar pré escola, por isso não tinha acesso à escrita.

Na quarta série, eu estudei com o professor Júlio Cesar Tawy'i Tapirapé na aldeia Tapi'itãwa, sala anexa da Escola Estadual Indígena Tapirapé. Naquela época, a sala sede da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa não existia ainda. Também, naquele tempo, o professor era único, por isso nós estudávamos em sala multisseriada e o ensino dessa forma, para mim, era um desafio muito grande. Mesmo assim, ele trabalhou muito bem

conosco, desenvolvendo as atividades conforme cada série, por isso eu continuei aprofundando o meu conhecimento a referente aos conteúdos lecionados. Por motivo que a quantidade dos estudantes não era suficiente para dividir a turma de quarta série, por isso, eu repeti duas vezes frequentando a aula na mesma série.

A partir da quinta série em diante, eu iniciei estudando em modo bilíngue e em outras áreas de conhecimentos com os professores Kamoriwa'i Elber Tapirapé, Kaorewygi Reginaldo Tapirapé, Xawapare'ymi Genivaldo Tapirapé e a Maria Gorete Neto, na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Estudando em diferentes áreas de conhecimento, eu encontrava muito dificuldade na área de língua portuguesa, até mesmo porque é a segunda língua e a professora era *maira* (não indígena) e, ao mesmo tempo, eu não sabia falar em português, mas entendia um pouco. Mesmo assim, com muita dificuldade, eu apresentava o meu trabalho e aprendi como escrever palavras, produzir frases, produzir textos e aprendi falar um pouco na segunda língua. Somente dessa forma, nós aprendemos aquilo que queremos aprender para alcançar o nosso objetivo e chegar na conclusão.

Então, desta forma eu concluí o ensino fundamental. A partir disso, fiquei pelo menos três anos sem estudar, somente ajudando a minha mãe nas atividades práticas culturais. Na verdade, fiquei estudando com ela, aprendendo nossos saberes tradicionais.

1.1.5. Cursando o ensino médio

No momento que o “PROJETO ARANOWA'YAO” - NOVOS PENSAMENTOS” foi aprovado em 2004, ingressei no Ensino Médio na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Frequentando esse curso, continuei aprofundando o meu conhecimento referente aos conhecimentos do meu povo Apyãwa e no conhecimento da sociedade ocidental, buscando melhorar mais ainda o domínio da gramática da língua portuguesa. O Projeto Aranowa'yao funcionava por etapas intensivas e intermediárias por motivo da falta de sala de aula e também porque reunia estudantes de várias aldeias. Assim, também não prejudicava os alunos que estudavam presencialmente.

Pois o foco do projeto foi ensinar e preparar a juventude Apyãwa na confecção das artes masculinas e femininas para não ser extinta a nossa arte. Dessa forma, pesquisávamos o material necessário para as artes Apyãwa, a técnica das nossas artes, os nomes das artes, histórias das artes, principalmente, o uso da nossa linguagem que sempre está junto nesse conhecimento. Essa preocupação foi levantada por motivo que tinha somente uma pessoa conhecedora da confecção das artes masculinas.

Por tudo isso, a proposta desse projeto foi muito relevante para nós, assim essa conquista foi muito importante para nossa comunidade Apyãwa. Por essa oportunidade, me formei em 2006 defendendo o meu TCC, trabalho de conclusão do curso do Projeto Aranowa'yao – Novos Pensamentos, no qual apresentei minha pesquisa sobre as Regras do trabalho tradicional das mulheres Apyãwa.

1.1.6. Meu estudo no curso de magistério intercultural

Em 2010, foi aprovado o Projeto Aranowa'yao - Magistério Intercultural que foi pensado para dar continuidade ao curso, o qual fez acontecer o grande sonho da nossa comunidade, depois de muita luta, se tornando em uma conquista vitoriosa principalmente, para nós, juventude, que estávamos aguardando. Em junho de 2010, cursei o Magistério Intercultural na sala sede da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, na aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa-MT. Nesse curso estudávamos 62 cursistas Apyãwa junto com os professores Iny da aldeia Itxalá e da aldeia Hawalora.

O curso aconteceu em 04 etapas Intensivas e 04 Intermediárias, iniciando em junho de 2010 e finalizando em fevereiro de 2012. O objetivo do curso era garantir formação aos docentes do povo Apyãwa e do povo Iny e produzir material didático-pedagógico específico para as Escolas Apyãwa e Iny. Em cada sábado, na etapa intensiva, apresentávamos o nosso trabalho da disciplina estudado no barracão para a comunidade. Esse curso cursei ainda quando estava cursando graduação, por isso, muitas vezes eu não descansava, vinha só continuar estudando novamente nesse curso. Então, o estudo dessa

forma era muito cansativo, mesmo assim me esforcei muito e consegui concluir o meu estudo nesse curso.

Na conclusão do curso de Magistério, apresentei meu TCC, trabalho de conclusão de curso sobre “Aquisição da língua materna pela Criança Apyãwa”, na área da linguagem.

1.1.7. Vida acadêmica

Em 2007, ingressei na minha primeira faculdade em Goiânia, Universidade Federal de Goiás - UFG, cursando ensino superior na licenciatura intercultural no núcleo Takinahaky com duração de cinco anos, na qual me formei na Ciência da Cultura. Nesse curso, eu estudei junto com outros professores ou professoras de etnias diferentes como: Tapirapé, Xerente, Javaé, Karajá, Tapuia e Karajá do Xambioá.

Estudando com educadores (as) das etnias diferente, para mim foi uma honra trocar experiências, complementar o conhecimento e construir uma proposta contextualizada dentro dos eixos temáticos transdisciplinaridade e interculturalidade. Então, por essa construção, o contexto do ensino colaborou bastante na elaboração do meu projeto de pesquisa que, de certa forma, era desenvolvida por meio da minha prática pedagógica dentro da sala de aula, conhecida como “estágio”. Também colaborou bastante na elaboração e realização do meu projeto extraescolar que foi realizado, na época, juntamente com a minha comunidade Apyãwa.

Destacando um pouco a dificuldade encontrada no trabalho de campo extraescolar, eu, particularmente, encontrei muita dificuldade de locomoção para a área de pesquisa; ou seja, para pagar caminhão junto com meus colegas da minha Aldeia. Esse fato ocorreu porque nós tínhamos que deslocar muita gente para participar das atividades na beira do Rio Tapirapé ou nos lagos para fazer acontecer a proposta do tema Ipirã, peixes. Então, naquela época, não tinha meu emprego, mas, mesmo assim, fui levando essa dificuldade até concluir esses trabalhos.

Então, o curso de Licenciatura Intercultural acontecia por etapa intensiva e por etapa intermediária. Pois na etapa intensiva estudávamos em Goiânia, onde, em cada fim

de semana, no encerramento da disciplina, cada acadêmico ou acadêmica apresentava sua etnia como palestrante, apresentando o resultado do seu trabalho desenvolvido no projeto extraescolar e no projeto de estágio “prática pedagógica”, no sentido de contribuir com os colegas sobre as experiências.

Também tive oportunidade de cursar, na mesma instituição, a minha especialização com duração de dois anos. A proposta de estudo da etapa intensiva e intermediária continuou nesse curso. O tema contextual estudado nesse curso foi marcante para mim, sobre a construção do PPP de uma escola indígena. Assim, me formei em Gestão Pedagógica.

Em 2019, fui aprovada no Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT em Barra do Bugres – MT. No dia 27 de janeiro, iniciei cursando esse curso e essa etapa foi encerrada no dia 15 de fevereiro de 2020. Esse curso foi um sonho realizado para mim, no qual eu estou me atualizando profissionalmente, complementando a minha experiência no âmbito escolar para trabalhar melhor com os estudantes na sala de aula. Através dessa oportunidade, adquiri vários conhecimentos importantes que vão dar retorno na minha contribuição com a comunidade, porque isso a comunidade espera de nós quando saímos para estudar fora da aldeia. Então, dessa forma, eu estou cursando esse curso. O tema que eu escolhi para a minha pesquisa é alfabetização das crianças Apyãwa e letramento em língua materna.

1.1.8. Experiência da prática pedagógica

O meu propósito nesta seção é apresentar e discutir um pouco sobre o meu papel como professora Apyãwa –Tapirapé. Então, a primeira experiência realizada, iniciei com a turma de 3º ciclo, 6º Ano, na área de língua portuguesa, quando o senhor Luiz Gouvêa de Paula se aposentou, dando oportunidade para eu trabalhar como professora titular, substituindo-o. No momento em que eu conduzi o trabalho sozinha com a turma citada, na primeira experiência encontrei muita dificuldade, porque percebi que fazer o papel de estagiária era fácil, já como professora, eu tinha que me dedicar mais ainda na orientação

de cada aluno (a), sabia que nessa turma existia aluno (a) bem avançado e tinha aluno (a) que estava iniciando o seu processo de aprender escrever em língua portuguesa. Na turma de 3º ciclo, 7º Ano, 3º ciclo, 8º Ano, 3º ciclo, 9º Ano e no ensino médio foi a mesma dificuldade. Mas, durante as aulas, fui me reinventando, criando a minha própria prática para facilitar as demandas que estavam surgindo no ensino das turmas.

Assim, fui me reafirmando no ensino da turma, onde consegui superar a minha dificuldade no assunto citado e também superando as dificuldades dos alunos (as). Por isso, levo em consideração a participação de muita formação continuada. Porque, através dela, fui amadurecendo a minha experiência como educadora, na qual me sinto especializada na cultura do meu povo, nas artes femininas, na língua feminina, nos costumes e em outros temas. A partir disso, tenho desenvolvido atividades com facilidade junto com os estudantes de forma contextualizada e transdisciplinar. Assim, vou enriquecendo o desenvolvimento do meu trabalho junto aos estudantes.

Na minha formação como professora, eu enfrentei vários desafios como: nas atividades desenvolvidas em grupo, na apresentação do trabalho de grupo, apresentação de teatro, publicação de material pedagógico próprio do povo Apyãwa, enfim. Porém, o desafio enfrentado me fez pensar em quebrar o paradigma colonialista, me destacar mais nos trabalhos desenvolvidos, como produzir material didático próprio para atender a demanda da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa no ensino das crianças e jovens Apyãwa. Pois, com muita luta, me destaquei profissionalmente dentro da educação, onde continuo seguindo ainda a minha função contribuindo com a minha comunidade na realização de educação específica e diferenciada.

CAPÍTULO II – EDUCAÇÃO TRADICIONAL DO POVO APYÃWA

Neste Capítulo apresento os resultados da pesquisa sobre a educação tradicional Apyãwa que é realizada em diversas práticas e em diversos contextos socioeducativos e são organizadas em diferentes momentos pelos homens e pelas mulheres. As informações para a elaboração deste Capítulo foram obtidas através da entrevista com meu pai Wario (José Pio Xywaeri Tapirapé), de 74 anos de idade. Apresento os cuidados com os bebês, antes mesmo do nascimento; o ritual do desmame e os aprendizados das crianças.

2.1 Os cuidados com o bebê

Na cultura Apyãwa – Tapirapé existem vários meios de cuidar do bebê desde o primeiro semestre da gestação da mulher. Desde então, é obrigação do casal se responsabilizar, iniciando os cuidados com o objetivo de manter o desenvolvimento do seu bebê com saúde. Por isso, a mulher não pode ficar sentindo falta dos alimentos que ela tem vontade de comer, pois tem que ficar bem alimentada para se sentir forte e o desenvolvimento do seu bebê ocorrer bem. Neste momento, também a responsabilidade do casal se redobra mais ainda nos cuidados ao fazer algumas atividades como: rachar lenha, cortar qualquer coisa, retalhar carne, costurar qualquer coisa e outras atividades que envolvem os cuidados. Estas atividades não devem ser feitas pois podem trazer consequências para a saúde do bebê. É fundamental, ao fazer uma dessas práticas que o esposo imite na barriga da esposa o trabalho que irá fazer para o bebê sentir medo. Por exemplo, se o pai for rachar lenha, ele encosta o machado na barriga da esposa. Dizem que, somente dessa forma, o espírito do bebê não acompanha o movimento do seu pai na atividade praticada.

Assim também nos alimentos consumidos, o casal tem um papel de suma importância ao manter o redobramento dos cuidados nas suas alimentações durante a gestação. Nessa parte, o casal tem obrigação de consumir somente os alimentos que são permitidos para ser consumidos neste período, não pode consumir qualquer tipo de alimentos reimosos que são: pato, galinha, quati, mutum-de-penacho, jacu verdadeiro,

peixe cará, iú e cará piroasca. São esses alimentos que os pais do bebê não podem consumir no momento da gestação, para não causar problema de saúde no bebê. O mutum-de-penacho, o jacu verdadeiro e o quati são alguns dos animais muito reimosos e perigosos na cultura do nosso povo Apyãwa - Tapirapé. Por isso, o pai do bebê não pode consumir esse tipo de alimento reimoso.

Segundo o pajé define, quando a mãe come um tipo desse alimento reimoso quem sofre mais a consequência é a criança, porque a criança também se alimenta junto com a mãe. Devido a esses alimentos consumidos, a criança nasce com deficiência física ocular ou convulsão, entre outros problemas que podem ocorrer. Dizem que quando o casal não consome esses tipos de alimentos, o bebê não sofre qualquer risco de nascer deficiente. Se o casal não levar em consideração o cumprimento desse conhecimento, eles próprios colocam a vida do seu bebê em situação difícil, pois a criança pode nascer com deficiência.

No último semestre da gestação, o casal Apyãwa pratica o processo de preparo e o ensino tradicional para o bebê. Dizem que durante esse período, o pai e a mãe com seus familiares vão estar dialogando por meio de algumas palavras fazendo contato na barriga, de forma carinhosa com o bebê. Assim o bebê se sente contente percebendo e ouvindo aquelas palavras carinhosas desde que está na barriga de sua mãe.

Também é importante eu trazer ao conhecimento dos demais, o assunto que é contado pelos sábios (as) Apyãwa que, historicamente, os bebês Apyãwa falavam, enquanto permaneciam ainda na barriga de sua mãe, acredito eu que essa história acontecia quando o bebê estava no último semestre. Segundo os sábios (as) Apyãwa afirmam, nesse processo do ciclo de vida, os bebês tinham um papel importante de orientar a sua mãe, indicando os caminhos corretos para seguir o percurso.

Um desse percurso de viagem de uma mulher grávida está narrado na história do Kapitãwa; uma esposa do Kapitãwa, líder tradicional do povo Apyãwa, chegou num lugar onde havia vários tipos de flor, e o bebê se encantou com a beleza do lugar. Ao achar muito bonito o lugar e as flores, os bebês gêmeos pediram a sua mãe para tirar cada tipo de flor para eles. Assim, a sua mãe foi tirando sucessivamente cada bela flor que eles pediam. Ao atender o último pedido para tirar uma flor, a mãe sofreu uma esporada de

formigão e, por isso, ela ficou com raiva, falando duramente com os bebês da seguinte forma:

— *Pityga ã'ara ma'e xepe pa'e naparamate'omaretejii'yna ma'e!!!!*

—É, meus filhos, as crianças que nascem dão menos trabalhos. Vocês, que ainda não nasceram, estão dando muito trabalho, disse a eles.

Desde então, os bebês pararam de falar com a sua mãe no processo certo de gravidez. Então, desta forma, os Apyãwa acreditam que assim ocorre a iniciação de preparo ou ensino do indivíduo Apyãwa para sobreviver no mundo que vivemos.

Quando a mulher Apyãwa dava à luz, o papel da parteira era muito importante neste momento porque ela sabia o tamanho que podia abrir a rede para a mulher dar à luz nela, sabia o remédio de raiz que não mandava sentir tanto a dor para a mulher. Neste momento, a mulher parteira Apyãwa cuidava de massagear a barriga da mulher que estava pronta para dar à luz, falando com o bebê usando palavra carinhosa para nascer logo, não mandar sofrer tanto a sua mãe:

—Por que você não nasce logo? Ou você está com problema de saúde e, por isso, você está com vergonha de não se mostrar logo? Nós que somos a família de você estamos ansiosas para conhecer você e estamos na expectativa de somar na nossa família.

São essas palavras que as parteiras Apyãwa usavam para o bebê se sentir tranquilo, não levar dois ou três dias para nascer de sua mãe. Por isso, o papel da parteira Apyãwa era pago e quem cortava o cordão umbilical do bebê também era pago pela família da mulher ou então pela família do esposo. O cordão umbilical do bebê era cortado pelo pedaço de taquari e o pagamento era com produto da roça, com peixe, com caça e com as artes. Atualmente, o papel da parteira é pouco valorizado, até mesmo porque a maioria das mulheres jovens Apyãwa preferem dar à luz somente no hospital, por isso, esse conhecimento está sendo enfraquecido. Assim, o conhecimento fica adormecido e é muito perigoso de ser extinto.

Desde o nascimento do bebê, o casal Apyãwa faz o seu papel de cuidar bem dos seus filhos para crescerem com boa saúde. Então, iniciando o seu papel, o casal fica no resguardo, sem consumir os alimentos que não são permitidos para os pais dos recém-

nascidos consumirem e não fazerem qualquer atividade que, culturalmente, são realizadas pelo nosso povo Apyãwa (Tapirapé). Somente depois do resguardo são liberados o consumo desse tipo de alimentos e fazer atividades. Mesmo assim, o casal continua sem consumir os alimentos diferentes das outras pessoas até no desmame, para que a consequência dos alimentos consumidos não afete o seu bebê.

Saindo do resguardo, o pai do bebê é liberado para banhar no rio, ir para roça, pescar e fazer outros tipos de atividades que envolvem a cultura Apyãwa. Então, a realização das atividades, neste momento, pelo pai do bebê como ir pescar ou banhar no rio, é obrigação dele colocar folhas atravessando a estrada, fazendo uma barreira impedindo a passagem do espírito do bebê. Nessa fase, o espírito do bebê não pode acompanhar o movimento do seu pai para que não se dificulte o seu crescimento. Isso se realiza quando ainda o pai, recentemente, saiu do resguardo. A liberação do resguardo é praticada pelo pai do bebê somente quando o umbigo do seu filho (a) cai. Neste momento, a mulher ainda fica de resguardo, não fazendo nenhuma atividade que são praticadas pelas mulheres Apyãwa. A liberação do resguardo para a mulher Apyãwa se pratica quando não há mais a menstruação. Depois que o umbigo do bebê cai, não é jogado no chão, é amarrado no punho da rede de sua mãe ou do seu pai para o espírito se sentir contente.

No dia que o umbigo do bebê cai, a mãe do pai coloca *ywawara* na perna de seu filho e pinta o seu corpo com jenipapo com a pintura específica do homem adulto como: *axoo*, *wakarepa'i*, *xakwa'aka*, enfim. No dia seguinte, bem cedinho, a mãe passa urucum no cabelo do seu filho e no pé até embaixo da batata da perna. Concluindo esse preparo, o homem ainda não é liberado para comer qualquer carne de caça, é liberado somente depois de tomar um pouquinho de líquido de cipó e restante passa em cada *apenapenawa* 'articulação'. Assim também a mulher toma um pouquinho de líquido de cipó quando sai do resguardo, passa em cada *apenapenawa* e passa um pouquinho na pontinha do peito, para que a comida consumida pela mãe não possa causar mal para o seu bebê. Na saída do resguardo a mulher não se pinta com jenipapo, a mãe passa somente urucum no cabelo e passa um pouquinho no corpo dela.

2.2 O desmame da criança Apyãwa

Na cultura Apyãwa o desmame da criança acontece quando o bebê se alimenta com outro tipo de alimento feito como *matãwa*, ‘pirão’. Os peixes que bebês podem comer preparados desta forma são traíra, piranha e piau. Pelo conhecimento do povo Apyãwa isso se faz para o beber não sentir a falta do peito da sua mãe. No resguardo do desmame, as crianças não podem comer tucunaré, bagre, pintado, peixe sabão, peixe cará. O desmame ocorre por volta de um ano e meio ou dois anos de vida da criança.

No desmame da criança, o casal Apyãwa consome os alimentos diferentes das outras pessoas. Nesse processo, eles e seu filho (a) ainda continuam a não consumir os alimentos que não são liberados para consumir nessa fase. Conforme o nosso costume, o consumo desse tipo de alimento é liberado só depois de três meses, para a consequência dos alimentos consumidos não prejudicar a saúde da criança.

Também durante essa fase a mãe e o pai da criança preparam todos os materiais que as meninas e os meninos usam no ritual do seu desmame. Os adornos que a mãe prepara são: *paãpy*, *ywawara*, *myxo 'y*, *tamakoramapipoko*, *awai*, *xywaypyaramoro*, colar de denticinho de capivara com miçanga e colar de miçanga pura, e urucum, esses são os adornos para as meninas. Os meninos também usam esses adornos, só não o colar com denticinho de capivara e *myxo 'y*. Porque o menino também tem o seu colar próprio, que o nosso povo Apyãwa conhece como *ma 'yranemaja*. O papel do pai é preparar *yyka*, a resina de certa madeira que é a cola tradicional do nosso povo Apyãwa. Mata mergulhão para tirar penugem, mutum castanho, para tirar pena que fica na parte da cabeça e arara vermelha para tirar penas coloridas da asa. Esses materiais são utilizados tanto pelo gênero masculino como pelo gênero feminino.

Na realização do ritual do desmame, a mulher Apyãwa coloca *myxo 'y* e *ywawara* em sua filhinha. *Myxo 'y* é colocado no tornozelo, *ywawara* é colocado embaixo do joelho e *paãpy* é colocado no braço da menina. Assim como também o menino usa esses materiais, só não *myxo 'y*. O menino usa *myxo 'y* quando está se preparando para ser futura liderança tradicional do seu povo. Depois passa *yyka* ‘resina’ na batata da perna e no braço, logo em seguida, é colocada a penugem de mergulhão no local antes de secar para

colar bem. Daí em diante, *tamakoramapipoko* é colocado atrás do *paãpy* junto com *awai* e *xywaypyaramoro* no braço. Passa urucum no cabelo e coloca colar com dentinho de capivara e colar de miçanga no pescoço. Nesse ritual, o menino e a menina utilizam diferente pinturas específicas como: o menino utiliza pintura de *yrywo* e a menina utiliza a pintura de *tapi'ipypara*, *oopoko pypara*. Depois do ritual, os pais e o filho(a) ficam mais três meses sem consumir os alimentos que não são permitidos consumir neste momento.

Figura 02: Menina enfeitada para o ritual do desmame



Fonte: Taroko Edimundo Tapirapé, 2021.

A penugem de mergulhão e a penugem de gavião tesoura são de uso especial para enfeitar as crianças Apyãwa, porque a criança pode banhar e a penugem de mergulhão não estraga fácil. Até porque o mergulhão habita em dois ambientes. A penugem de gavião tesoura também não estraga fácil quando a criança banha, ela seca rápido. Também a penugem de gavião tesoura é bem branquinha e a penugem de mergulhão é um pouco cinza.

Depois da realização do ritual, os pais da criança continuam fazendo o seu papel de cuidar bem e incentivando a ter muito cuidado para que não aconteçam algumas coisas ruins com o filho. Através desse processo, os pais já vêm preparando o seu filho sobre a nossa realidade, sobre o que a nossa cultura delibera, para que, futuramente, eles continuem realizando todos os processos praticados em todos os rituais de passagem que a nossa cultura exige.

2.3 O aprendizado da criança

Através do incentivo dos seus pais, a criança vem conhecendo e aprendendo ouvindo, brincando, observando e, no caso das meninas, presenciando a prática de algumas atividades femininas realizada com a sua mãe e com sua família em casa, no pátio da casa, na roça, na pescaria com timbó, na colheita de fruta, na confecção de arte, na participação da festa tradicional, ritual e a estimação dos animais silvestres. Esses são os principais assuntos de ensino e aprendizagem da nossa cultura em relação ao nosso costume.

O principal ensino cultural que a criança Apyãwa pratica na sua infância é a criação de alguns animais silvestres, das aves aquáticas, das aves do cerrado e das aves da mata fechada. Com essa prática de ensino, os pais educam os seus filhos, como podem cuidar de seus animais de estimação. Nessa prática de conhecimento, a menina é ensinada pela mãe e o menino é ensinado pelo pai sobre os cuidados que podem ter com os seus animaizinhos de estimação como, os tipos de alimentos que certos animais consomem, a preparação dos diversos alimentos para cada tipo de animais de estimação e sobre a utilização de cestos, nos quais certo animaizinhos de estimação podem ser guardados. Esses são os conhecimentos que as crianças Apyãwa realizam nas suas infâncias se preparando para vida que, futuramente, podem construir com a sua família, na qual eles irão praticar os conhecimentos adquiridos na criação de animais de estimação fazendo o seu papel de liderança na sua família.

Esse processo de conhecimento praticado é um treinamento para as meninas e os meninos Apyãwa desde suas infâncias se preparando, adquirindo experiência para saber

como, futuramente, cuidar dos seus filhos. Por isso, em nenhum momento, a criança Apyãwa pode maltratar o seu animalzinho de estimação para sua família. Se a criança ficar maltratando o seu animalzinho de estimação, está se mostrando para sua família que, futuramente, não cuidará bem de sua família.

Nessa prática de conhecimento, as meninas adquirem experiência com sua mãe, aprendem a como preparar *kawi*, mingau de arroz e aprendem a ensalivar, para dar de mamar para o seu porcãozinho de estimação. Naquela época, o *kawi* mingau de arroz era o alimento principal para os animais de estimação do nosso povo Apyãwa, substituindo o leite da mãe quando os animais ainda mamam. Atualmente, a menina Apyãwa faz *kawi* ‘mingau de arroz’ para o seu animalzinho de estimação, mas não sabem ensalivar. Por isso, o *kawi* ‘mingau de arroz’ é substituído pelo leite comprado do mercado quando a criança cria um porcãozinho.

Figura 03: Menina Apyãwa dando de comer ao seu papagaio.



Fonte: Itariao Tapirapé, 2020

Assim como também os meninos adquirem experiência com seu pai sobre a confecção de flecha e quais tipos de flecha são utilizados para matar peixinho, passarinho e como são flechados. Então, para os meninos Apyãwa aprenderem a flechar passarinhos os pais fazem a flecha com ponta de cera para ficarem treinando como atirar com flecha,

porque essa flecha é confeccionada especificamente para o treinamento e para matar passarinho. Somente depois de dominar a habilidade nessas práticas, os pais fazem a flecha com ponta de arame liso para os meninos aprenderem a flechar peixinho. Assim também é ensinado como são preparadas as carnes de peixinho para os filhotes das aves aquáticas comerem bem.

Da mesma forma, o menino é ensinado para saber como são preparadas as carnes de passarinho ou as carnes de calango para o gaviãozinho. Para dar de comer para o gaviãozinho de criação, o menino caça passarinho e calango no seu quintal. Quando não consegue matar um passarinho neste espaço, o menino conversa com os seus coleguinhas para irem junto com ele caçar passarinho no mato. Dessa forma, os meninos Apyãwa tentam resolver algumas carnes de caça para sustentar o seu gaviãozinho, assim eles já vêm aprendendo o nosso conhecimento, mostrando a sua preocupação, fazendo o papel de pai, sabendo como sustentar o filho através do aprendizado com o seu gaviãozinho.

Então, o nosso modo de ensino como Apyãwa veio sendo praticado desde a nossa convivência, nesse mesmo mecanismo de processo de aprendizagem dentro da família.

Figura 04: Meninos Apyãwa cuidando do filhote de gavião



Fonte: Itario Tapirapé, 2020.

Dessa forma, observamos como as crianças Apyãwa são preparadas para assumir as responsabilidades da vida adulta. Elas praticam os conhecimentos que vão utilizar nos cuidados com seus filhos e filhas quando formarem uma família.

CAPÍTULO III – EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Educação escolar indígena vem surgindo através de processo de muita luta dos povos originários no sentido de ter o direito à educação escolar indígena diferenciada e específica. Uma parte do objetivo maior desta luta foi documentar ou registrar os conhecimentos e saberes tradicionais de cada comunidade indígena pela ferramenta que a educação escolar fornece como escrita e outros, afirmando sua resistência e possibilitando o trabalho a partir destes conhecimentos e saberes na sala de escola. Então, nas décadas de 80 e 90, esse direito foi reconhecido pelos órgãos competentes como o Congresso Nacional e o Conselho Nacional de Educação, CNE, para que cada povo indígena trabalhe, de fato, na sala de aula a realidade vivida com as suas crianças.

Assim, na Constituição Federal de 1988, no Artigo 210, foi garantido às comunidades o uso das próprias línguas e a utilização de seus processos próprios de aprendizagem. E no Artigo 231, a Constituição afirma que as organizações sociais, as línguas, os costumes, as crenças, as tradições e os territórios dos povos indígenas devem ser respeitados. Todos estes aspectos são fundamentais na constituição da educação escolar indígena. Também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN, no Artigo 78, reconhece como objetivo das escolas indígenas:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Dessa forma, os conhecimentos indígenas são também considerados como ciências. A recuperação das memórias históricas e a valorização das línguas e ciências indígenas são essenciais no trabalho escolar desenvolvido nas escolas indígenas. Já o Artigo 79, delibera sobre o desenvolvimento dos currículos e dos programas específicos, pelo Sistema de ensino, incluindo-se processos pedagógicos, línguas e conteúdos culturais correspondente às diversas sociedades indígenas. A LDBEN acentua, ainda e enfaticamente, a diferenciação da escola indígena em relação às demais escolas dos

sistemas pelo bilinguismo e pela interculturalidade. Outros dispositivos presentes na LDBEN abrem possibilidades para que a escola indígena, na definição de seu projeto pedagógico, estabeleça não só a sua forma de funcionamento, mas os objetivos e os meios para atingi-los.

Para acontecer tudo isso, em primeiro lugar, é fundamental garantir a demarcação da terra indígena, como sempre os povos originários vêm reivindicando para terem um lugar ou espaço de utilização para praticarem os seus conhecimentos e saberes tradicionais. Porque a terra demarcada garante, a cada comunidade indígena, a tranquilidade da utilização dos seus conhecimento e saberes. Acreditamos e eu afirmo que, sem terra demarcada, não teremos liberdade de praticar aquilo que sabemos fazer. Desta forma, a natureza é vista e considerada na educação tradicional como material didático, biblioteca, onde todas as matérias primas que precisamos, buscamos, encontramos, utilizamos e aprendemos e, ao mesmo tempo, ensinamos os jovens sobre aquilo que cada povo indígena tem como a sua riqueza. A partir disso, todos os conhecimentos e saberes são introduzidos na educação escolar não ficando mais somente como ensino na oralidade, mas, sim, complementando em outra ferramenta, como o registro escrito.

Então, esses conhecimentos e saberes vêm existindo desde o surgimento de cada povo e, assim, até hoje existe como, claramente, cada comunidade indígena pratica conforme a sua realidade, inserindo, nos dias atuais, na sua educação escolar. Conforme a inclusão na educação escolar indígena, as línguas maternas são trabalhadas nas escolas com os sons das palavras de cada etnias, as gramáticas, as estruturas, os tipos de textos e as políticas linguísticas de cada comunidade indígena no fortalecimento dos próprios idiomas. Com essa oportunidade, a língua se tona uma ferramenta importante de identificação de cada povo, dando às futuras gerações o direito de conhecerem, aprenderem e fortalecerem a sua própria língua materna. Também a língua materna tem relação muito forte com a natureza e com a biodiversidade, por permitir o uso do nome específico de cada árvore, animal, ave, inseto, peixe, enfim. Reconhecendo essa importância em relação à língua materna, a educação escolar potencializa a política linguística no sentido de recuperar as palavras antigas que deixaram de ser usadas, a

criação dos nomes para novos objetos. Assim, a língua materna vai se sustentando pelo trabalho político da educação escolar que é feito pelo próprio falante.

O ato de inserir as culturas tradicionais do povo indígena na educação escolar também tem muita importância, quando são trabalhadas com as crianças na sala de aula ou no espaço aberto. No contexto desses saberes, é fundamental trabalhar os tipos de culturas, as regras de funcionamentos, significados e outros conhecimentos relacionados com esses assuntos. Isso é relevante para cada comunidade indígena para manterem firme a resistência da sua própria cultura, na qual, por meio dela, cada povo originário é visto como uma etnia. Não deixando de dizer que a cultura é constituída por formas de se expressar e se manifestar como indígena na política interna e externa para mostrar as suas pluralidades culturais. Sendo assim, o papel de cada cultura indígena é fundamental para potencializar a luta no seu interesse ou fazer cumprir o direito que está garantido na lei maior que, muitas vezes, são negados pelos órgãos competentes, para que não aconteçam, de fato, na prática.

Figura 05: Professora Koxamare'i trabalhando conhecimentos culturais com as crianças



Fonte: Xario'i Carlos Tapirapé, 2021.

3.1 A educação escolar entre os Apyãwa

A pedido do nosso povo Apyãwa -Tapirapé, foi instalada a escola na aldeia com o objetivo de aprender a ler, escrever e saber falar em português. Essa decisão a nossa comunidade tomou foi por motivo de que as lideranças estavam encontrando muitas dificuldades em dialogar na língua portuguesa com as autoridades, contradizendo os interesses sobre a questão fundiária que abrangiam a nossa terra. Para as pessoas que estavam se envolvendo na luta de demarcação da terra indígena Tapirapé/Karajá, foi muito importante, porque compreendendo um pouco a língua portuguesa podiam lutar melhor sobre a sua terra e os demais interesses da comunidade. Segundo os sábios Apyãwa afirmam, também a instalação da escola se pensou para preparar os seus jovens no enfrentamento de futuros desafios e obstáculos.

Então, a luta sobre a conquista da terra continuou, e, com muito tempo, veio a conquista da demarcação da Terra Indígena Tapirapé/Karajá. Foi dessa forma a conquista da educação escolar na aldeia, veio para complementar o nosso sistema educativo próprio. A conquista sobre educação escolar, conseguimos graças ao apoio do casal Luiz e Eunice², juntamente com seu filho pequeno André, que veio somar a luta conosco. Assim, Luiz e Eunice ficaram estudando a organização social da família, da comunidade Apyãwa para entender o seu funcionamento e, assim, poder ajudar melhor na alfabetização no mundo escolar. Pois, através de conhecer um pouco melhor a realidade do povo Apyãwa, o casal, juntamente com as Irmãzinhas de Jesus transformou o espaço igreja como espaço escolar, no qual puderam iniciar e fazer a alfabetização escolar dos Apyãwa interessados. Dessa forma, foram os primeiros ao alfabetizar os jovens e adultos Apyãwa que entendiam um pouco a língua portuguesa, até porque, naquela época, Luiz e Eunice se comunicavam somente na sua língua oficial. Mas, com o trabalho da linguista Yonne Leite que já tinha pesquisado a gramática da língua Apyãwa, o casal pode aprender por escrito a língua Apyãwa, até mesmo praticando, pouco a pouco, o idioma Apyãwa. Dizem que, dessa forma, foram conseguindo organizar o modo de trabalhar com a turma. É

² Luiz Gouvêa de Paula e Eunice Dias de Paula.

importante destacar que, nessa época, a escola não era escola municipal e nem escola estadual.

Em 1973, a Prelazia de São Felix do Araguaia apoiou esse trabalho de educação escolar entre os Apyãwa. Em 1983, a Prefeitura de Santa Terezinha reconheceu a escola como Escola Municipal de 1º Grau Indígena na aldeia Orokotãwa. Levando um bom tempo, em 1988, essa mesma escola foi reconhecida pela Seduc de Mato Grosso como Escola Estadual Indígena Tapirapé. Dizem que, a partir disso, a questão de educação escolar foi se normalizando com direito de matrícula dos alunos, com direito de ter professor, enfim. Com essa conquista, o ensino continuou com os alunos Apyãwa.

A partir do ensino, o povo Apyãwa conseguiu três jovens lecionando na sala de aula como primeiros professores Apyãwa na Escola Tapirapé em aldeia Orokotãwa com apoio da prefeitura de Santa Terezinha – MT. Houve a contratação de apenas um professor e os outros dois professores ainda não eram contratados por motivo de serem menores de idade. Mesmo assim, com muita luta e com muito esforço, esses três professores que são Ware'i (Kamoriwa'i Elber Tapirapé), Alberto Orokomy'i Tapirapé e o finado Ronaldo Komaoro'i Tapirapé conseguiram lecionar, prosseguindo o seu estudo no curso de Magistério Projeto Inajá, com o objetivo de aprofundar o seu conhecimento melhorando mais ainda as suas práticas pedagógicas para fazer uma boa iniciativa de trabalhar com a sua comunidade. Essa prática de experiência foi realizada com objetivo de resolver o problema da nossa comunidade em relação à melhoria de ensino de qualidade entre Apyãwa e, até mesmo, motivando alguns jovens para continuar esse conhecimento como exemplo fortalecendo o nosso processo de ensino nos saberes tradicionais dentro da sala de aula.

Atualmente, os professores alfabetizadores Apyãwa ainda continuam produzindo materiais para trabalhar em sala de aula, ensinando os seus educandos na nossa realidade, preparando para o mundo que vivemos, dando oportunidade para as novas gerações Apyãwa conhecerem aquilo que ainda temos em nosso conhecimento. Os materiais produzidos são os desenhos dos animais, dos peixes, das aves, das frutas, dos insetos, os produtos das roças, as artes, as festas, os rituais, as brincadeiras, e os objetos de não indígena que conhecemos. Esses materiais podem ser trabalhados especificamente com os estudantes de alfabetização que estão em fase de aquisição da escrita. As crianças têm

a liberdade de desenharem sobre esses temas e também as ilustrações podem ser produzidas pelos professores, para depois trabalharem com os estudantes e, assim, possibilita aos estudantes colorir o desenho colocando o nome no desenho da sua forma. A seguir, o professor organiza, mostrando para cada um a forma correta de escrever determinada palavra, sem rabiscar aquilo que a criança fez. Porque, dessa forma, a criança pode ver a forma adequada e facilita a aprendizagem da escrita.

Então, eu, particularmente, direcionaria os materiais escritos para fase da aquisição da escrita focalizando a formação de palavras representadas pelos desenhos, porque é fundamental para o ensino da fase de alfabetização, pois, através dessa atividade, os estudantes podem perceber e conhecer nas mesmas palavras e os nomes dos objetos. Dessa forma, o mundo das crianças e a aprendizagem escolar são fortalecidos e, assim também se desenvolve o seu conhecimento, produzindo a escrita através dos desenhos. Direcionaria também para o estudo das palavras polissêmicas Apyãwa, uma vez que, atualmente, a maioria dos jovens se confundem nas palavras que possuem dois significados. Esse conhecimento é fundamental para o ensino das crianças que estão na fase de alfabetização, para conhecer e saber usar adequadamente os diversos sentidos das palavras, para as novas gerações Apyãwa não repetirem, futuramente, uma tragédia que aconteceu, tempo atrás, com uma adolescente por causa de um mal entendimento de uma palavra polissêmica Apyãwa, como por exemplo: a palavra *emaapyk* tem dois significados como 1) manda sentar ela, por exemplo, quando a pessoa está carregando uma criancinha e 2) cozinha ela, quando a mãe entrega uma carne para a filha cozinhar, por exemplo. Por isso, considero que, atualmente esse ensino é importante para os professores trabalharem firmemente com as crianças de alfabetização e mostrarem como a polissemia é uma riqueza da nossa língua.

Da mesma forma, me preocupo muito com as nossas histórias ancestrais, por isso, destacaria a narração de histórias na sala de aula, uma vez que, a maioria dos professores alfabetizadores Apyãwa têm dificuldades para trabalharem com as histórias do nosso povo. Pelo menos, um professor de alfabetização que eu conheço trabalha muito bem com as crianças em relação às nossas histórias. Por isso, as crianças que estudam com ele são bem motivadas a respeito de nossas histórias e têm facilidades para narrar as histórias para as suas coleguinhas ou até mesmo para os seus irmãos mais velhos (as). Porque esse professor é muito experiente, trabalhou muito tempo com as crianças, mesmo não tendo material produzido escrito sobre a nossa história, ele fica escrevendo e, ao mesmo tempo, narrando a história para os seus alunos. Por isso, as crianças gostam muito de estudar com

o professor Tawy'i. No tempo da minha infância, eu também gostava de estudar com ele, porque gostava de ouvir as histórias e, atualmente, ele ainda fortalece essa forma de ensino com as crianças.

Da mesma maneira, eu coloco a minha compreensão em relação ao letramento, pois, antes de realizar a minha pesquisa não entendia o que era letramento e pensava que não sabia como trabalhar em letramento. Mas, depois da realização da minha pesquisa ficou muito bem claro como se pode desenvolver um melhor ensino em relação ao letramento com as nossas crianças, trabalhando temas referentes a nossa realidade.

Figura 06: Os primeiros docentes Apyãwa no curso Projeto Inajá I



Fonte: Acervo Projeto Inajá I, 1985.

Levando esse conhecimento em consideração, o povo Apyãwa conseguiu alcançar o seu objetivo preparando os jovens para, futuramente, continuarem mantendo aquilo que o nosso povo vinha batalhando muito tempo para realizar, como o ensino no uso do meio ambiente, nos cantos, nos costumes, nas artes, nas histórias e, principalmente, nas nossas crenças. O ensino dos nossos conhecimentos são um dos assuntos importantes na atualização de cada indivíduo que a nossa comunidade quis conquistar para continuar sempre da maneira que os nossos avós vinham se atualizando culturalmente conforme a nossa realidade. Assim como também os professores se atualizam profissionalmente para desenvolver um bom trabalho na sua comunidade, atualizando seus educandos em diversas áreas de conhecimentos, de acordo com o nosso PPP da Escola.

O objetivo de estudar não foi somente para conquistar o trabalho na área da educação, foi pensado também para conquistar o trabalho na área da saúde e, entre outras funções, para trabalhar melhor com o nosso povo dentro da aldeia. Por isso, conforme o interesse e escolha de cada pessoa, vinha se realizando o estudo em cada área de formação se preparando para administrar a nossa escola e formar equipe na área saúde. Esse foi o principal objetivo do nosso povo Apyãwa há muitos anos e, atualmente, avaliamos que este objetivo foi realizado em algumas partes, mas a nossa luta ainda continua firme em relação ao estudo e na execução do trabalho.

Em relação à defesa de nossos direitos, podemos afirmar que a Escola contribuiu para a conquista tanto da Área Indígena Tapirapé Karajá como para a Terra Indígena Urubu Branco, como afirma o nosso líder José Pio Xywaeri Tapirapé:

Box 01: Depoimento de José Pio Xywaeri Tapirapé sobre a luta pela terra.

Eu, Xywaeri José Pio Tapirapé, morador da Terra Indígena Tapi'itãwa, venho ao público contar o nosso modo de lutar sobre a nossa Terra Tradicional e biodiversidade que se encontra nela para usufruir.

Então, em primeiro lugar, eu destaco aqui, que há muito tempo atrás, fazíamos várias reuniões com vários povos indígenas do Brasil através de ANTAPAMA, discutido a questão fundiária, Saúde, Educação, enfim. Nessas reuniões, trocávamos ideias potencializando a nossa luta para conseguir demarcar a nossa Terra tradicional Tapirapé/Karajá. Assim, em cada reunião realizada foi o momento de nós, Apyãwa, aprender a lutar com outros povos indígenas, usando a força da união indígena, alinhando estratégia tradicional de agir e se preparar para se posicionar diante das autoridades, falando sobre demarcação da Terra tradicional.

Também nessas reuniões era muito importante o papel da Prelazia de São Félix do Araguaia ou CIMI por fazer orientação para lutar sobre terra dentro da lei. Outro papel importante que Prelazia ou CIMI faziam era na divulgação da reunião, lutas dos povos indígenas para os outros conhecerem.

A partir da reunião, alinhavamos os nossos modos de falar e se posicionar a respeito da questão da demarcação da terra. Muitas vezes, a partir dali, partíamos para Brasília, acompanhado pelo nosso professor Tenywaãwa, Luíz Gouvêa de Paula e por alguns representantes da Prelazia de São Felix do Araguaia ou CIMI para irem

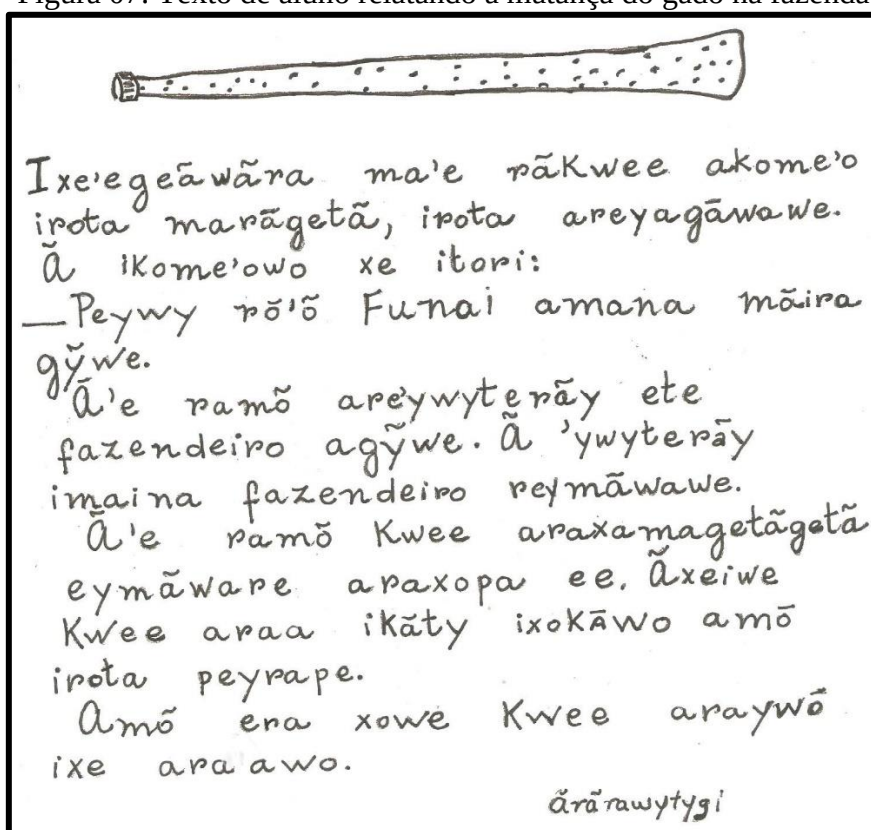
junto para falar com autoridade responsável da questão fundiária. A nossa caravana era bem recebida pelas autoridades para fazer diálogo referente à demarcação da nossa Terra Indígena tradicional. Também, naquele momento, nem saíamos com a decisão definitiva por parte de autoridade responsável de demarcar a nossa Terra. Isso acarretou nove anos de luta. Completando nove anos, a comunidade Apyãwa matou uma quantidade boa dos gados da Fazenda Tapiraguaia com a flecha. Essa ação deixou a Fazenda muito preocupada, foi por isso que o fazendeiro acionou a FUNAI para tomar providências do fato ocorrido. Com esse acontecimento ocorrido, a FUNAI marcou imediatamente reunião, em que veio o presidente da FUNAI. Então, nessa reunião, esteve presente eu, Xywaeri José Pio Tapirapé como Cacique, guerreiros Apyãwa, Irmãzinha de Jesus, fazendeiro, presidente da FUNAI e exército. Neste momento, os Apyãwa pediram imediatamente a demarcação da Terra Indígena Tradicional Tapirapé/Karajá. Ali percebemos que o presidente da FUNAI não estava levando em consideração a nossa reivindicação. Por isso, eu contei para ele a decisão da comunidade, se não for resolvido hoje a demarcação da Terra, vocês vão de a pé, porque os guerreiros vão queimar avião, carro de vocês, eu disse a eles. Isso deu medo pra eles e, a partir disso o presidente da FUNAI se posicionou que a demarcação da Terra Indígena Tradicional seria feita. Esse posicionamento deixou o fazendeiro muito preocupado, por isso, propôs de fazer reunião com presidente da FUNAI na cidade. Então, a partir da matança do gado, a demarcação da Terra aconteceu de fato, onde o exército, a pedido da FUNAI, começou a fazer picada, nos limites da Terra Indígena Tapirapé/Karajá. Foi dessa forma que conseguimos demarcar essa Terra. Sabemos que levou muito tempo e decorrer dessa luta ariscamos a nossa vida como liderança. Não sabíamos o que podia acontecer com qualquer um de nós, porque ameaça era tenso por parte dos fazendeiros e posseiros. Por isso redobrávamos atenção para evitar esse tipo de coisa. Hoje, eu, Xywaeri José Pio Tapirapé vejo que o nosso esforço como liderança e membro Apyãwa valeu a pena para garantir a sobrevivência da comunidade Apyãwa conforme a vivência dos seus ancestrais, fazendo o que envolve a sua etnia. Então, até hoje este lugar está bem preservado por nós, disse meu pai.

Por este depoimento, podemos perceber que a participação dos Apyãwa nas reuniões da Associação dos Povos Tupi do Mato Grosso, do Pará e do Maranhão,

ANTAPAMA, foi fundamental para fortalecer a luta pela demarcação da Terra Indígena Tapirapé-Karajá. O professor Luiz Gouvêa de Paula, membro do Cimi e da Prelazia de São Félix do Araguaia e as Irmãzinhas de Jesus também estiveram sempre juntos nesta luta, até que a demarcação da terra foi concluída.

Este fato que foi citado pelo meu pai, ou seja, a matança do gado dos fazendeiros, foi trabalhado em sala de aula, sendo que os estudantes fizeram um jornal “Maranowa”, relatando o acontecido. Assim, observamos como a escola indígena pode trabalhar de acordo com os acontecimentos da realidade dos povos indígenas.

Figura 07: Texto de aluno relatando a matança do gado na fazenda



Fonte: Jornal Maranowa, 1981.

Figura 08: Jornal Maranowa, capa



Fonte: Jornal Maranowa, 1981.

CAPÍTULO IV – A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SALA DE ALFABETIZAÇÃO

Neste Capítulo vou relatar as minhas observações realizadas nas salas de aula das séries iniciais, ou seja, no período da aquisição da escrita pelas crianças Apyãwa, comentando cada uma delas com base no referencial teórico que ajudou a analisar as informações obtidas. Esclareço, também, que a pandemia prejudicou as minhas observações porque as aulas presenciais foram suspensas e, desse modo, não pude realizar as observações como havia planejado. Somente em 2021 comecei a realizar as observações.

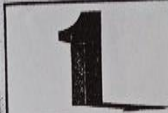
4.1 A primeira observação

No dia dezessete de abril de dois mil e vinte um, às sete e meia da manhã, iniciei a minha primeira observação com a turma do segundo ano do 1º ciclo do ensino fundamental na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco município de Confresa, Mato Grosso. Esta turma é constituída por alunos e alunas com idade de 08 anos de idade, somando 11 estudantes.

Iniciando a aula, o professor A. deu boas-vindas para nós e, neste momento, alguns educandos perguntaram para o seu professor, com voz baixinha, sobre a minha presença e pediram para eu fazer uma apresentação a eles. Pois, então, eu fiz uma breve apresentação para eles, dizendo que eu estou acompanhado as aulas deles na realização da minha atividade de estudo. Com a minha apresentação, os educandos ficaram muito contentes e apresentaram para mim a atividade que o seu professor está lecionando junto com eles. Essa atividade era realizada com uma apostila retirada de um livro que não apresenta nenhuma realidade da nossa comunidade, conforme se pode observar na Figura abaixo:

Figura 09: Página de uma apostila utilizada pelo professor.

1 Ligue cada desenho ao seu nome e escreva em cima de cada quadro o nome do desenho.

			
UM	URSO	UNHA	UVA

2 Há outras maneiras de escrever essas palavras. Ligue as palavras.

UVA	urso
URSO	um
UNHA	uva
UM	unha

3 Leia as palavras e copie nos espaços indicados só as palavras que contêm a letra U.

UM	GATO	1.
COCADA	UVA	2.
UNHA	FACA	3.
TATU	ELISEU	4.
MALA	FUTURO	5.
		6.

 Pratique a LEITURA e a ESCRITA de palavras com a letra U.

59

Fonte: Apostila

Realizando essa atividade, o professor pediu para os educandos colorir os desenhos com as cores preferidas deles. Terminando de tintar os desenhos, o professor falou para os alunos da seguinte forma:

_ Agora vamos fazer leitura!

E os alunos falaram:

_ Mas como vamos fazer leitura sendo que nós não sabemos ler a palavra em português?

_ Com a minha ajuda vocês vão conseguir ler, disse o professor

Nessa parte, o professor fazia primeiro a leitura e, em seguida, os alunos faziam, assim os alunos ficavam acompanhando a leitura repetindo a pronúncia da palavra através da leitura do professor.

Concluindo a leitura, o professor pediu para os estudantes fazerem a ligação de cada desenho com os nomes e depois fazerem ligação dos nomes com os nomes dos desenhos. Na outra parte, o professor pediu para os estudantes escreverem os nomes dos desenhos que estão escritos somente com U. Quando os estudantes ficavam escrevendo, perguntaram para o seu professor contar o nome dos desenhos para eles na língua Apyãwa. Então, o professor não soube explicar o nome de dois desenhos na nossa língua para os estudantes como: urso e uva, unha ele deu conta de explicar. Após isso, o professor justificou para os seus educandos que o urso e uva não são da nossa região e os estudantes responderam que eles conhecem o urso somente pela televisão com filmes de desenho Masha e Urso. Por isso, os estudantes pediram para ele fazer o desenho de animais que eles conhecem na língua Apyãwa. A partir da fala dos estudantes, o professor falou que vai mudar um pouco o seu modo de preparar a sua atividade.

Presenciando essa prática de ensino, eu percebi que o professor não preparou o seu plano de aula de acordo com a nossa realidade e de acordo com a sua turma que está lecionando. Conforme o PPP da nossa escola, o ensino de séries iniciais até na quarta série que, atualmente, é o quinto ano, se realiza somente na língua materna (PPP, 2009).

Também observei que a forma de ensinar não está contextualizada com a nossa cultura e, desse modo, não está respeitando a legislação que assegura a educação escolar indígena, principalmente, o Artigos 210 §2 e o Artigo 231 da Constituição Federal de 1988. O Artigo 210, no parágrafo 2, afirma que as crianças indígenas têm o direito de serem alfabetizadas em suas próprias línguas maternas. Já o Artigo 231 afirma que as línguas, as culturas, as tradições, as crenças, os costumes e os territórios dos povos indígenas devem ser respeitados. Então, quando o professor trabalha palavras em português nas séries iniciais, está agindo de modo contrário ao que está previsto na legislação.

Essa atividade proposta pelo professor também contraria o que está na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei 9394), no seu Artigo 78, Inciso I:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências.

Dessa forma, a alfabetização na língua materna é um direito assegurado aos povos indígenas com o objetivo de valorizar as línguas indígenas e as ciências indígenas. As memórias históricas e a reafirmação das identidades étnicas também estão relacionadas com a vitalidade das línguas indígenas, porque, na língua portuguesa, as histórias ancestrais não podem ser explicadas com todos os seus significados.

Na folha da apostila utilizada pelo professor as palavras da língua portuguesa são apresentadas soltas, não formam um texto, ao contrário, só objetivam o aprendizado do fonema/grafema u-, pois as palavras unha, urso, uva não têm nenhuma relação de significados entre si.

Braggio (1992) é uma linguista que estudou os métodos utilizados em diferentes processos de aquisição de alfabetização. Quando a língua é apresentada de modo fragmentado, essa prática é considerada como pertencendo ao modelo behaviorista de aquisição, pois os componentes grafofônicos são privilegiados enquanto que os componentes semânticos são ignorados. Neste modelo, a linguagem é entendida

como um sistema que pode ser 'quebrado' em constituintes menores, sem levar em conta a maneira como esses constituintes interligados são usados em comunicações orais. Não se dá nenhuma atenção ao significado, aos usos e funções da linguagem, ao contexto onde é produzida. (BRAGGIO, 1992, p. 9)

Desse modo, consideramos que esta forma de estudar palavras isoladas da língua portuguesa numa sala de alfabetização é totalmente equivocada, tanto por ferir a legislação que garante a alfabetização em língua materna como pelo fato de apresentar as

palavras isoladamente, com fonemas e grafemas que não existem na língua apyãwa e fora de nosso contexto sociocultural.

Então, foi dessa forma que eu realizei a minha observação sobre o ensino com essa turma.

4.2 A segunda observação

No dia doze de setembro de dois mil e vinte um, às sete e meia da manhã, realizei uma outra observação na aula prática junto com o professor Irimakwao (Júlio César Tawy'i Tapirapé). Realizando essa aula prática, levamos os educandos com trator na direção do ribeirão Ipirakwaroo, até chegar na roça da nossa família, onde também fica a roça de Wyraxiga, uma das metades cerimoniais da nossa organização social. Durante a viagem, os educandos fizeram várias perguntas para o seu professor sobre aquilo que eles não conheciam como, por exemplo, eles perguntavam:

- *Ma'e ta'e emi?* - O que é aquilo?

O professor respondia:

- *Emi a'eramo ywa mo ka'a ropi xe akwawama'e, awaray'ao xa'e mi ixope.*

– Essa é uma fruta maracujá que se encontra somente na mata, disse o professor para os seus educandos.

Conhecendo essa fruta e ouvindo pela primeira vez o nome *awaray'ao*, os alunos encontraram muita dificuldade em pronunciar essa palavra, por isso ficaram repetindo várias vezes para que conseguissem pronunciar bem e não esquecer a palavra. Repetindo várias vezes a palavra, os educandos conseguiram pronunciar tranquilamente, por isso, ficaram muito contentes de conhecer a fruta e aprender o nome *awaray'ao*.

Durante essa jornada, até as crianças que ainda não estudam foram acompanhar as suas irmãs e os seus irmãos junto conosco, por isso, o meu sobrinho Xakowe, de cinco anos de idade e o Tato, de três anos de idade, chegaram muito animados na aldeia, e, chegando no pátio de suas casas, eles gritaram para suas mães querendo contar logo que eles comeram uma fruta muito diferente e o nome também é muito complicado, a fruta é

muito gostosa e é bem docinha, disseram para suas mães. A mãe de Tato e o seu pai foram de moto e a mãe de Xakowe, com o pai dele foram no carrinho deles, por isso elas não sabiam qual fruta que os seus filhos comeram no caminho da roça. Mesmo assim, o Tato e Xakowe inventaram um nome muito esquisito que as mães deles também não conheceram, a palavra que eles usaram é *marakyty*, por isso não ajudaram as suas mães a esclarecer o nome.

Na parte da tarde, eu fui passear na casa do meu pai e a minha irmã Mareapawgyi com a minha cunhada Marewa'i me perguntaram:

- *Ma'e ywa ta'e Tato, Xakowe agy a'o ra'e?*

_ Qual fruta que o Tato e Xakowe comeram?

Eu respondi que é *awaray'ao*! Fruta maracujá, na mesma hora, elas sorriram porque não foi isso que os filhos delas falaram. Mas o Tato e Xakowe também ficaram sorrindo, disse que esqueceram esse nome, então eles queriam usar a palavra maracujá que ouviram na fala de alguns colegas, e eles não conseguiram, por isso criaram essa palavra *marakyty*.

Seguindo a viagem, algumas crianças estavam sendo incomodadas pelo *i'i* 'mosquitinho' na carroceria do trator e disseram:

_ *Ma'eo ta'e mi rano?*

_ O que é isso?

Koxamy'i respondeu *tato reikwaxixina*, é um mosquitinho que gosta de ficar no ânus de tatu. Ouvindo essa palavra, um deles mais pequeno, o meu sobrinho Tato entendeu que essa palavra usada, *tato reikwaxixina* se dirigia a sua pessoa. Então, ele se manifestou, falando duramente para Koxamy'i dizendo,

_ *Koxamy'i reikwaxixina!*

Ele falou isso porque estava com raiva e a Koxamy'i os alunos riram dele, e ele ficou com a carinha fechada só de raiva. A Koxamy'i fez esclarecimento para ele da seguinte forma:

_ *Newe 'ymi ãkaj epa ã'e'i ra'e, Tato!*
_ Não é para você que eu falei isso, Tato!

_ *Temiãra we ãkaj epa a'eo ra'e!*
_ É para o animal tatu que eu falei isso!

Então, pelo esclarecimento da Koxamy'i, o meu sobrinho Tato sorriu achando graça na palavra.

Em seguida, alguns alunos viram um pica-pau numa árvore seca e mostraram para os seus coleguinhas, os alunos que viram pica-pau pela primeira vez, acharam legal e muito bonitinho. Depois, o professor Tawy'i perguntou para os seus alunos da seguinte maneira:

_ *Pekwaãp ta'e emi ypeko rera?*
_ Vocês sabem qual é o nome desse pica-pau?

Os alunos falaram repetindo que é *ypeko*! É pica-pau!

O professor Tawy'i explicou para os alunos da seguinte forma:

_ *Ypeko xa'e a'eramo mi wetepe ypeko we, axekwe ypeko heteetee.*
_ A palavra pica-pau usamos como nome geral para pica-pau, porém, existe o nome específico para cada pica-pau.

_ *Emi ypeko rera a'eramo xaraxi!*
_ O nome desse pica-pau é *xaraxi*, disse o professor para os seus alunos.

Pela explicação do professor, alguns alunos perguntaram para ele da seguinte forma:

_ Então, quer dizer que esse nome nós, Apyãwa, temos através desse passarinho?
disseram os alunos.

O professor respondeu que sim, através desse passarinho que esse nome *xaraxi* surgiu para o nosso povo.

Com tantas novidades na jornada de estudo, na aula prática, os alunos gostaram muito e falaram que querem presenciar a aulas de pesquisa de campo dessa forma várias vezes.

Chegando na roça, os alunos ficaram muito alegres ao verem os produtos das roças como, banana, melancia e abóbora. Com tanta alegria, o seu professor ficou explicando para os seus educandos as plantas que são plantadas pelos homens e pelas mulheres Apyãwa. Em seguida, o professor Irimakwao (Tawy'i) conversou com os seus educandos para colher abóbora junto com ele, por isso todos alunos se manifestaram para colher abóbora. Enquanto alguns alunos ficavam colhendo, outros coleguinhas já carregavam no trator e a minha irmã Koxamare preparou um cauim de abóbora numa panela grande como lanche para os estudantes. Quando os estudantes viram que o cauim estava quase pronto, se juntaram e não foram mais carregar abóbora junto com o seu professor porque disseram que estavam querendo provar logo o cauim. No momento que o *kawi* 'cauim' ficou pronto, a Koxamare falou para os estudantes da seguinte forma:

_Mawej'i'i pe'o niwaxaj koroway wakowa ramo!

_Tomem devagarinho o cauim de abóbora, é muito quente, disse a Koxamare para os estudantes.

Conforme a sua fala, os estudantes ficaram tomando cauim tranquilamente.

Agora eu, Koxawiri, com a minha irmã Akoxirawoo e Koxamy'i, ficamos preparando o nosso almoço, eu fiquei assando peixe piabanha, Akoxirawoo ficou preparando mandioca para fazer farinha mole e a Koxamy'i preparou macaxeira para cozinhar com peixe piabanha. Também o meu esposo Maxa'io'i preparou *mimakeka*, moqueca de peixe piabanha. Alguns alunos estavam vendo como é preparado *mimakeka* 'moqueca de peixe', assim também uma menina ficou observando como se faz farinha mole.

Quando a comida ficou toda pronta, fizemos dois grupos, sendo que os estudantes ficaram comendo juntos, separados de nós, adultos. Essa organização praticamos para eles aprenderem como o nosso povo Apyãwa realiza educação tradicional socialmente em diferentes espaços. Esse conhecimento foi praticado para os estudantes como um incentivo na aprendizagem de se preparar para, futuramente, contribuírem com as suas famílias e com a comunidade na continuidade do nosso conhecimento.

Terminando de comer, levamos os estudantes no córrego que é conhecido como espaço de *kojana*, ‘pés de coité’. Neste córrego fomos tomar água e banhamos porque estávamos com muito calor e o córrego estava bem fresquinho, por isso os estudantes gostaram muito de banhar e não queriam sair logo daquele lugar. Neste mesmo lugar, o meu pai, Wario (José Pio Tapirapé), de 74 anos de idade residente da aldeia Tapi’itãwa, aproveitou para contar uma história para nós a respeito de *kojana* ‘pés de coité’, que até eu fiquei surpresa com essa história. Então, ele contou para nós da seguinte forma:

_Mi a’eramo ikowi kojana Tapiri’i remitywera, ãxemaekawiari py penope e’i ro’õ rãka’e waxyra gy we, a’era ro’õ raka’e mi itymi irota.

_Esses dois pés de coité que estão aqui, foram plantados pelo senhor Tapiri’i como suas lembranças para suas filhas, disse o meu pai.

Através dessa história contada, eu cheguei numa conclusão a respeito da plantação dos pés de coité que foram plantados naquele espaço porque eles foram plantados pelos nossos antepassados.

Voltando do córrego, as crianças vieram direto no trator para retornar para a nossa aldeia e, nessa viagem, todos os estudantes ficaram em cima de suas abóboras. No retorno, eu pedi para o meu esposo Maxa’io’i cortar muitas folhas de *xanemyawa* para trazer para nossa filha. Após isso, alguns alunos me perguntaram:

_Ma’era ta’e peraã?

_ Por que vocês estão levando?

_ Atamaro’i ã ixekyj akawo, a’eramo ã araweraa iximawota ipype!

_ Atamaro’i está gripada, por isso estamos levando para fazer vapor para ela!

Essa aula prática realizamos quando as aulas estavam suspensas no tempo da Covid 19, por isso, trouxemos *xanemyawa* para usar o nosso vapor tradicional. Daí em diante, seguimos a nossa viagem, às duas horas da tarde chegamos na aldeia. Na aldeia, o motorista do trator, Awararawoo, foi parando em cada casa dos estudantes, deixando cada um deles e as abóboras. Então, dessa maneira, concluímos a nossa jornada de aula de pesquisa de campo.

Figura nº 10: Peneirando a massa de mandioca para fazer farinha.



Fonte: Taroko Edimundo Tapirapé, 2021.

Figura nº 11: Estudantes observando o modo de preparar *mimakeka*.



Fonte: Marayky Anjinho Tapirapé, 2021.

Figura 12: Colheita de abóboras durante a aula de campo



Fonte: Koxawiri Tapirapé, 2021.

Refletindo sobre essa aula, observei que houve muito aprendizado durante todo o tempo. Os estudantes participaram com muito entusiasmo, vendo a roça, os produtos da roça e a regra do plantio conforme o gênero. Colheram as abóboras, viram o modo de fazer o cauim com elas, observaram a maneira de fazer a nossa farinha tradicional e também a técnica de confecção da *mimakeka*, que é uma maneira de nosso povo servir peixes assados na folha da banana brava. Outro aprendizado se refere ao uso de uma folha medicinal, *xanemyãwa*, para fazer vapor quando uma pessoa está gripada. Viram o pica-pau e aprenderam que o nome *xaraxi* vem de um tipo de pica-pau e que o mosquitinho que incomoda a gente se chama *tatorekwaxixina*. Esses aprendizados todos podem ser classificados como leitura do mundo, como afirmou Paulo Freire (1989, p. 9):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das

relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

Desse modo, considero que o professor Júlio César Tawy'i Tapirapé realizou com os seus alunos uma verdadeira leitura do mundo presente no território e na cultura Apyãwa. E a leitura do mundo deve ser feita antes da palavra escrita, já que o contexto precisa estar presente no texto escrito. Paulo Freire afirma que a compreensão crítica da realidade veio de suas experiências vividas desde a sua infância. Assim, eu considero de fundamental importância a aula vivenciada pelo professor Tawy'i junto com seus alunos porque é uma forma de os alunos conhecerem nosso território e, futuramente, poderem defender a nossa terra indígena.

4.3 A terceira observação

No dia 22 de novembro de dois mil e vinte um, às sete e meia da manhã, acompanhei a aula da professora integradora Moray'i (Lisete Mareaparygi Tapirapé) lecionando com a mesma turma do segundo ano do 1º ciclo do ensino fundamental, substituindo o professor titular.

Iniciando a aula, a professora Moray'i, nos cumprimentou usando as palavras

_ *Agato xanewe!*

_ Bom dia a todos!

Esse cumprimento os alunos gostaram muito, por isso eles ficaram repetindo várias vezes, cumprimentando os seus coleguinhas de sala, de outras salas e as pessoas que apareceram na escola neste período. Depois do cumprimento, a professora apresentou o tema a ser trabalhado com os seus educandos, da maneira que é possível lecionar de acordo com a turma. Prosseguindo a sua aula, a professora Moray'i entregou os desenhos diferentes que foram feitos no papelão para cada estudante. Embaixo desse desenho foi colocado o nome em nossa língua e, embaixo do nome, a professora colocou os quadrinhos para os estudantes formarem a palavra correspondente ao desenho nesses quadrinhos. Os desenhos mostravam animais presentes em nosso território como: porcão

(porco-queixada), veado, paca, peixe tucunaré, jaburu e pirarucu. Essa atividade foi realizada em grupo, cada um ajudando o colega para colocar as sílabas nos quadrinhos formando a palavra, observe a figura abaixo:

Figura 13: Atividade das crianças formando os nomes dos desenhos.



Fonte: Lisete Mareaparygi Tapirapé, 2021.

Concluindo a atividade que foi realizada em grupos, os próprios estudantes colocaram suas sugestões para sua professora trabalhar com eles sobre esse mesmo exercício de maneira individual. Isso os educandos colocaram porque gostaram muito de estudar dessa maneira, por isso a professora Moray'i pediu para os seus educandos ficarem em círculo sentado nas suas cadeiras. Depois, ela foi entregando os desenhos e explicando para cada estudante procurar as sílabas existentes nos nomes dos desenhos colocando nos quadrinhos formando as palavras correspondentes aos desenhos. Conforme a explicação da sua professora, os estudantes conseguiram tranquilamente formar as palavras e fazer a leitura da palavra. Na leitura dos nomes dos desenhos, os estudantes expressaram também até os *habitats* e os tipos de alimentos que cada animal ou peixes consomem, como, por exemplo:

a) *Arakwao xõ ropi aka ma'e, a'e mi a'o xõ.*

O veado é do cerrado e se alimenta com capim.

b) *Taxao mi aka ka'aete ropi, a'e mi a'ega a'o xawarã.*

O porcão é da mata fechada e se alimenta com tucum.

Essa frase foi dita pela aluna Mare'i'i. A aluna Atamaro'i complementou a fala da Mare'i'i e expressou que:

c) *Taxao mi a'o wararo, ipikyra rano.*

O porcão também come caranguejo e peixinho, disse ela.

Então, dessa forma, a maioria dos estudantes complementaram as falas dos coleguinhas e, por isso, pediram para a professora integradora lecionar com eles mais vezes.

Após essa aula, fiz uma reflexão sobre o modo como a professora trabalhou. Lecionando com os estudantes na realidade do nosso povo, ajuda a estimular o desenvolvimento dos conhecimentos referentes à aprendizagem deles para continuar adquirindo aquilo que é necessário explorar no sentido de manter as suas habilidades no processo de aquisição de escrita. Nessa parte, percebi que os estudantes ajudam bastante os seus coleguinhas que ainda encontram dificuldades no processo de aquisição de escrita e na exploração do seu conhecimento no âmbito escolar. Percebi, também, como as crianças ficaram animadas com a atividade e também mostraram o conhecimento que elas já trazem de sua vivência familiar, o conhecimento sobre os animais, pois souberam descrever o *habitat* de cada um e os seus hábitos alimentares.

Nesse sentido, concordo com a autora Bernadete Abaurre (1997), que pesquisou textos produzidos por crianças de forma espontânea em um Projeto de Pesquisa Integrado denominado A relevância teórica dos dados singulares na aquisição da linguagem escrita, financiado pelo CNPq e desenvolvido no Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp . Os dados coletados por mais de dez anos permitiram a esta autora concluir que as crianças, ao elaborarem seus textos, fazem um trabalho de reflexão sobre a escrita, permeado de reelaborações conforme as hipóteses que levanta:

A contemplação da forma escrita da língua faz com que o sujeito passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente, de uma maneira diferente pela qual manipula a própria fala. A escrita, é, assim, um espaço a mais, importantíssimo, de manifestação da singularidade dos sujeitos. (ABAURRE, 1997, p. 23)

No caso da atividade proposta pela professora integradora Moray'i, as crianças tiveram oportunidade de refletir sobre a própria linguagem quando viram escritas as palavras com os nomes dos animais, relacionando-os com o desenho e, depois, se dedicaram a procurar as sílabas para compor o nome de cada animal representado no desenho. A atividade proporcionou, assim, a oportunidade para as crianças refletirem sobre a forma escrita de cada nome. O trabalho em grupo também possibilitou que uns ajudassem os outros, favorecendo a solidariedade em vez da competição. As crianças gostaram tanto da atividade que pediram que a professora fizesse mais aulas deste tipo com elas.

É de acordo com esta visão que Paulo Freire (1996) destaca que o respeito tem papel fundamental no processo de ensino e no aprender, para que a pessoa que ensina e a pessoa que aprende entrem em acordo, harmonia fazendo, de fato, a prática de ensino e a prática de aprender, onde conhecimento se aglomera enriquecendo todos os saberes que estão envolvidos no processo de ensino e aprender. Então, na opinião do autor, o ensino alegre, aprender alegre, se faz com esse tipo de prática pedagógica, dando esperança de compreender o assunto trabalhado e complementando o conhecimento tanto dos discentes como dos docentes.

4.4 - Depoimentos dos professores Apyãwa

Nesta seção, transcrevo os depoimentos que realizei com os primeiros professores Apyãwa que atuam ou atuaram na Escola Estadual Indígena Tapirapé e na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. O professor Irimakwao (Júlio César Tawy'i Tapirapé) iniciou o seu trabalho docente na Escola Estadual Indígena Tapirapé em 1989; o professor Ieremy'i (Josimar Xawapare'ymi Tapirapé) iniciou como docente da Escola em 1990 e o professor Ware'i (Kamoriwa'i Elber Tapirapé), iniciou em 1983, quando a Prefeitura Municipal de Santa Terezinha reconheceu a escola como uma unidade de ensino municipal.

4.4.1 – Depoimento do professor Irimakwao (Júlio César Tawy'i Tapirapé)

Eu sou Júlio César Tawy'i Tapirapé, com 52 anos de idade, professor de séries iniciais, turma 1º Ciclo, 1º Ano, na Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, escola sede. Então, nesse ano de 2022, eu estou trabalhando no tema roça de toco com as crianças Apyãwa.

Pela organização de grupo de Wyrã, eu pertenço ao grupo Wyraxiga, no qual eu acompanho e trabalho junto com os membros do grupo. Por observar as crianças da turma em que eu dou aula, acompanhando seus pais no trabalho da roça de toco, eu me posicionei para envolver mais as crianças ativamente na atividade prática, para explicar tudo que envolve a roça de toco Apyãwa. Então, fiquei explicando aos alunos, que o produto da roça é alimento fundamental das famílias Apyãwa. Foi importante contar os nomes de cada tipo de produto da roça que são plantados. Também contei como cada tipo de produto é plantado em rama, muda, semente... Foi relevante repassar que, durante o desenvolvimento das plantas, é muito bom fazer limpeza da roça até o produto ficar no ponto de colheita. A partir disso, cada família consome cada tipo de produto do seu desejo, como cozida, assado, pirão, kawi 'cauim'. Contando também que cada tipo de produto da roça tem o seu processo de cardápio. Tudo isso foi levado para sala de aula transformando em sílaba, palavra ou em frase ou em textos na língua Apyãwa.

Com sílaba, com palavra, juntamente com desenho, são formados o material de joguinho para os alunos reconhecerem e assim vão compreendendo as sílabas e as palavras. A partir disso, fomos construindo palavras ou com palavras construindo frases ou textos na língua Apyãwa. Também envolvi no contexto desse trabalho a forma da leitura de cada aluno referente às sílabas das palavras através do desenho. Trabalhando assim, os alunos gostam muito, porque contando todo esse processo de produto da roça na oralidade, na verdade, se torna uma história. Então, quando eu uso esse método, os alunos ficam quietinhos me ouvindo. Isso me ajuda bastante para trabalhar com eles. Também eu vejo que assim o aprendizado deles rende mais. Assim, sempre eu tento, ao máximo, aproximar o meu trabalho escolar na realidade das atividades da roça de toco, plantio, colheita e consumo de produtos, envolvendo prática e ensino escolar. Desta forma, eu costumo organizar o meu trabalho para estimular o aprendizado de cada aluno da minha turma. Eu sei que o trabalho é desafiador porque, muitas vezes, o trabalho acontece do jeito que a gente quer, também, muitas vezes, não acontece do jeito que a

gente se organiza para executar, é nesse sentido eu falo desafiador. Porém, com essa organização, eu levo o meu trabalho como Professor Apyãwa.

Neste relato do prof. Irimakwao (Júlio César Tawy'i Tapirapé) podemos observar como a aquisição da escrita acontece de modo contextualizado, uma vez que o professor trabalha na sala de aula com tudo aquilo que os alunos observaram na aula de campo. Os textos produzidos pelas crianças Xerente, quando a professora Edite Smikidi usou uma metodologia de trabalho semelhante, possibilitou aos estudantes a elaboração de seus textos a partir do contexto sociocultural, como relata Braggio (1999, p. 165):

Em termos gerais, as observações em torno da escrita das crianças Xerente são extremamente gratificantes: 1) na sala de aula da professora Edite Smikidi e de outros professores Xerente, elas escrevem textos (e não pseudo textos, ou sílabas e palavras isoladas) desde o chamado pré; 2) os textos são cultural, social e pessoalmente relevantes; 3) a escrita espontânea é incentivada e não vista como garatuja sem sentido; 4) as crianças têm chances de elaborar sobre a escrita, já que não são textos previamente feitos para elas copiarem ou decorarem; 5) a construção de um sentido para o texto é objetivo primordial; 6) ao buscar tal objetivo, o aspecto grafofônico também é passível de intensa elaboração, pois o que a criança busca transmitir através da escrita tem sentido para ela.

4.4.2 – Depoimento do professor Ieremy'i (Josimar Xawapare'ymi Tapirapé)

Eu, Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, morador da aldeia Tap'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa – MT, venho expressar a minha experiência como primeiro professor Apyãwa na aldeia Orokotãwa Terra Indígena Tapirapé/ Karajá, município de Santa Terezinha – MT.

Então, o meu sonho era ser professor de alfabetização, por isso quando atuei na sala de aula com as crianças de alfabetização do 1º ciclo, 1ª fase fiquei muito feliz, porque era um sonho realizado para mim. Por isso, antes de trabalhar com essa turma, eu preparava o meu plano de aula de acordo com a minha turma e conforme eles queriam estudar, para os meus alunos gostarem de mim e do meu trabalho. Preparava também várias atividades, pensando como eles não iriam desistir fácil da minha aula e vendo também em quais atividade os estudantes iriam gostar mais e, assim, aprender com facilidade o trabalho realizado. Por isso, não trabalhava somente na sala de aula, levava eles na beira do rio para aprender a nadar e praticarem as brincadeiras tradicionais que, antes, as crianças Apyãwa realizavam.

Trabalhando na sala de aula estudávamos na escrita, na leitura individual e na leitura coletiva, esse ensino se realizava através dos desenhos que as crianças produziam conforme os seus conhecimentos. Realizávamos aula de campo caminhando com os estudantes na estrada para observar, conhecer aquilo que eles não conheciam, andando, outros correndo, brincando e outros contando história, assim eles iam seguindo a caminhar, se sentindo feliz e à vontade.

Estudávamos também de maneira lúdica, com as músicas as crianças aprendem muito rápido a língua, aprendem escrever, aprendem ler, porque eles vão ficar cantando toda hora, mesmo que não saibam bem cantar e, cantando sem perceber que estão fazendo a leitura, então, dessa forma as crianças aprendem com as músicas.

Ensinava os alunos sobre os nomes dos objetos não indígena na nossa língua materna Apyãwa, sendo que eu mesmo criava o nome de acordo com a característica dos objetos como: bola – kojapa'axiga, bolacha – mexo'i, café - kawiawy, celular – xe'egawi, foguete - ywakapiawa, bicicleta – yakopy, era sobre esses objetos que eu criava o nome na nossa língua. Por isso, os meus alunos gostavam muito de estudar comigo, não ficavam com preguiça, não se sentiam cansados, ficavam muito alegres comigo e, mesmo quando era fim de semana, eles falavam para mim da seguinte forma: _Xixema'e ta'e ekwe axiwe rano? _Nós vamos estudar hoje de novo? assim eles me perguntavam. Por que os alunos me perguntavam dessa forma? Porque eles queriam cantar, brincar e caminhar, através disso, os alunos gostavam muito da minha pessoa. Então, dessa forma eu lecionava com os alunos na sala de aula e fora da sala de aula.

Atualmente, o ensino das crianças de alfabetização eu observo muito diferente, porque eles ficam estudando somente na sala de aula, ficam somente sentados na cadeira e ficam cansados só de sentar, ficam com preguiça de estudar só escrevendo, porque eles ficam dessa forma? Porque tem dia que os alunos querem caminhar na estrada, querem brincar, querem fazer exercício, por isso eles ficam desse jeito.

Então, na minha experiência, na fase de alfabetização é fundamental realizar as atividades de acordo com os alunos e conforme os estudantes querem estudar, somente dessa forma as crianças se sentem à vontade de estudar e, assim o professor consegue trabalhar muito bem. Então, somente assim eu conseguia alcançar os meus objetivos em relação à alfabetização das crianças no âmbito escolar.

No depoimento deste professor observamos que as crianças são respeitadas em relação às atividades que elas gostam de fazer. O professor organiza a forma de ensinar

de acordo com o que os alunos e alunas solicitam a ele. Os aprendizados das aulas de campo se transformavam em textos escritos e ilustrados pelas crianças. O trabalho com músicas também envolvem as crianças, que demonstram gostar de estudar, porque perguntam se até nos domingos elas não iriam participar das aulas com ele. O professor Josimar também menciona o trabalho de criação de palavras novas na língua Apyãwa para designar os objetos da sociedade não indígena que vão entrando na aldeia. Esse trabalho desenvolvido por ele foi reconhecido e ganhou o Prêmio Professor Nota 10, da Fundação Victor Civita em 2003 :

O professor Josimar explicou que usou os recursos da significação ou pela forma do objeto. Para criar a palavra yãkopy, que é bicicleta, ele fez assim: yã - tirada da palavra yãra, que significa meio de transporte, e kopy, porque bicicleta tem dois pneus. Outros exemplos: lápis (paraxi), bola (kojapa'axiga), boné (xapewakwy), trator (tatoyãra). A cada palavra criada, os alunos começam a usar na escola e a difundir nas suas casas e na aldeia, onde foram bem recebidas, explica o professor. "Meu sonho era encontrar uma maneira de buscar a recuperação das palavras do nosso idioma para ensinar aos mais jovens, porque a língua materna é a força de nossa identidade cultural", diz o professor, ao definir os objetivos da experiência. (<https://terrasindigenas.org.br/noticia/9746> - Acesso em 20 de julho de 2022)

4.4.3 - Depoimento de Ware'i (Kamoriwa'i Élber Tapirapé)

Eu, Kamoriwa'i Élber Tapirapé, residente na aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco município de Confresa – MT, venho ressaltar a minha experiência como primeiro professor Apyãwa na aldeia Orokotãwa, Terra Indígena Tapirapé/ Karajá município de Santa Terezinha – MT.

Então, no momento que atuamos como professor nós nos preparávamos antes de trabalhar com os estudantes, realizando primeiramente plano de aula juntos com Luiz a Eunice e os demais professores Apyãwa. A partir daí, cada professor lecionava nas disciplinas de acordo com seus educandos e o tema que era escolhido por nós ainda apresentávamos esclarecendo para conscientizar os estudantes ou até mesmo escolhendo juntos sobre qual subtema eles queriam estudar dentro do tema planejado.

No momento em que nós escolhíamos um subtema junto na sala de aula com os estudantes ou, então, todo mundo entrava em acordo para estudar no tema que já planejávamos, a partir disso, iniciávamos a realizar o trabalho da forma que os estudantes queriam estudar. Nessa parte, incentivávamos os alunos a desenharem e elaborar as suas frases, os textos conforme os seus conhecimentos, porque sabemos que

a criança já possui o conhecimento do seu mundo. Então, nós professores temos que levar em consideração o conhecimento da criança, por isso ficávamos mediando as atividades que cada aluno produzia.

A partir do momento que os estudantes terminavam os desenhos, as suas frases ou até mesmo os textos, corrigíamos juntos com cada aluno sem rabiscar as palavras, as frases para verem os usos adequados das escritas. Essa parte de correção sempre colocávamos embaixo dos textos que foram produzidos pelos estudantes para ajudar a esclarecer ou compreender as formas adequadas das escritas e dos conteúdos estudados tanto da língua materna como da língua portuguesa. Concluindo a correção das frases dos textos, cada aluno fazia leitura em individual e sempre acompanhávamos por perto para contribuir com cada um deles, ajudando pronunciar algumas palavras ou então complementando a fala sobre aquilo que não foi comentado.

Também acompanhávamos o desempenho de cada aluno referente aos conteúdos estudados nos exercícios que passávamos para eles fazerem em casa. Essa era a nossa experiência sobre os nossos alunos para não se esquecerem e verem se realmente compreendiam aquilo que nós estudávamos, para nós, como professores, também conhecer quem produziu e quem não produziu o exercício de casa. No exercício realizado dessa forma sabíamos também através da produção os alunos que compreendiam e os que não entendiam o conteúdo lecionado.

Naquele tempo, trabalhávamos muito na produção de textos espontâneos que ajudam a estimular o conhecimento da criança para desenvolver e fortalecer os nossos costumes, cultura, língua entre outros. Essas partes dos estudos, realizávamos para atender as propostas colocadas pelos estudantes referentes aos conteúdos que considerávamos como um assunto importante e uma prioridade para a criança, que vai colaborar no sentido de a criança se sentir feliz, animada em estudar sobre os assuntos levantado por elas mesmas e, assim, eles não ficarem com preguiça.

Os conteúdos lecionados na sala de aula eram sempre referentes a nossa realidade como as festas, os rituais, as pescarias, as caçadas, sobre as frutas, sobre produtos da roça, as artes e entre outros, que as crianças tinham costume de participar na contemporaneidade e, por isso, tinham facilidade de explorar na produção de desenho, e nas escritas. Os conteúdos abordados conforme a nossa realidade ajudavam no sentido de desenvolver várias atividades nas diferentes áreas de conhecimentos com os nossos alunos. Isso realizávamos porque naquele tempo ainda não tinham professores

qualificados nas áreas específicas e, até mesmo, a turma que trabalhávamos era somente da primeira série até na quarta série, de quinta série em diante ainda não tinha a turma.

Então, as atividades realizadas conforme as nossas realidades fortalecem a aprendizagem das escritas, dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes tanto na sala de aula quanto nas aulas de campo. Essas práticas de ensino, os estudantes gostavam muito até porque, naquele tempo, desde a sua infância, as crianças Apyãwa já vinham se acostumando a frequentar esses conhecimentos juntos com as suas famílias. Por isso, o ensino das escritas para as crianças eram novidade e mostravam as suas vontades de aprender a escrever, também mostravam as suas vontades na participação das aulas práticas que conduzíamos nos diferentes espaços. Então, dessa forma, nós, como primeiros professores Apyãwa, trabalhávamos com os nossos estudantes pensando no futuro para eles seguirem o mesmo caminho que caminhamos durante a nossa jornada.

Atualmente, eu observo o ensino da criança Apyãwa muito diferente do ensino que era antes, porque o trabalho está ministrado pela área de conhecimento e a carga horária é dividida muito pouca para cada professor, e ainda trabalham por apenas duas horas em cada turma. O ensino está se realizando diferente também através da entrada de novas tecnologias na nossa aldeia, por isso a organização dentro da nossa cultura está sendo influenciado. Então, no meu entendimento, o enfraquecimento do ensino aprendizagem dos estudantes estão acontecendo através dos maus usos das novas tecnologias e, vejo também que alguns professores querem aproveitar usar no seu trabalho o material pronto que vem do MEC para a nossa escola, que não tem a ver com a nossa cultura. Por isso no meu ponto de vista os professores não poderiam usar esses tipos de materiais para as crianças que estão nas fases de alfabetização.

Os professores que ainda trabalham dessa forma ficam prejudicando os seus alunos por causa que não têm conhecimento nenhum em relação às outras realidades, por isso, dificulta o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Eu sei que a maioria dos professores Apyãwa ainda estão trabalhando da forma que antes trabalhávamos com as nossas crianças de alfabetização. Sabemos que é fundamental ensinar as crianças Apyãwa sobre aquele conhecimento que vivenciamos na comunidade, com sua família praticando as atividades realizadas na roça, na pescaria, na coleta de frutas, na criação dos filhotes de animais, das aves aquáticas, sobre as histórias que os conhecedores de saberes tradicionais nos passam para continuarmos repassando esses conhecimentos para a nova geração. Também nós, que somos professores conhecedores de ensino,

sabemos que as crianças aprendem muito rápido quando trabalhamos da forma que querem estudar sobre aquele conhecimento que querem aprender e conhecer.

Então, nós professores Apyãwa temos que levar em consideração esse desejo e realizar o trabalho da forma adequada, que atenda ao anseio dos estudantes de forma tranquila, somente continuar seguindo sobre aquele conhecimento tradicional que não conhecem. Os professores não podem se preocupar com os estudantes da alfabetização de expor ou querer ensinar de forma precipitada nos conhecimentos que não conhecem e não sabem usar, porque, no decorrer do tempo, as crianças vão aprender esses conhecimentos e vão aprender a usar novas tecnologias. Por isso, não pode querer inserir tão logo os estudantes de alfabetização desde pequenos num sistema de outra realidade, porque, quando crescer, eles também vão aprender e conhecer outra realidade. É muito importante nós professores Apyãwa trabalharmos na educação escolar indígena com a nossa comunidade. Então, dessa forma, nós pensávamos sobre a valorização de ensino dos estudantes somente na nossa realidade para nós se fortalecer como Apyãwa e fortalecer o nosso direito que assegura a educação escolar indígena específica e diferenciada.

O depoimento do professor Ware'i (Kamoriwa'i Élber Tapirapé) demonstra o respeito que se deve ter com o conhecimento que as crianças já trazem de suas vivências com as suas famílias. Na escola podem ser trabalhados todos os temas que essas vivências proporcionam, como rituais, pescarias, artes etc. O professor Ware'i também relembra a importância de um planejamento conjunto elaborado pela equipe de docentes e a participação dos alunos e alunas na escolha de um subtema para eles estudarem. Na opinião do professor Ware'i, o ensino, organizado desta forma, favorece o aprendizado dos alunos. Entretanto, ele comenta como hoje o ensino está diferente, pois vê os professores utilizando os livros enviados pelo MEC, que não trazem nada de nossa realidade. Ao contrário, as atividades escolares centradas nos temas de nossa cultura proporcionam a manutenção da nossa língua e dos nossos saberes, além de garantir o direito a uma educação específica e diferenciada conforme a legislação.

Neste sentido, os depoimentos dos três professores destacam a importância de a escola trabalhar com os temas da nossa realidade, respeitando o conhecimento que as crianças já trazem desde a sua família e o direito dos alunos e alunas escolherem os assuntos que querem estudar. Esses princípios estão de acordo com a pedagogia própria dos Apyãwa, como apresento no Capítulo V.

CAPÍTULO V – UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO

Neste Capítulo apresento uma proposta de letramento para os anos iniciais da vida escolar, quando a criança começa a adquirir a escrita de nossa língua. Para fazer esta proposta, vou considerar as três observações que realizei junto aos docentes do 1º Ciclo, 2a. Fase da sede da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, bem como os estudos teóricos que contribuíram para a minha reflexão e análise do que observei.

Os conceitos de alfabetização e letramento foram estudados por Soares e Batista (2005). Para estes autores, a alfabetização é

o “ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras”. Assim, uma pessoa alfabetizada é entendida como aquela que domina as “primeiras letras”, que domina as habilidades básicas ou iniciais do ler e do escrever. Ao longo do século XX, porém, esse conceito de alfabetização foi sendo progressivamente ampliado, em razão de necessidades sociais e políticas, a ponto de já não se considerar alfabetizado aquele que apenas domina o sistema de escrita e as capacidades básicas de leitura e escrita, mas aquele que sabe usar a linguagem escrita para exercer uma prática social em que essa modalidade da língua é necessária. (SOARES E BATISTA, 2005, p. 47)

Essa ampliação do conceito de alfabetização que não trata somente do domínio das primeiras letras, mas aborda o uso da escrita como uma prática social, ficou conhecida como letramento,

o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita. Assim, para corresponder adequadamente às características e demandas da sociedade atual, é necessário que as pessoas sejam alfabetizadas e letradas; no entanto, há alfabetizados não letrados e também é possível haver analfabetos com um certo nível de letramento. (SOARES e BATISTA, 2005, p. 50)

De acordo com esses autores, a alfabetização é um processo de aprendizado das primeiras letras, mas, para que as pessoas possam participar ativamente da cultura escrita de uma sociedade, é preciso avançar além do domínio das letras, para poder exercer uma prática social que ajude a compreender o mundo em que vivemos.

Para nós, Apyãwa, o letramento é o entendimento de nossos saberes ancestrais e é a prática desses conhecimentos (TAPIRAPÉ, K. G, 2022). Apresento alguns exemplos de como acontece este letramento cultural:

- a) O professor Inamoreo (Kaorewygi Reginaldo Tapirapé), preocupado com os cantos do ritual Marakayja, porque somente algumas pessoas bem idosas conheciam estas músicas, gravou toda a sequência dos cantos e passou a estudá-las ouvindo no gravador. Até que ele aprendeu e depois transcreveu as letras para trabalhar com seus alunos. Hoje, várias pessoas conhecem estas músicas;
- b) O mestre tradicional Korako (Francisco Kaorewygi Tapirapé) foi convidado para ensinar os cantos do ritual Ka'o aos estudantes do Ensino Médio. Enquanto ele cantava, o professor Paroo'i (Nivaldo Korira'i Tapirapé) transcreveu as letras no quadro. Os alunos ensaiaram bastante e foram capazes de cantar estas músicas no dia da sua formatura;
- c) O jovem Imara'i Tapirapé, quando era menino, sempre acompanhava o seu avô no ritual de Ka'o. Ele ficava ouvindo e tentando cantar as músicas. Até que aprendeu e depois, ele escreveu também as letras e hoje ele consegue cantar como um adulto.

No primeiro caso, o professor ouviu as músicas gravadas com o uso de uma nova tecnologia até que aprendeu a melodia e a letra destas músicas. A escrita destas letras possibilitou que mais pessoas aprendessem os cantos especializados do ritual *Marakãjja*. Nesse caso, o letramento escolar contribuiu para o letramento cultural. Do mesmo modo ocorreu no segundo exemplo. O mestre tradicional, sr. Korako (Francisco Kaorewygi Tapirapé), ensinou as letras e melodias do ritual *Ka'o* aos estudantes do Ensino Médio na oralidade. O professor escreveu as letras das músicas e isso facilitou o aprendizado. E no terceiro exemplo, o rapaz Imara'i acompanhou o ritual *Ka'o*, aprendendo os cantos da forma tradicional de aprendizagem. Mas, como ele domina a escrita, registrou também as letras das músicas por meio da escrita. E isso ajudou a memorizar os cantos e as sequências dos cantos próprios do *Ka'o*. Por estes exemplos, podemos perceber que, atualmente, o letramento cultural está articulado ao letramento escolar como afirma Katypyxowa Graciela Tapirapé (2022, p. 50):

Através do surgimento da nossa linguagem escrita, facilitou muito mais ainda para nós registrarmos os nossos próprios conhecimentos sobre aquilo que não conhecíamos, como: as sequências das músicas, as histórias antigas ou qualquer receita das atividades que a juventude Apyãwa/Tapirapé ainda não conhece.

Eu concordo com a conclusão desta mesma autora quando afirma que:

Desde a infância, a criança já aprende corretamente o letramento cultural do seu povo através da oralidade. Em seguida, pode aprender a escrita do letramento na escola, com isso a cultura permanece sempre viva, valorizada e, além disso, também a escrita tem a possibilidade de deixar registrados os nossos conhecimentos. Dessa forma, concluímos que o letramento escolar está articulado com o letramento cultural. (TAPIRAPÉ, K. G., 2022, p. 67)

O professor Ieremy'i (Josimar Xawapare'ymi Tapirapé), que é um grande sábio da língua Apyãwa e cria palavras em nossa língua para objetos e conceitos que antes não existiam para nós, fez uma proposição para o conceito de letramento em nossa cultura. Segundo ele, o letramento é um conceito que pode ser explicado desse modo em nossa língua: XANE PA KWAXIÃARA MAGYÃWA ou XANE KWAXIÃARA MAGYÃWA. *Xane* pa significa a nossa mão. *Kwaxiãara* é uma palavra que usamos para denominar os grafismos que são utilizados nas pinturas corporais, nos trançados em palha como nas peneiras, *tope*, cabos de remo, na gravação de cuias, enfim, em vários artefatos. Quando começamos a escrever a nossa língua, esta palavra também foi empregada para definir a escrita. Então, nossos pais e mães, quando começaram a estudar, já usaram uma palavra com significado cultural para significar a escrita no papel. E *magyãwa* significa algo que é usado. Então, o letramento é o uso da escrita feita com as nossas mãos. A segunda proposta é definida como o uso de nossa escrita.

5.1 A criança na cosmovisão Apyãwa

Nesta seção vou retomar o que apresentamos no Capítulo II, sobre a educação tradicional do nosso povo. Vimos que, no último semestre da gestação, o casal Apyãwa pratica o processo de preparo e o ensino tradicional para o bebê. Durante esse período, o pai e a mãe com seus familiares vão estar dialogando por meio de algumas palavras fazendo contato na barriga, de forma carinhosa com o bebê. Assim o bebê se sente contente percebendo e ouvindo aquelas palavras carinhosas desde que está na barriga de sua mãe. Dessa forma, já existe uma interação entre o bebê e seus pais e demais familiares. Ouvindo as palavras afetuosas, ele se sente bem. Todos os cuidados que o pai e a mãe, durante a gestação, também são no sentido de preservar o bebê para ele ter uma boa saúde. E, depois do nascimento, o pai e a mãe continuam seguindo muitos cuidados para que o bebê e o seu espírito fiquem bem. O exemplo disso é a barreira que o pai faz na estrada quando precisa ir à roça, para que o espírito do bebê não o acompanhe. Como explicou o

professor Inamoreo (Reginaldo Kaorewygi Tapirapé), essa barreira e o significado dela também faz parte do letramento cultural, como ele definiu: *Kwaxiãra rexaka*, uma escrita que se vê e que pode ser interpretada por quem pertence à nossa etnia.

Vimos, também, na narrativa ancestral que denominamos Kapitãwa, que a esposa do cacique estava grávida de gêmeos e que os seus filhos, ainda no ventre, orientavam a sua mãe para procurar flores. Isto significa que as crianças Apyãwa são consideradas como seres que podem orientar os adultos, que elas já têm um conhecimento mesmo antes de nascerem.

A maneira como as crianças são incentivadas a criar filhotinhos de periquitos ou gaviões como uma preparação para sua vida adulta, quando terá que cuidar de seu filhos e filhas, também revela um processo da pedagogia Apyãwa que confere responsabilidade para as crianças.

O professor Ronaldo Komaoro'i Tapirapé (*in memorian*), assim descreveu o seu processo de aprendizado junto a seu avô :

A criança aprende através da observação. Fui criado com meu avô. Quando meu avô queria me ensinar, ele fazia uma 'peyra' (cesto) para mim: eu sentava olhando e depois eu começava a fazer. Quando errava, ele desmanchava, até eu acertar tudinho. Aí ia para a roça e ele me mostrava tudo que era para trazer. Aí, então, eu tinha que aprender a amarrar a 'peyra' e meu avô me ajudava até eu mesmo amarrar direito (CIMI MT, 1991).

Neste relato vemos que a observação é uma atitude que as crianças praticam quando querem aprender alguma coisa. Depois de olhar, o neto tenta fazer o cesto, isto é, ele toma a iniciativa de confeccionar o artefato. O adulto ensina com paciência até ele aprender. Constatamos que na pedagogia Apyãwa os adultos sempre incentivam as crianças.

Paula (1997, p. 20) comenta outro aprendizado que é incentivado pelos adultos :

Um importante aprendizado é o das relações de parentesco e as obrigações sociais que são praticadas entre os parentes. A mãe, ao repartir o peixe, carne de caça ou produtos da roça, pede que a criança vá levá-lo à sogra, às cunhadas, ou a outros a quem a cortesia prescreve presentes de alimentos, como os vizinhos. Não é raro ver-se garotinhos ou meninas de 3, 4 anos atravessando a aldeia carregando peixes enormes, quase maiores que eles! Assim, a criança vai aprendendo as regras sociais, participando diretamente da concretização delas.

Dessa forma, as crianças Apyãwa são incentivadas para levar alimentos para os parentes e, assim, vão aprendendo quem são as pessoas que são seus familiares e que os Apyãwa sempre devem repartir uma caça ou peixes com eles.

Figura 14 : Avô ensinando os netos a trançarem um cesto de palha

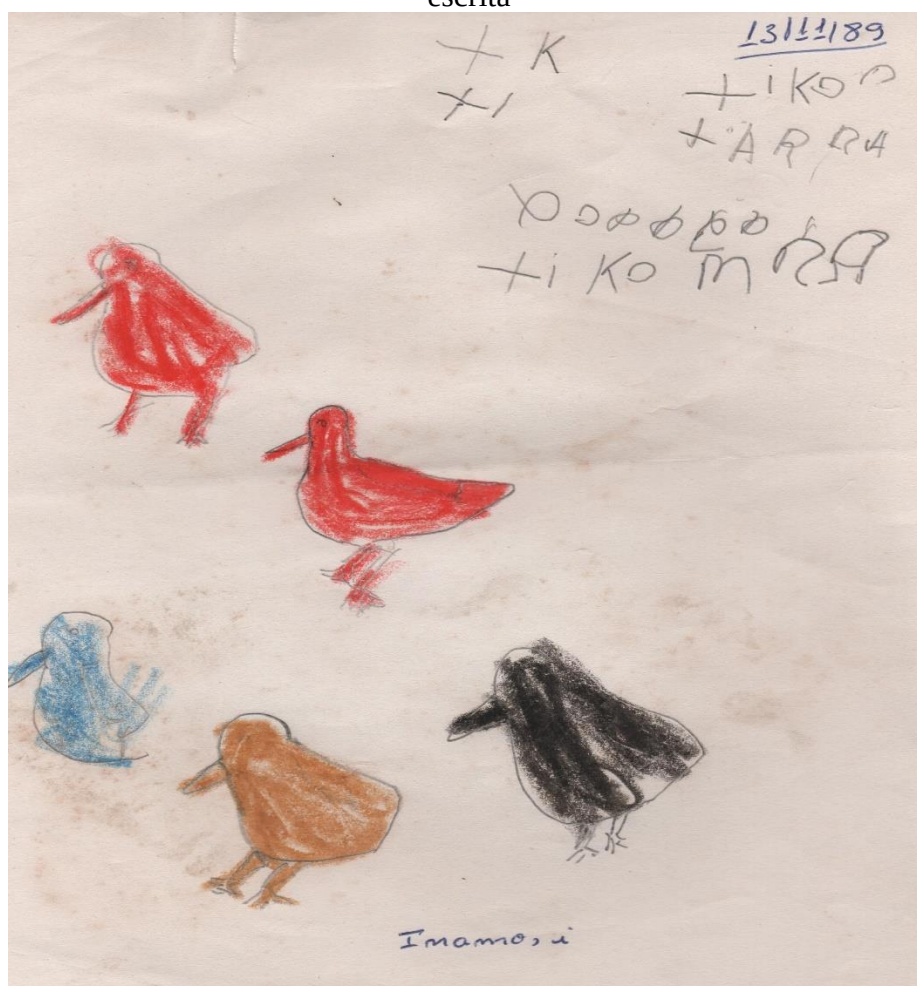


Fonte : Xario'i Carlos Tapirapé, 2000.

5.2 Como os primeiros professores Apyãwa trabalhavam

Nesta seção vou demonstrar como os primeiros professores Apyãwa trabalhavam com seus alunos e alunas, lembrando que os primeiros professores foram Ronaldo Komaoro'i Tapirapé (*in memoriam*), Alberto Orokomy'i Tapirapé e Ware'i (Kamoriwa'i Elber Tapirapé). Eu destaco que o modo como eles trabalhavam está de acordo com a concepção da criança presente na cosmovisão Apyãwa, porque eles consideravam a iniciativa das crianças no processo de aquisição da escrita, favorecendo a produção de textos espontâneos e, permitindo também que as crianças expressassem a leitura de mundo que elas já possuíam mesmo antes de entrar na escola, como podemos observar nas figuras abaixo:

Figura 15: Produção de desenho e texto de uma criança em fase inicial de aquisição da escrita



Fonte : Acervo da Escola Estadual Indígena Tapirapé, 1989.

Na Figura 15, observamos que a criança já possui uma leitura de mundo, pois ela já conhecia as nambuzinhas, *inamo'i* em nossa língua. E foi capaz de realizar o desenho destas aves, conforme ela observou na realidade. Depois, a criança tentou fazer uma produção de texto, utilizando vários grafemas como X, K, I, A, R, M. Isto demonstra que esta criança já possui uma noção do que é a escrita, isto é, há sinais gráficos que representam os sons de nossa fala e ela já domina alguns desses sinais gráficos.

O texto foi produzido de forma espontânea, como Cagliari (1996) destaca:

Se, por outro lado, após os primeiros contatos com a escrita das palavras, incentiva-se o aluno a produzir textos da maneira que achar melhor, usando espontaneamente a língua que sabe, isso o estimulará a escrever do modo que lhe parece fácil, correto e apropriado nas mais diversas situações. Algumas atitudes da escola em relação à produção de textos são desastrosas. Minha opinião é que as crianças devem poder escrever o que quiserem, como quiserem. (...) Em resumo, as crianças, ainda em fase de alfabetização,

demonstram capacidade para produzir textos espontâneos. (CAGLIARI, 1996, p. 123-124)

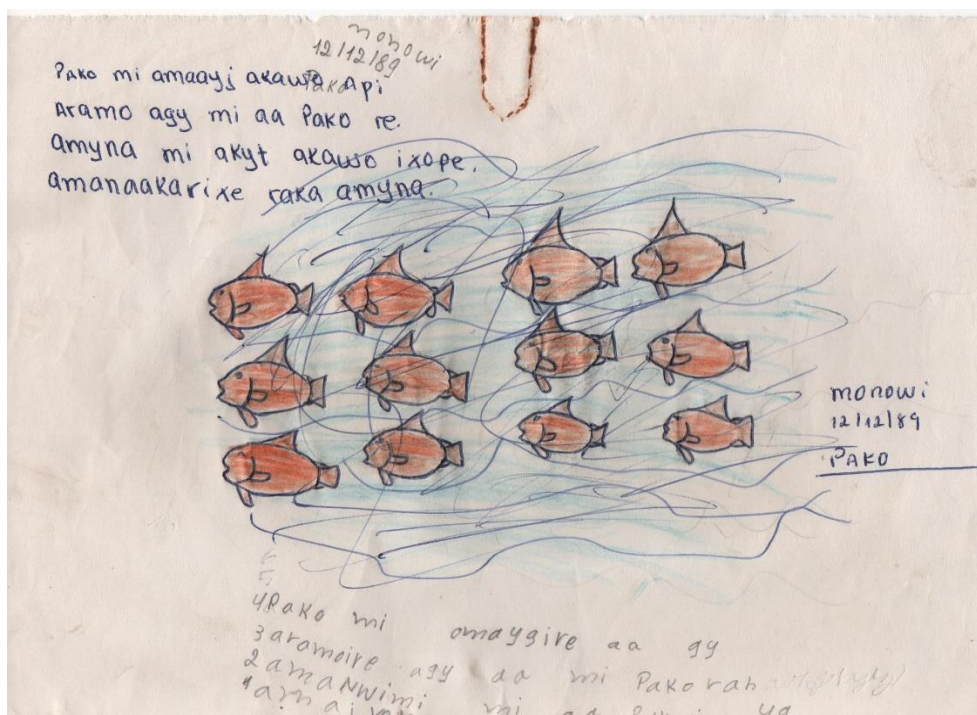
De acordo com este autor, a definição de texto espontâneo é a escrita conforme a criança quiser escrever e do modo como desejarem. Ao mesmo tempo, a criança que fez o desenho, já está pensando sobre a escrita, escolhendo grafemas para significar o desenho que ela produziu. Do mesmo modo, outra aluna do mesmo professor Ronaldo Komaoro'i (*in memorian*) fez um desenho de outra ave, que na nossa língua se chama *towarara* 'marrecão' (Figura 16). Ela também usa grafemas para tentar expressar pela escrita o desenho que ela fez. Porém, tenta escrever só uma palavra com os grafemas A, N, O, N, I, R. A criança da Figura 15 fez mais tentativas de escrita e esta outra criança produziu o que seria uma palavra. Percebo, então, que pode haver textos de tamanhos diferentes quando as crianças têm liberdade para produzirem seus textos iniciais de escrita e percebo também que as crianças fazem suas tentativas iniciais de escrita utilizando os grafemas da escrita de nossa língua.

Figura 16: Produção de desenho e texto de uma criança em fase inicial de aquisição da escrita.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Indígena Tapirapé, 1989.

Figura 17: Produção de desenho e texto de uma criança no 2º ano de escolarização.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Indígena Tapirapé, 1989.

A figura 17 mostra uma produção de texto e desenho feita por uma aluna do segundo ano de escolarização, que corresponde hoje à segunda fase do primeiro Ciclo. Observamos que a criança desenhou um cardume de peixes pacu, *pako* em nossa língua. Isto significa que esta menina também já possui um conhecimento do mundo Apyãwa, pois ela sabe reconhecer este peixe e sabe escrever o nome dele de forma adequada.

Ela produziu um texto já com as características de um texto, são frases conectadas umas às outras com coesão e coerência. Há também separação entre as palavras que compõem cada frase. Ainda aparecem formas não adequadas à escrita de nossa língua, como quando ela grafa *amaygire* em vez de *amayji*, na primeira frase.

Porém, o professor Alberto Orokomy'i Tapirapé não corrige o texto rabiscando em cima do que ela escreveu. Ele reescreve o texto com caneta em outro espaço do papel, usando as formas adequadas segundo a ortografia da nossa língua. Dessa forma, o professor mostra muito respeito pela escrita que a criança produziu, mas também fornece o texto na forma adequada para que ela possa observar e, assim, aprender a maneira de grafar as palavras do texto dela, como o professor Ware'i (Kamoriwa'i Elber Tapirapé) também destacou em seu depoimento (Cf. seção 4.43). Considero, assim, que este professor praticou um princípio da pedagogia Apyãwa, como quando o avô ensinou o

neto a fazer *peyra*. Ele ofereceu um modelo para a criança observar e desenvolver mais o seu domínio da escrita.

Consideramos que este texto produzido pela aluna já demonstra o processo de letramento, porque ela descreve uma prática social, ou seja, o modo de pescar pacu. Ao escrever sobre o seu contexto social, a criança está registrando os costumes e as tradições do povo Apyãwa. É um texto relevante, que mostra o contexto social e cultural como comenta Braggio (1999, p. 165), ao observar textos produzidos pelas crianças Xerente, quando a professora Edite Smikidi usou uma outra metodologia de trabalho, possibilitando aos estudantes a elaboração de seus textos a partir do contexto sociocultural:

Em termos gerais, as observações em torno da escrita das crianças Xerente são extremamente gratificantes: 1) na sala de aula da professora Edite Smikidi e de outros professores Xerente, elas escrevem textos (e não pseudo textos, ou sílabas e palavras isoladas) desde o chamado pré; 2) os textos são cultural, social e pessoalmente relevantes; 3) a escrita espontânea é incentivada e não vista como garatuja sem sentido; 4) as crianças têm chances de elaborar sobre a escrita, já que não são textos previamente feitos para elas copiarem ou decorarem; 5) a construção de um sentido para o texto é objetivo primordial; 6) ao buscar tal objetivo, o aspecto grafofônico também é passível de intensa elaboração, pois o que a criança busca transmitir através da escrita tem sentido para ela.

Quero apresentar também relatos de atividades pedagógicas desenvolvidas por professores Apyãwa em 1992 que demonstram como era o trabalho dos primeiros docentes:

Box 02:

Quando nós acabamos de estudar esse assunto sobre o arroz, nós começamos estudar outro tema que é o porcão. Os alunos desenharam o pessoal matando porcão. Porque teve muito pessoal que estava matando porcão do mato. Então nós estudamos sobre ele. Eles escreveram as histórias deles. Nós treinamos lendo essas histórias que os alunos escreveram sobre o porcão. Nós fizemos com os alunos vários exercícios para eles fazerem. Também nós fizemos uma dramatização com esse assunto sobre o porcão. Nós dividimos em três grupos para fazer essa dramatização. Porque um grupo ficou como cachorro latindo no porcão e outro grupo ficou como porcão correndo atrás do cachorro. Também teve um grupo sendo gente matando porcão. Os alunos gostaram de

brincar com essa dramatização. Professor Irimakwao (Júlio César Tawy'i, 2ª série, 1992, apud PAULA, 1997, p. 74).

Neste relato, o professor Irimakwao (Júlio César Tawy'i Tapirapé) descreve como o trabalho pedagógico sobre o porcão (porco queixada) foi desenvolvido a partir do contexto social a partir das caçadas que as pessoas estavam realizando. Os alunos da 2ª. série, atual 1º Ciclo, 2ª. Fase, desenharam as pessoas caçando e, em seguida, escreveram histórias sobre a caçada, praticando o letramento. A leitura dos diversos textos produzidos pelos alunos proporcionou a que todos os alunos e alunas conhecessem as histórias escritas por cada um. Os textos são significativos socialmente, pois a caçada é uma atividade tradicional dos Apyãwa. Os exercícios, a escrita e a leitura vão facilitando para as crianças aprenderem as formas adequadas para grafar as palavras. A atividade da dramatização também contribui para que os alunos desenvolvam a oralidade e a expressão corporal, no qual demonstraram seus conhecimentos a respeito de como acontece uma caçada de porcão. No relato, também fica claro que as crianças têm parte ativa nas aulas, mostrando sua criatividade.

Box 3:

No tema da onça, primeiro, os alunos leram o texto na cartilha, fizeram leitura coletiva, leitura individual, copiaram esse mesmo texto no próprio caderno. Depois de copiar tudo acharam palavras novas e circularam só o nome da onça no texto. Em seguida, desenharam na folha branca e trabalharam em grupo para fazer um desenho maior com recorte e colagem no cartaz. Os alunos adoraram de trabalhar em grupo e fazer desenho com revista velha. Fizeram dramatização, depois chamamos o velho para contar a história da onça para os alunos na sala de aula. E essa história nós gravamos para ficar na escola para as crianças ouvirem e saber como foi a história da onça com tamanduá. Nessa história gravamos até uma música que fizemos para cantar no recreio todo dia quando estudamos...” Professor Jeremy'i (Josimar Xawapare'ymi Tapirapé, 1ª série, 1994, apud PAULA, 1997, p. 75)

Neste relato do Professor Jeremy'i (Josimar Xawapare'ymi Tapirapé) sobre a atividade pedagógica desenvolvida com crianças da 1ª. série, atual 1º. Ciclo, 1ª. Fase, percebemos como a leitura e a escrita são trabalhadas ao mesmo tempo. A cartilha a qual o professor se refere é a Cartilha Xeparama'eãwa, elaborada com textos produzidos por alunos e alunas da segunda fase do 1º. Ciclo. Desse modo, é um livro adequado à nossa realidade, que traz temas significativos do cotidiano vivenciado pelas crianças, como o tema da onça. Após lerem o texto e identificarem a palavra *xawaroo* 'onça', as crianças desenham individualmente e realizam em grupo um trabalho de recorte e colagem sobre a onça. Também dramatizaram a história da onça. Quero destacar a presença de um idoso que veio na sala de aula para contar a história da onça com o tamanduá e, assim, as crianças ouviram uma narrativa ancestral de nosso povo. E o professor elaborou uma música a respeito da onça para cantar com as crianças, desenvolvendo, assim, a oralidade em nossa língua.

O professor utiliza vários modos de trabalhar leitura e escrita com seus alunos, entrelaçando com artes também, como o cartaz feito com recorte e colagem e a audição da história da onça com o tamanduá, que faz parte de nosso patrimônio imaterial. Percebemos, no relato do professor, como as crianças são ativas durante as aulas.

5.3 - A proposta de letramento em língua Apyãwa

De acordo com os princípios da educação tradicional, os Apyãwa sempre fabricaram objetos em tamanho pequeno para seus filhos e filhas, como a *yropema* 'peneira' pequenina, *ino'ã* 'pilão' em tamanho pequeno para as meninas e arquinho e flechas de ponta de cera e pequenas bordunas para os meninos, com o objetivo de que as crianças já pudessem ir praticando os saberes tradicionais, como peneirar a massa de mandioca ou pegar peixinhos pequenos com a *yropema*, ou saber flechar passarinhos e peixes. A prática dessas ações é sempre acompanhada pelos pais, pelos avós ou pelos tios e tias, que incentivam a criança a ter autonomia no processo de aprendizagem.

Observamos, também, como os primeiros professores trabalhavam com os alunos e alunas na escola, respeitando esse princípio da pedagogia própria dos Apyãwa. As crianças desenhavam as aves e os peixes que conheciam, através da leitura de mundo que elas já possuíam e depois tentavam escrever sobre o que tinham desenhado. O professor,

então, respeitava está escrita e, ao mesmo tempo, oferecia a forma adequada de escrever o que elas tinham expressado em forma escrita. Ou seja, as crianças eram incentivadas a escrever em forma de texto espontâneo (CAGLIARI, 1996). E, aos poucos, iam dominando a escrita da língua Apyãwa conforme as regras.

Na minha pesquisa, observei que as crianças de hoje continuam agindo do mesmo modo que as crianças da década de oitenta, conforme se pode ver nas produções abaixo:

Figura 18: Produção de desenho e texto de Arywi



Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2021.

Arywi é uma menina de seis anos de idade. Ela estuda na Educação Infantil. Esta produção espontânea de desenho e texto aconteceu na casa da Professora Kato'ywa (Eunice), no dia 15 de novembro de 2021. Observamos que Arywi desenhou cenas do cotidiano da aldeia e fez uma escrita utilizando os grafemas X e A de forma alternada, como acontece com os grafismos presentes nas nossas pinturas corporais.

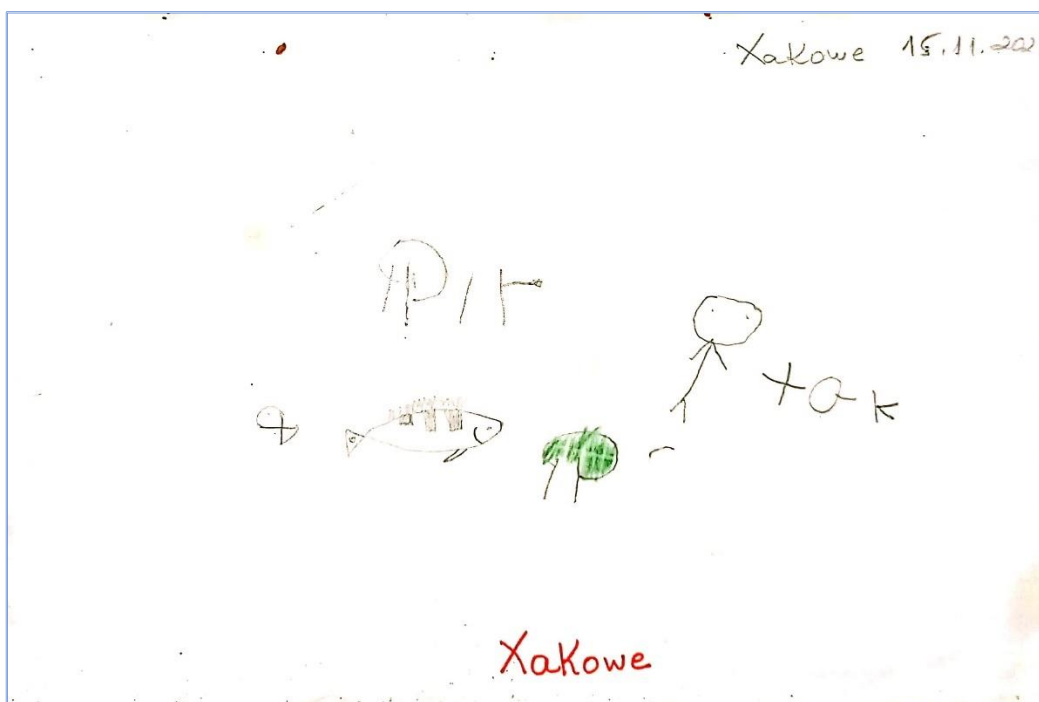
Braggio (1999, p. 169) destaca os grafismos presentes entre os povos indígenas como uma forma de escrita que questiona a afirmação de que os povos originários eram ágrafos, isto é, povos sem escrita. Na verdade, esta é uma concepção relacionada com a escrita alfabética, que não considera os grafismos como uma forma de escrita:

Contudo, embora a criança indígena tenha menos acesso à escrita alfabética, grande parte delas interage, desde tenra idade, com o grafismo, uma das formas de simbolizar e dar sentido ao seu mundo. É, portanto, tal como a escrita alfabética, um sistema simbólico socialmente estruturado que está intrinsecamente ligado àquela.

Paula (2001) realizou uma pesquisa sobre a aquisição da escrita entre as crianças Apyãwa e chegou à conclusão que os princípios dos grafismos que as crianças já conhecem antes de chegar à escola, se entrelaçam com suas produções escritas:

a escrita, para as crianças Tapirapé, está intimamente articulada com os padrões representacionais gráficos próprios de seu povo. As primeiras produções que coletamos traziam desenhos e escrita. Os desenhos podiam ser considerados dentro de um estilo figurativo, mas altamente estilizados, repetindo padrões próprios dos grafismos presentes em outros objetos da vida diária: cuias, remos, cestos ... e esse indício nos levou a examinar a arte representacional Tapirapé, prática sociocultural bastante difundida entre esse povo, e de um modo geral, entre os povos indígenas. (PAULA, 2001, p. 161).

Figura 19: Produção de desenho e texto de Xakowe.



Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2021.

Na Figura 19 observamos a produção de desenho e texto de Xakowe, um menino de 07 anos de idade, aluno do 1º Ciclo, 1ª. Fase. O tema do desenho é uma pescaria, na qual se observa um menino e um peixe tucunaré. Xakowe faz os nomes dos desenhos quase de maneira completa, pois, para o peixe ele coloca os grafemas I, P, I, R, faltando

só a última vogal A, para formar a palavra *ipirã* ‘peixe’. Ao lado da figura do menino, ele coloca os grafemas X, A, K, que são os grafemas iniciais de seu nome, Xakowe. Dessa forma, observamos que esta criança já está conseguindo relacionar os grafemas com os fonemas das palavras que ele quer escrever para nomear o que ele desenhou.

Dessa forma, observamos que há diferenças nas produções textuais das duas crianças, mostrando que cada uma apresenta ocorrências que, dadas “sua singularidade, talvez não voltem a repetir-se jamais, exatamente por representarem instanciações episódicas e locais de uma relação em construção, entre o sujeito e a linguagem” (ABAURRE *et al.*, 1997, p. 18).

Figura 20: Produção de desenho e texto de Tomã.



Fonte: Pesquisa de Campo da autora, 2021.

Na Figura 20 observamos o desenho e o texto produzido por Tomã, um menino de 07 anos. Ele desenha um *xawaxi* ‘jabuti’ e os grafemas que utiliza mostram uma repetição de X e O, que pode ser interpretado também como uma tentativa de escrever a palavra jabuti. Assim, observamos que há uma proximidade com os grafemas da palavra *xawaxi*, que contém duas vezes o grafema X e o grafema A. Neste caso, esta criança já mostra uma compreensão entre os grafemas e a escrita do nome do animal que ela desenhou.

Considerando estes aspectos, a proposta de alfabetização e letramento que apresento, após o desenvolvimento desta pesquisa, é uma prática na qual os docentes Apyãwa, primeiramente, considerem o conhecimento cultural que as crianças já possuem quando chegam na escola. E que possam desenhar sobre estes conhecimentos, porque, assim, estarão trabalhando com uma representação gráfica dos animais, das frutas, dos passarinhos, da aldeia, da *Takãra*, dos rituais, enfim. Como diz Cagliari (1996), o desenho é a primeira forma de escrita e, neste caso, as crianças já estarão escrevendo sobre o mundo delas, através do desenho.

A escrita dos textos espontâneos também deve ser incentivada pelos docentes, pois, desse modo as crianças estarão refletindo sobre a forma escrita, como vimos nos desenhos elaborados por Arywi, Xakowe e Tomã (Figuras 18, 19 e 20) e, cada vez mais, irão se apropriando das formas adequadas para se expressarem através da escrita.

Os docentes também vão colaborar no processo de aprendizagem da escrita, através de desenhos e palavras contextualizadas, quer dizer, imagens que fazem parte do mundo da criança Apyãwa, como vimos no relato sobre o trabalho da professora Moray'i. Dessa forma, as crianças irão adquirindo a escrita de uma maneira lúdica, como se fosse um joguinho. Os alunos ficam muito alegres com este tipo de brincadeira com a formação das palavras. Os jogos, as brincadeiras, as dramatizações e as músicas favorecem muito o processo de aquisição da escrita, como vimos nos depoimentos dos professores Josimar Xawapare'ymi Tapirapé (Box 3) e Júlio Cesar Tawy'i Tapirapé (Box 2).

Destaco, também que as produções de textos e desenhos elaborados pelas crianças podem ser expostos num varal na sala de aula, o que facilita a aquisição da linguagem escrita, pois, assim, elas estarão vendo as palavras escritas relacionadas com os desenhos.

Os docentes podem colaborar neste processo, disponibilizando as formas adequadas da escrita, como vimos na atitude dos primeiros professores Apyãwa.

Reforço, ainda, que todo este trabalho deve ser realizado em língua materna, para fortalecer a nossa língua e não deixar ela ir morrendo só por causa da língua portuguesa.

As Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena, documento publicado pelo Ministério da Educação, MEC, em 1993, destaca no item 3.4 que:

a) cada povo tem o direito constitucional de utilizar sua língua materna indígena na escola, isto é, no processo educativo oral e escrito, de todos os conteúdos curriculares, assim como no desenvolvimento e reelaboração dinâmica do conhecimento de sua língua;

b) cada povo tem o direito de aprender na escola o português como segunda língua, em suas modalidades oral e escrita, em seus vários registros - formal, coloquial, etc.

c) a língua materna de uma comunidade é parte integrante de sua cultura e, simultaneamente, o código com que se organiza e se mantém integrado todo o conhecimento acumulado ao longo das gerações, que assegura a vida de todos os indivíduos na comunidade. Novos conhecimentos são mais naturais e efetivamente incorporados através da língua materna, inclusive o conhecimento de outras línguas.

Dessa forma, nós, que somos professores e professoras da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, temos que estar sempre atentos para que a nossa língua não acabe, porque, sem ela, o nosso modo de compreender o mundo vai ficar muito prejudicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o compromisso como educadora é oportunizar aos estudantes uma experiência em que a alfabetização e o letramento sejam processos de inscrição social, posso afirmar que isso eu sempre venho buscando tempo todo, durante toda a minha trajetória como profissional da educação. É um assunto de suma importância para pensarmos e construirmos uma reflexão sobre um novo paradigma de alfabetização das crianças Apyãwa, para fortalecimento do contexto escolar da nossa sociedade, que tem como princípio o fato de a criança ser sujeito ativo do seu próprio processo de alfabetização e, portanto, devem ser consideradas como capazes de constituir um verdadeiro letramento social.

As reflexões surgiram do tema Alfabetização das Crianças Apyãwa e Letramento em Língua Materna e, durante o desenvolvimento da pesquisa, constatamos que o processo de alfabetização na língua materna, com temas próprios da realidade vivenciada pelas crianças Apyãwa, se adequa ao processo educativo sociocultural da nossa comunidade, como observamos nas experiências relatadas pelos primeiros professores de nossa escola e nas participações que realizamos nas aulas da professora integradora Moray'i (Mareaparygi Lisete Tapirapé) e do professor Irimakwao (Júlio César Tawy'i Tapirapé). Nossos dados revelaram que, ainda hoje, as crianças produzem desenhos e textos espontâneos quando têm oportunidade, mostrando sua autonomia no processo de aquisição da escrita.

A pesquisa nos mostra que ainda há uma deficiência muito grande no processo de aprendizagem, quando observamos a utilização do modelo da metodologia da sociedade ocidental, aplicado por alguns professores na alfabetização, respeitando a língua materna da criança Apyãwa, com o ensino baseado em exercícios repetitivos que não consideram a criança como um sujeito ativo do seu próprio processo de aquisição da escrita. Dessa forma, relega-se a segundo plano a especificidade do povo Apyãwa, além de promover um trabalho fragmentado na escola.

O motivo da realização desta pesquisa, surgiu com a finalidade de analisar o processo de ensino e de aprendizagem durante a alfabetização e, a partir dos conhecimentos coletados e analisados, sugerir uma proposta possibilidade teórico-metodológicas que contemplem a nossa realidade, superando as dificuldades que se encontra na alfabetização e consolidando um processo de letramento a partir de nossa realidade sociocultural.

Considerando esta pesquisa, investigamos as metodologias abordadas pelos professores que atuam na alfabetização, para produzir uma alternativa do ensino na língua materna que atenda a demanda da comunidade Apyãwa referente ao letramento. No decorrer do tempo de estudo, observei que alguns docentes dos anos iniciais da vida escolar Apyãwa, utilizam uma metodologia baseada em fragmentação silábica, semelhante à adotada nas escolas não indígenas.

Essa experiência me deixou a certeza de que não se pode propor um planejamento pedagógico pronto e acabado, mas contribuir para que cada professor Apyãwa, cada escola indígena consiga construir os seus sistemas próprios e autônomos, que esses sejam integrados e reconhecidos no sistema nacional. E, nesses sistemas, as línguas indígenas e as culturas indígenas com seus conhecimentos milenares, devem ser o foco principal dos currículos das escolas indígenas.

Neste sentido, o assunto pesquisado mostra sua grande importância para o fortalecimento do ensino de alfabetização e letramento em nossa língua materna. Diante disso, considero que este trabalho seja um incentivo a outros pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam aos estudos de aquisição da escrita em escolas indígenas e, assim, deixo o meu trabalho à disposição para análise e acréscimos à esta pesquisa.

REFERÊNCIAS CONSULTORES APYÃWA

TAPIRAPÉ, José Pio Xywaeri. Grande liderança do povo Apyãwa, cacique por vários anos, ancião e sábio da comunidade, com 73 anos de idade. **Epistemologias do Povo Apyãwa**. Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT, 2022.

TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare'ymi. Professor da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, docente muito experiente, com 51 anos de idade. Atual Diretor da Escola. **Epistemologias do Povo Apyãwa**. Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT, 2022.

TAPIRAPÉ, Júlio César Tawy'i. Professor da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, docente muito experiente, com 52 anos de idade. **Epistemologias do Povo Apyãwa**. Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT, 2022.

TAPIRAPÉ, Kamoriwa'i Elber. Professor da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa, docente muito experiente, com 53 anos de idade. Cacique Geral do povo Apyãwa. **Epistemologias do Povo Apyãwa**. Aldeia Tapi'itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT, 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAUURRE, M. Bernadete M.; FIAD, Raquel S.; MAYRINK-SABINSON, M. Laura. **Cenas de Aquisição da Escrita** – o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB)/Mercado das Letras, 1997.

BALDUS, Herbert. **Tapirapé** – Tribo tupi no Brasil Central. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Leitura e Alfabetização**: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDBEN. 9394/1996.

BRASIL. **Diretrizes para a política nacional de educação escolar indígena**. Cadernos de educação básica, série institucional, vol. 2. Brasília: MEC, 1993.

CAGLIARI, Luís. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1996.

CIMI - Conselho Indigenista Missionário. **Relatório do Encontro de Professores Indígenas de Mato Grosso**. Cuiabá, 1991. (mimeo.)

COMUNIDADE TAPIRAPÉ. **Xanetawa parageta** – histórias das nossas aldeias. São Paulo-Brasília: MARI/MEC/PNUD, 1996.

ESCOLA INDÍGENA ESTADUAL “TAPI’ITÃWA”. **Projeto Político Pedagógico**. Aldeia Tapi’itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT, 2009.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Metodologia de Pesquisa Educacional – Pedagogia Intercultural**. Cáceres: Layout Gráfica, 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** – em três artigos que se completam. São Paulo, Autores Associados: Cortez Editora, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

PAULA, Eunice Dias de. **Escola Tapirapé**: Processo de Apropriação de Educação Escolar por uma Sociedade Tupi. Monografia Final do Curso de Pedagogia apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT, Luciara, MT, 1997.

PAULA, Eunice Dias de. **Os Tapirapé e a escrita**: indícios de uma relação singular. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos apresentada à Faculdade de Letras, UFG, 2001.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras** – para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SOARES, Magda Becker e BATISTA, Antônio A. G. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFG, 2005. (Coleção Alfabetização e Letramento).

TAPIRAPÉ, Katypyxowa Graciela. **Letramento na Cultura Apyãwa e na Escola**. Monografia de Conclusão da Licenciatura em Pedagogia Intercultural apresentada à Faculdade Indígena Intercultural, FAINDI, da Universidade do Estado de Mato Grosso. Barra do Bugres, MT, 2022.

TAPIRAPÉ, Koxawiri. **A aquisição da língua materna pela criança Apyãwa**. Monografia de conclusão do curso de Ensino Médio Projeto Aranowa’yao, apresentada à Escola Indígena Estadual Tapi’itãwa. Aldeia Tapi’itãwa, Terra Indígena Urubu Branco, Confresa, MT, 2012.

WAGLEY, Charles. **Lágrimas de Boas-Vindas** – os índios Tapirapé do Brasil Central. Belo Horizonte, Itatiaia/EDUSP, 1988.

ANEXO I: PRODUTO PEDAGÓGICO

O meu produto pedagógico é um livro e um áudio com as cantigas de ninar do povo Apyãwa e foi desenvolvido como um resultado da minha pesquisa da Dissertação de Mestrado intitulada Alfabetização das crianças Apyãwa e letramento em língua materna, defendida e aprovada no dia 15.09.2022, no Programa de Pós Graduação em Ensino em Contexto Indígena e Intercultural, PPGECH, da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, *Campus* Deputado Estadual Renê Barbour, Barra do Bugres, MT.

O livro se chama Pityga Mamoraaitãwa, Pityga Mao'iãwa 'Cantigas de Ninar' e foi planejado como um material de apoio pedagógico aos docentes das séries iniciais da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. Ao ouvir as cantigas, as crianças terão facilidade para entender as letras das músicas, o que favorecerá o processo de letramento em língua materna.

**PITYGA MAMORAAITAWA,
PITYGA MAO'IAWA**



**KOXAWIRI TAPIRAPÉ
2022**

TE'OMARA KOME'OYPYAWA

Pityga Mamoraaitawa, Pityga mao'iawa a'eramo raka'e mi kwewiwe Apyãwa amagy irekawo awaxa konomi we, awaxa kotatai we ixokygatyamae'i ramo we. Axekwe ro'õ raka'e mi ixaryja, tamoja, iy'yra, ixaxe, itotyra, towyra, enyra, ikywyrã, tykera, tyke'yra agy ipyro irekawo pitygay, pitygarowa imamoraãjta imaaryarypa irekawo pityga, ixaj'a ramo xowe ro'õ imao'i imaxaj'apa'aka imageta.

Apyãwa ro'õ rãka'e mi amagy pityga mamoraãjtawa ãrimo, ypytonimo iraãpyka iryna apykawa re, imapa'yma ima'yma a'owa re, axekwe ro'õ iraxenoga ini pe imapa'yma ima'yma axee. Emanyn ro'õ raka'e mi pityga mao'iawa imagy ãrimo, ypytonimo, axetana ro'o rãka'e mi namagypawi irekawo amyjnawa ropi, maryjxe ro'o rãka'e mi amowera magyawa ypytonimo, a'era ro'õ rãka'e mi awyripe xe pityga mao'iawa imagypaãp akawo. A'era ro'o rãka'e mi emanyn Apyãwa ikwaãwi pityga mao'iawa.

Ywaripe tana mi kare pityga mamoraãjtawa, pityga mao'iawa Apyãwa namagyj irekawo ymy imagyawerimo, amoweri pexe mi ã 'y wemiãrĩõ, wymymino agy ixewetekweri xe amowera imagy rano. Emanyn xepe a'eramo ã ximakaxym imanawo xarexeka irekawo xerexewi.

A'ere wepy'ããwa ramo ã akwaxiat inoga xerexaope pityga mamoraãjtawa, pityga mao'iawa ima'ewo ipype pitywera ikwaxiaãwa re, imagetaãwa re, iparageta re, imaraka re marygato imagyawa re rano. Axekwe ia'ygakata ixope ma'ema'e pityga mamoraãjtawa pewara rexaka, ma'ema'e pityga mao'iawa pewara rexaka rano. Ima'ewo pitywera irekawo ee xema'eajpexee'ym rano, emanynie ekwe a'egy ikwaãwi rano. Emanyn kwee a'eramo xe'aranowa ã te'omara apaãwa re.

Ã te'omara apaãwa re a'eramo xepyroara Maxa'io'i, a'ega karaãkaj aãpa
axema'epapawa pe, a'exe kwee arawak iapawo pitywera ma'eawa mo irota. Te'omara re
ipyroarera gy a'eramo Iapire'i, Wario, Atapa, Xywapare'i, Makapyxowi.

PITYGA MAMORAÃJTAWA, IMAO'IAWA MYWI

TOAWERA

Apyãwa paxewera remikwaawa mõi ro'õ pityga mao'iawa ika axygoo wi. A'e gy xe ro'õ raka'e wereka emi teka. Maryn ro'õ raka'e mi a'e gy xe imao'i awaxa gy irakwapa ka'ã ropi. Yypa ropi ro'õ mi imao'i irakwapa. Emi xepe ro'õ a'egy rekwawa ranõ.

A'e ro'õ raka'e pa ma'e paxe mõi aa akawo ataara mõi ka'ã ropi, a'e pe ro'õ raka'e ienowi aawo a'yma emi teka paroawa. A'e wi we ro'õ raka'e itori wetymagaty.

Ienowire ro'õ raka'e a'ega imaypy iparowo wymymino agy imao'iwo ipype.

PITYGA MAMORAITĀWA

1. Yrywaxa'i mamarakaãwa

Yrywaxa'i ka'ema mō

Araa newi

Yrywaxa'i ka'ema mō

Araa newi

Xoa'i akyra re nea ramō

Araa newi

Xoa'i akyra re nea ramō

Araa newi

Yrywaxa'i xe imaryixe xe

Toxe, toxe, toxe

Toxe, toxe, toxe

Yrywaxa'i emi to'ixigi retamo ka'ãete ropi xe akwawama'e. Maryn a'egy hã ka'akyraby. Axetana a'e gy ikwawi ka'aete ropi xe. Emi wyra mō a'o ywa ka'aropiwara.

Axekwe ro'õ raka'e, epe wyra rera pe iapa xanerowiawa gy maraka pityga mamoraajtawa ramō. Exanami maraka pe ix'e'egi yrywaxa'i re ywa re.

Amō maraka pe xowe epe ix'e'egi yrywaxa'i maryixere. Axetana ro'õ raka'e mi yrywaxa'i etee'ymawe emanyn ix'e'egi, pityga rekaiwa we ro'õ raka'e mi epae'i xanerowiawa gy.

Axekwe ro'õ raka'e emi maraka re imamoraaj xeawi pityga, exanami: konomi, kotatai. Axetana ro'õ rãka'e mi

pityga i'akwaãwere'ymi xe imamoraãjtap yrywaxa'i maraka re, i'yryrykwera tana ro'õ rãka'e mi namamoraãj yrywaxa'i mamarakaãwa re, akaj'i rapa ro'õ pityga aawo tataxapy'o pe, niwaxaj'i ro'õ yrywaxa'i a'ewa mo tataxapy'o re.

A'era ro'õ raka'e mi emanyn xaneramoja gy iparo epe maraka.

2. Xiripipina mamarakaãwa

Tarataraki xe ipyxowi

Tarataraki xe ipyxowi

Tarataraki xe ipyxowi

Xiripipina emi xapakani mō, xaporokokoja retamo xepe.
Emi wyra mō hã pytygama'e.

Xiripipina akwap ka'ãete ropi xō ropi ranō. Axekwe emi
wyrā i'o ma'ea'a. Ypytonimo xe ixeparakari emi wyrā.
Xiripipina wyrā awewe ma'e.

Axekwe ro'ō raka'e xanerojawa gy imamaraka xiripipina
py xowi awaxa mamoraitawa ramō. Maryn ro'ō raka'e mi
imamoraajxe'i konomi, kotatai ee.

A'era ro'ō raka'e mi emanyyn iparo irekawo epe maraka.

3. Inamo'i mamarakaãwa

Inamo'i pyxorixori

Inamo'i pyxorixori

Wawekire wawekire

Toro, toro

Inamo'i emi wyramo hapytyga ma'e, ewirawa ma'e.
Axekwe emi wyramo i'o ywa xõ ropi wara koiwera.

Inamo'i emi wyra awewema'e. Axetana a'egy ikwawi
xõ ropie.

A'e ro'õ raka'e xaneramoja gy amamaraka pityga
mamoraaitawa ramõ. A'era mõ maraka ix'e'egi
ipyxorire. Ipyxori nami wawekaramo reaxawo ro'õ
raka'e emanyn imamarakaap.

Axekwe ro'õ raka'e epe marakare imamoraaj xeawi konomi, kotatai. Emanyn ro'õ raka'e kwewiwe epe marakã paroawa.

4. Xakami mamarakaãwa

Xakami, Xakami rori rori

Xakami, Xakami rori rori

Hetoeto!

Hetoeto!

Teapion!!

Kanawanawa oxixe

Ipyxo'y tamakora emiarõ

Emekwaxigahyhy a'ere

Kwewiwe ro'õ rãka'e Apyãwa mo xireka imagywo
Xakami mamarakaãwa pityga mamoraãjtawa ramo,
axekwe ro'õ xakami rexaka ximamaraka pityga xai'a
ramõ imaxyrõxyrõwo ipype iweateeteewo ixai'aãwa
wi. A'eramo emanyn imagyap ã marakã.

PITYGA IETYKIPYRERI MAMORAAITÃWA

1

Xii, xii, xii, xii a'yri

Xii, xii, xii, xii a'yri

Toxi, toxi a'yri

Toxi, toxi a'yri

2. Iemoawa



Xii, xii, xii, xii a'yri

Xii, xii, xii, xii, a'yri

Toxi, toxi a'yroho

Toxi, toxi a'yroho

PITYGA MAO'IAWA

1. Axygoo pitygamao'iawa

Hoo, hoo

Hoo, hoo

2. Iapyretarogawa

Hoo, hoo

Hoo, hoo

Orokore'a

Inamipoko

Inamipepa

Ekiri

3. Orokore'a nami amarakaãwa

Orokore'a xe

Inamipoko

Orokore'a xe

Inamipoko

Epe pityga mao'iawa ro'õ aka axygoo wi. Epega pexepe ro'õ mi a'egy imao'i awaxa gy irakwapa ixai'a ramo ranõ.

Amaget tamo reaxawo ro'õ mi epega ia'ysi ixope ranõ.
A'era ro'õ raka'e emanyn xanerojawa gy imagy irota
irekawo epe pityga mao'iawa.

Axekwe ro'õ raka'e xanerojawa gy iapyreta. Exana mi ro'õ
raka'e image ipype wya rera, orokore'a na ina inamipoko,
inamipepare reaxawo rano raka'e emanyn iapa.

A'era apyawa reka pe pityga imao'iawixe'i ipype; exana
konomi, kotatai.

Orokore'a emi xapakani mo hã pytyga ma'e. Maryn ro'õ mi
naxekwaawi akwapa axepyapyawo ywyraxowera re arimo.
Orokore'a a'o ma'era'a pyra. Emi wyramo ro'õ axeparakat
ypytonimo xe. Arimo xowe ro'õ ixepyapya akwapa ywyr
aketa.

4. Xakarerapepi mamarakaawa

Xakarerapepira

Ipoopooi

Ipoopooi

Xakare emi temiara mō a'yryryka ma'e. Axetana a'egy kaaweteawa 'y, ywyete ropi m ikwawi ranō. Emi temiara mō a'o ma'ea'a, exana mi ipira ra'a.

A'e ro'ō raka'e xaneramoja gy amamaraka pityga mao'iawa ramō. Apepi poopooi na mi pityga wapeyja ramō, reaxawo ro'ō aepira re ix'e'egi maraka.

A'e ramo ro'ō raka'e mi pityga magematata epe maraka ia'ygi ixo pe.

Axekwe ro'ō konomi, kotatai ima'o'iawixe'i ipype. Emayn ro'ō kwewiwe iparoawa.

5. Anoxao reikwaxo'axo'a mamarakaãwa

Anoxoho

Reikwaxo'axo'a

Anoxoho

Reikwaxo'axo'a

Anoxao emi temiarayra mō, ewirawaixe ma'e.

Anoxao a'o xōkyra, a'e mi akwap xō ropi ka'a ropi.

Axekwe ro'ō raka'e ã xanerojawa gy imamaraka awaxa
mao'iawa ramo.

A'e ramo maraka pe ixē'egi anoxao rewirawaixe re.

Epega pe ro'ō raka'e mi konomi, kotatai imageri ixara gy.

Maryn ro'ō raka'e mi pityga imageawixe'i ipype.